
SANDRA
BROWN
A PRAIA DO DESEJO

Índice

SINOPSE
CAPÍTULO I
CAPÍTULO II
CAPÍTULO III
CAPÍTULO IV
CAPÍTULO V
CAPÍTULO VI
CAPÍTULO VII
CAPÍTULO VIII
CAPÍTULO IX
CAPÍTULO X
CAPITULO XI
CAPÍTULO XII
CAPÍTULO XIII
CAPÍTULO XIV
FICHA TÉCNICA

A PRAIA DO DESEJO

SINOPSE

A magia daquele lugar a impulsiona para os braços de Derek.

Um estremecimento de prazer percorre o corpo de Caren. Jamais ouvira na vida uma proposta tão erótica como aquela. Ao mesmo tempo em que a atrai, Derek a assusta, pois de repente a desperta para um mundo de paixão.

Caren sabe que só afastando de si o medo de viver intensamente poderá descobrir as delícias do amor.

CAPÍTULO I

Sentada diante da mesa de seu chefe, Caren Blakemore moveu-se desconfortavelmente na cadeira. Acabara de ser repreendida por ter mandado uma simples carta ao destinatário errado. No entanto, uma falha pequena como aquela lhe causara um grande transtorno.

— Devia ter um pouco mais de cuidado, Caren — tornou a insistir Larry Watson, seu chefe.

Ele era um alto funcionário dentro do governo dos Estados Unidos e, apesar disso, sabia lidar com os subalternos sem prepotência e até com compaixão quando um deles errava.

— Certo Larry. Você tem toda razão, o que aconteceu foi uma falha humana.

— Napoleão deve ter dito isso quando perdeu a batalha de Waterloo — ele ironizou.

— Tudo bem, sei que errei, mas não precisa ser tão sarcástico.

— Ótimo, mas mesmo assim quero que entenda a gravidade da situação criada. Você enviou a carta ao funcionário errado! Desta vez, não houve nada sério porque se tratava apenas de uma correspondência pessoal, mas e se fosse um assunto secreto? Um erro como este dentro do Departamento de Estado pode gerar altos riscos para a segurança.

— Ora, vamos! — reclamou, levantando-se irritada. — Sei muito bem que lido com documentos confidenciais, Larry. Cometi um equívoco, mas será que só por causa disto terei de ser interrogada pela C.I.A.?

— Agora é você quem está sendo sarcástica.

— Sabe de uma coisa? — Caren o encarou. — Se você não estiver satisfeito com meu trabalho, é só me despedir.

— Me desculpe, Caren. Acho que fui muito rude com você, mas é para seu próprio bem.

— Está falando como minha mãe — retrucou, sentindo-se deprimida.

Repentinamente, a tristeza que a vinha dominando neste último ano, desde que seu casamento se desfizera, acentuara-se com o incidente da carta. Mais uma vez sentia-se derrotada.

— Pode ser que não faça sentido, Caren, mas insisto que essa bronca toda é para seu bem. Detestaria perdê-la, pois a considero uma excelente secretária

e, além do mais, sei que está prestes a receber a promoção que tanto deseja, não é?

— É verdade, conto com ela.

— Por causa de dinheiro?

— Esta é uma das razões. O colégio de Kristin custa caro.

— Por que não manda sua irmã para uma escola estadual?

— Antes de mamãe morrer prometi a ela que daria a Kristin a melhor escola possível e, como você sabe, aqui em Washington as melhores escolas são particulares.

— Mas você acha mesmo necessário que ela continue no internato?

— O problema é que me sinto muito mais segura assim. Não quero que ela fique sozinha em casa à tarde.

— Não entendo por que não aceitou a pensão de Wade à qual tinha direito — comentou ele, com cautela, sabendo que Caren se irritava sempre que o assunto era seu ex-marido.

— Wade só me ofereceu dinheiro para poder ficar de consciência tranqüila depois de ter-me trocado por outra mulher. Jamais aceitaria ajuda dele nestas condições. Quando nosso divórcio ficou pronto, romperam-se todos os vínculos entre nós, inclusive os financeiros.

Mesmo já estando separada há um ano, falar em Wade ainda fazia Caren sofrer muito. Ela esperava que, após a promoção, pudesse dar um novo rumo à sua vida, mas, com a falha que acabara de cometer, praticamente havia perdido todas as chances.

— Quer um conselho, Caren? — indagou Larry, despertando-a de suas lembranças amarguradas.

— Tenho o direito de não ouvir?

— Não.

— Então, que remédio? Fale — respondeu, sorrindo.

— Esse erro que você cometeu com a correspondência é o reflexo de muito trabalho. Daqui a pouco você vai ter um colapso físico e mental.

— Puxa, suas previsões não são nada animadoras...

— Caren, tente ser racional: não acha que a carga que carrega já ficou pesada demais? Afinal, seu marido foi um desmiolado que a deixou sem motivo nenhum ...

— Engano seu, Larry. Ele me deixou por causa de outra mulher — ela o interrompeu. — Uma linda e sensual loira, dez anos mais nova que eu.

— Mesmo assim, não creio que seja uma boa razão. Aposto como você é

muito melhor que esta garota.

— Pode ser, mas veja o que você mesmo acabou de dizer: ela é uma garota, ainda, e foi isso que o atraiu.

— Bem, Caren, não adianta chorar sobre o leite derramado. Você teve um ano bastante difícil, readaptando-se à vida de solteira e sustentando Kristin e a si com apenas o seu salário. Acho que precisa de uma semana de descanso.

— Agora eu não posso...

— Mas eu insisto. —- Como assim?

— A escolha é sua: ou tira umas férias ou eu a suspenderei sem remuneração por uma semana.

— Não acredito que tenha coragem de fazer uma coisa destas...

— Não mesmo? Posso, inclusive, dar-lhe uma punição pelo erro que cometeu... Então, o que prefere? Uma semana de férias pagas ou uma suspensão sem remuneração?

— Bem, acho que não tenho muita escolha. Aceito as férias.

— Excelente! A partir deste momento está dispensada.

— Obrigada! Vou agora mesmo telefonar para uma agência de turismo e arrumar minhas malas.

No caminho de casa, tentando driblar o tráfego intenso, Caren sentiu-se até aliviada com a idéia de ficar livre por uns tempos de todo aquele corre-corre de Washington.

Depois do divórcio, ela havia se dedicado exclusivamente ao trabalho, na tentativa de esquecer a desilusão sofrida. Afinal, permanecera casada durante sete anos; um casamento que para ela sempre fora feliz e ajustado.

O abandono do marido fez com que se sentisse a última das mulheres.

Embora tivesse muita fibra, era extremamente difícil para Caren ajustar-se à nova forma de vida, pois ainda sentia a rejeição de Wade.

Acostumada à tranqüilidade do casamento, tornava-se difícil readaptar-se à vida de solteira. Caren conhecia as dificuldades que possuía para se relacionar com outras pessoas. Por outro lado, tinha plena consciência de que, se não procurasse vencer esta faceta da própria personalidade, nunca iria conseguir sair daquela vida fechada.

As férias forçadas que Larry havia lhe oferecido talvez fossem um começo para que ela finalmente saísse do casulo em que se escondera.

Ao chegar em casa, foi logo procurar alguns folhetos de agências de viagem.

Tirando os sapatos, sentou-se na cama e espalhou os prospectos coloridos

diante de si, deliciando-se com as fotografias das praias de areia branca, dos mares azuis, das cascatas e dos crepúsculos tropicais na Jamaica.

Todos aqueles lugares maravilhosos se encontravam apenas a algumas horas de avião dali, prestes a serem desfrutados por quem se dispusesse a sair em busca do sol e da aventura.

Satisfeita, apanhou o telefone e ligou para a escola de Kristin. Ao atender a chamada, a garota lançou sobre Caren uma avalancha de palavras, num entusiasmo comum às adolescentes de sua idade: — Oi, mana! Estou me matando de estudar para a prova de matemática. Hoje nem desço para o jantar. Minha colega de quarto trará uma refeição para mim... E quanto a você, quais são as novas?

— Nem queira saber, tive problemas no serviço.

— Que tipo de problema? Pequeno, médio ou irremediável?

— Quase que irremediável: coloquei um envelope numa caixa de correspondência errada.

Soltando uma risada divertida, Kristin perguntou: — O Larry ficou muito bravo?

— Claro que sim! Me deu a maior bronca!

— Ele é certinho demais, todo cheio de nove horas!

— Não diga isso. Larry fez exatamente o que precisava fazer. Afinal, em meu trabalho não pode haver enganos e, se eu quiser uma promoção, preciso evitar qualquer tipo de erro.

— Você vai conseguir a promoção, maninha...

— Kristin... o que acha de eu tirar uma semana de férias?

— Esplêndido! Para onde você vai?

— Creio que a Jamaica é um bom lugar.

— Fantástico, Caren! Espero que encontre por lá um namorado charmosíssimo.

— Isso só acontece nos romances... E então, aprova minha idéia?

— Claro! Divirta-se ao máximo.

— Você vai precisar passar o fim de semana na escola.

— Tudo bem, Caren. Não se preocupe comigo. Você merece este descanso mais do que ninguém, — Tem mais um detalhe: vou precisar mexer nas nossas economias do banco.

— Quando conseguir a promoção, você poderá repor o dinheiro.

— Certo, então eu vou — respondeu, num fôlego só, temendo arrepender-se.

— Divirta-se e conheça um homem maravilhoso, alguém entre Richard Gere e Robert Redford e com um pouco de senso de humor de Burt Reynolds.

— Vou tentar, querida — concordou, embora acreditando que não teria sorte e ousadia para tanto.

Por outro lado, se pretendia realmente abrir as asas para uma nova vida, teria de armar-se de um pouco de coragem. Naturalmente não ficaria procurando os homens pela praia com um radar, mas, se aparecesse oportunidade de conhecer alguém, não iria desperdiçá-la.

— Antes de partir eu ligo outra vez, dizendo aonde você pode me encontrar no caso de alguma emergência.

— Divirta-se, mana — Kristin a interrompeu. — Pelo menos uma vez na vida pense em você e não se preocupe com nada.

— Obrigada, querida. Tchau.

Ao desligar, Caren tinha consciência de haver mil razões para que não fizesse esta viagem e apenas uma que a incentivava a ir: a vontade de salvar a própria vida, recomeçá-la mais uma vez.

Numa situação como a que enfrentara no último ano, uma mulher possuía apenas duas opções: entregar-se à depressão e se deixar abater pelo desânimo ou lutar para viver; e era esta segunda alternativa que Caren desejava buscar de agora em diante, depois de ter passado doze meses na mais completa melancolia.

Consultando o folheto, encontrou o telefone da agência de turismo e, decidida, discou o número. Quando a voz simpática e prestativa da secretária atendeu do outro lado, Caren falou com a voz trêmula de expectativa: — Alô? Por favor, gostaria de fazer uma viagem para a Jamaica, Olhando o copo de vinho importado que tinha nas mãos, Derek Allen pensou por que não sentia vontade de bebê-lo, apesar de a safra ser excelente e o buque, da melhor qualidade. Provara um gole, no entanto, e achara-o sem sabor.

A falta de entusiasmo para com a bebida era a mesma que a sua anfitriã lhe causava.

Vestindo um négligé transparente, Lana deixava à mostra suas curvas perfeitas. Ela aconchegou-se a um canto do sofá macio, revestido de cetim creme, e fitou o convidado com um sorriso.

— Porque está tão calado, querido? A peça o deixou deprimido? — indagou, referindo-se a uma encenação de um grupo teatral.

Lançando-lhe um olhar sarcástico, Derek refletiu que na certa Lana não entendera as sutilezas da peça que haviam acabado de assistir. Tratava-se de

uma crítica à guerra do Vietnã e só alguém com certo conhecimento de História e Política seria capaz de absorver a mensagem do texto encenado.

Antes da apresentação haviam comparecido a um jantar em black-tie e Derek sentira-se bastante feliz em companhia dos amigos, todos pertencentes à alta sociedade.

No momento, contudo, toda a disposição e bom humor haviam desaparecido.

— A interpretação dos atores foi bem realista — comentou ele, após uma longa pausa.

Impaciente, Lana moveu-se sobre o sofá, aproveitando o gesto para permitir que o négligé deixasse à mostra as pernas bem torneadas, de coxas firmes e roliças.

— Não gostei do tema que o autor escolheu. A guerra é algo muito triste — ela retrucou.

Erguendo-se, Derek aproximou-se da janela colocando o copo sobre uma mesa de canto, procurando disfarçar o desapontamento diante de tanta insensibilidade. Através da vidraça, olhou as águas do Tidal, que refletiam as luzes da cidade.

Colocando as mãos nos bolsos da calça, tentava entender o motivo da irritação que sentia naquele instante. Ultimamente, tudo em sua vida parecia-lhe enfadonho e sem sentido. Só que Derek não conseguia explicar o porquê Apesar de ser uma pessoa sem problemas com dinheiro, roupas, carros e mulheres — como sua anfitriã desta noite — sentia-se cansado das atitudes frívolas e pretensiosas de certos conhecidos. O que o aborrecia mais ainda, porém, era precisar fingir que se divertia na presença deles.

— Qual o problema, Derek? — Lana perguntou, atravessando o tapete macio com os pés descalços, e aproximando-se por detrás dele.

Enlaçando-o, deslizou as mãos macias sob a camisa de seda de Derek, acariciando-lhe lentamente o peito amplo. Com dedos experientes, procurou-lhe os mamilos e afagou-os até enrijecerem, com a precisão de uma cortesã.

Vinda de uma família milionária, a única preocupação de Lana era cuidar da beleza e gastar o dinheiro do pai, conseguindo quantos amantes fosse capaz de ter, até o dia em que fizesse um "bom casamento", com alguém tão rico quanto ela.

— Aposto como sou capaz de fazê-lo esquecer tanto mau humor — sussurrou, pressionando o corpo contra as costas musculosas. Nas pontas dos pés, beijou-lhe o ouvido, ao mesmo tempo em que as mãos escorregavam até

as coxas de Derek.

Em outras ocasiões, os gestos hábeis daquela mulher o fariam tremer de excitação, mas, nesta noite, só estavam servindo para deixá-lo mais furioso.

Virando-se abruptamente, Derek segurou-a pelos ombros com mais força do que pretendia e afastou-a, fitando-a nos olhos.

— Sinto muito, Lana — desculpou-se, diante da expressão assustada. — Esta noite estou meio indisposto — acrescentou, forçando um sorriso.

Jogando para trás os cabelos muito bem cuidados, ela disse: — Bem, já que você não quer, não posso fazer nada.

— Pode, sim: é só aceitar o fato que me sinto indisposto.

— Sabe que para mim é uma surpresa ouvi-lo dizer o meu nome? Você vem aqui, nós nos despimos e fazemos amor. Daí você me agradece e vai embora. Sempre foi assim, por que esta mudança toda agora?

— Estou cansado, tenho tido muitas preocupações — explicou, caminhando devagar em direção à porta.

Embora não quisesse dar a impressão de que fugia, era exatamente isto que estava fazendo.

Segurando-o pelo braço, Lana o impediu de continuar. Afinal, mesmo uma mulher como ela sentia um certo orgulho em ter Derek como amante, apesar de, geralmente, não se importar com quem ia para a cama, contanto que este alguém fosse rico.

— Tenho certeza que posso fazê-lo esquecer todas as preocupações — murmurou, enlaçando-lhe o pescoço, obrigando-o a curvar-se para beijá-la.

Embora a língua de Lana lhe explorasse a boca, Derek, impassível, não correspondeu àquela carícia. Ao invés de desejo, a repulsa diante daquela mulher, tão frívola e vulgar, tomou conta dos seus sentidos.

Quase com violência, Derek agarrou-a pelos braços, obrigando-a a afastar-se.

— Hoje não, Lana.

— Se sair daqui agora, não me procure rança mais — retrucou, furiosa, pois não estava acostumada a ser destratada daquela maneira. — Seu sem-vergonha! Quem você pensa que é? — gritou, perdendo completamente a postura que sempre fazia questão de manter.

Sem responder, Derek abriu a porta e virou-se para olhá-la: de mãos na cintura, Lana o encarava com ódio e sua respiração acelerada agitava-lhe os seios redondos.

Ele a achou bonita, pois, pela primeira vez, não a via fingindo: a raiva

refletida naquele rosto era autêntica e real. Mesmo assim, Derek não a desejou.

— Boa noite — disse, educadamente.

— Ora, vá para o inferno! — gritou, vendo-o fechar a porta atrás de si.

— Até que não é má idéia, considerando de onde acabo de sair — murmurou para si mesmo.

Enquanto caminhava pelo corredor, ainda pôde ouvir uma lista de palavrões que ela lhe berrou a plenos pulmões.

Ao entrar no elevador, Derek sentiu-se um pouco mais aliviado.

Ao chegar ao térreo, atravessou o hall todo revestido em mármore, respirando profundamente, na tentativa de afastar as próprias inseguranças. Cumprimentou o porteiro, que respondeu com polidez.

Assim que pisou na calçada, o flash de uma câmera espocou em seus olhos, cegando-o por alguns segundos.

Num gesto instintivo, protegeu o rosto com o braço, para impedir que o fotografassem de novo. Mesmo assim, dezenas de repórteres continuaram a bater uma foto atrás da outra, ao mesmo tempo em que um grupo de jornalistas o cercava, — Por favor, rapazes. Deixem-me em paz pelo menos uma vez — disse com resignação, procurando livrar-se deles. — Já não me fotografaram o suficiente no teatro, hoje?

— Nunca é o suficiente, Allen. Você é sempre notícia, principalmente quando seu pai está para chegar na cidade — atalhou um dos repórteres.

— Quem lhe passou tal informação? — Derek perguntou, parando abruptamente na calçada e encarando o homem que lhe dirigira a palavra.

Logo o reconheceu como sendo Speck Daniels, o mais ousado e impertinente jornalista que Derek já conhecera. Geralmente, era responsável por reportagens sensacionalistas, sem o menor compromisso com a verdade. Até mesmo sua aparência se mostrava desagradável: vestia uma camisa branca, de colarinho surrado, deixando entrever a barriga grande, sustentada por um par de pernas curtas e tortas. O cabelo era escasso e colava-se à cabeça suada e brilhante, apoiada no pescoço largo, de onde pendia a câmera.

— Oh, sei que a visita de seu pai devia permanecer em segredo, mas você conhece esta cidade: aqui todo mundo sabe de tudo — esclareceu Speck, com um sorriso maldoso.

— Como se sente com a vinda dele? — perguntou um outro repórter.

— Sem comentários... agora, se me permitem, gostaria de ir embora — Derek pediu, impaciente.

— Deve ter alguma coisa a dizer — interferiu Speck, barrando-lhe o caminho com agilidade, apesar de ser bastante gordo. — Há muito tempo não o vê?

— Não tenho nada a declarar... Deixe-me passar — falou Derek entredentes.

— O que o velho Allen iria pensar da moça com quem o senhor saiu esta noite? Ela é alguém especial? — insistiu Speck.

— Vocês têm se encontrado com freqüência? Planejam se casar? — Essa foi uma das perguntas que Derek conseguiu distinguir no meio de tantas indagações.

— Oh, por favor, senhores — respondeu com raiva, enquanto outra câmera fotografava-o de perfil.

Empurrando um dos fotógrafos para o lado, Derek tentou desvencilhar-se do círculo formado a seu redor, mas Speck bloqueou-lhe o caminho de novo.

— Só mais uma foto para o álbum de recordações — Speck ironizou, erguendo a máquina bem próxima ao rosto de Derek, ofuscando-lhe a visão.

Infelizmente para o repórter, Derek recuperou-se com rapidez e, virando-se na direção dele, arrancou-lhe a câmera do pescoço, puxando-a com tanta violência, que as pessoas presentes assustaram-se.

Arremessada contra a parede, a máquina fotográfica espatifou-se diante dos olhos surpresos de todos que, em silêncio, deram passagem a Derek.

— Se você atrapalhar meu caminho mais uma vez, darei um jeito para que seja despedido e que nunca mais encontre emprego nenhum, nem mesmo de entregador de jornais, entendeu? — gritou, ofegante, encarando Speck com ódio.

Controlando-se para não agredir o homenzinho gordo e amedrontado à sua frente, Derek afastou-se em passadas rápidas, e entrou em seu conversível vermelho, estacionado a poucos metros dali.

Segundos depois, dava a partida e desaparecia em alta velocidade, deixando para trás os repórteres atônitos.

Após estacionar o carro na garagem do edifício em que residia, Derek já estava mais calmo. No elevador, encostou-se à parede, respirando profundamente, numa muda repreensão pela atitude que tomara. "Por outro lado", pensou, "aquele tal de Speck merecia muito mais. Ele é o pior tipo de repórter que pode haver na face da Terra".

Na realidade, o que o deixara tão irritado fora a pergunta sobre o pai. Surpreendera-se com o fato de que a visita dele a Washington já se tornara de

domínio público.

Diante de sua reação, Speck provavelmente havia concluído que a vinda do pai o desagradava e, com certeza, publicaria a notícia no jornal com grande espalhafato, mesmo sabendo que estaria distorcendo a realidade. Tal idéia fez Derek arrepender-se de ter saído de casa e proporcionado material para as reportagens sujas de Speck Daniels.

Entrando no apartamento de cobertura, sentiu um arrepio desagradável percorrer-lhe o corpo. A sala ampla estava escura e fria e o único ruído que se escutava era o zumbido do ar condicionado. Na verdade, o local não se tratava de um lar, apenas um lugar onde Derek podia dormir e passar algumas horas quando não tinha nada melhor para fazer.

Devagar, começou a despir-se, enquanto ia para o banheiro, sem se preocupar onde caía cada peça de roupa pois no dia seguinte uma arrumadeira viria recolhê-las.

Abrindo a torneira do chuveiro, entrou no boxe e deixou que a água fria batesse em seu corpo, como um castigo por seu mau comportamento naquela noite, tanto com a mulher como com os jornalistas.

No íntimo, sabia ser ele o único culpado de tudo que lhe acontecera. Aborrecido, desligou a torneira e apoiou as mãos nas paredes de mármore, empurrando-as com força para extravasar um pouco da raiva que ainda o invadia.

Ainda molhado, foi até o quarto e acendeu o abajur sobre a mesa-de-cabeceira, de cuja gaveta tirou uma caderneta de telefones.

— Preciso me afastar daqui por alguns dias — disse, em voz alta.

Apesar de ter uma fazenda próxima à cidade, Derek decidiu que não ficaria longe o suficiente de Washington se fosse para lá. Desejava ir para algum lugar mais distante onde a imprensa não o encontrasse para obrigá-lo a responder perguntas que poderiam embaraçar sua mãe, enfurecer seu pai e desagradar a opinião pública.

Por todas estas razões é que preferia fugir, esconder-se do burburinho da capital.

Assim que uma voz feminina atendeu do outro lado, ele disse: — Gostaria de fazer uma viagem. Quero partir amanhã mesmo, se possível.

— Pois não — respondeu a moça, em um tom divertido. — Só existe um pequeno problema, senhor.

— Qual é?

— Para onde quer ir?

— Ah, sim... — falou, passando a mão pelos cabelos molhados, enquanto procurava pensar em algum lugar ensolarado, a poucas horas de vôo dali. — Vou para a Jamaica — disse, por fim.

Sentindo-se completamente surpresa consigo mesma, Caren Blakemore deitou-se sobre a toalha estendida na praia, usando apenas a parte inferior do biquini.

Jamais na sua vida ousara tomar sol com os seios à mostra, mas agora, decidida a espantar definitivamente os fantasmas do passado, percebeu que fazer algo diferente de vez em quando só poderia ajudá-la a melhorar seu astral.

Durante as primeiras horas da manhã, passara um bom tempo fazendo um imenso monte de areia que, neste instante, servia para escondê-la de olhos curiosos. Se bem que, num lugar como aquele, o risco de alguém invadir sua privacidade era bem pequeno.

Hospedara-se num chalé particular construído defronte à praia, em meio a um tranqüilo e romântico jardim tropical, num local privilegiado, onde ninguém poderia vê-la.

Ela, ao contrário, tinha uma ampla vista para o mar e, caso algum barco de passeio se aproximasse, haveria tempo suficiente para se cobrir antes que olhos indesejados a fitassem.

Satisfeita com a escolha do local, Caren relaxou sob o sol, pensando que, mesmo que nada de emocionante e extraordinário lhe acontecesse naquela viagem, ainda contava com a vantagem de voltar ao escritório com um belíssimo bronzeado.

Além disso, receber as carícias do sol quente sobre os seios nus estava sendo uma experiência fascinante.

Esquecendo-se dos problemas permaneceu deitada, soltando o pensamento, e deixando que apenas seus sentidos trabalhassem.

Ouviu o barulho das ondas banhando as areias quentes, do vento agitando as palmeiras; aspirou o aroma do mar e das flores tropicais, entregando-se àquelas sensações quase que como a um sonho.

De repente, os devaneios de Caren foram interrompidos por um barulho que a princípio ela não conseguiu identificar.

Instantes depois, a origem do ruído materializou-se diante dela num homem alto e musculoso, vestindo short e tênis, correndo em sua direção, ele acabara de saltar o monte de areia.

Surpreso ao ver uma mulher estendida ali, tentou desviar-se para não cair

sobre ela.

— Droga! — gritou o desconhecido, ao pisar em falso.

Procurando recuperar o equilíbrio, agitou os braços, mas foi em vão. No momento seguinte, rolava sobre a areia, indo parar diante de Caren, cheio de raiva, por causa do tombo.

CAPÍTULO II

Os olhos do estranho eram fascinantes. Apesar de serem de um verde transparente, possuíam reflexos dourados que criavam uma maravilhosa harmonia com as pupilas negras e profundas.

Para emoldurar-lhe o rosto de traços perfeitos, cabelos castanhos, com suaves mechas loiras, reluziam sob o sol como o pêlo sedoso de um tigre.

O short usado pelo estranho realçava-lhe as coxas firmes e poderosas. Ele parecia selvagem, primitivo, principalmente ao sorrir da maneira sensual e maliciosa como fez ao cumprimentar Caren.

— Oi! — sussurrou, sem parar de fitá-la.

— O...oi — Caren gaguejou, embaraçada.

— Quase atinjo você... — ele comentou, passando os olhos pelo corpo dela, detendo-se nos seios redondos e bem desenhados.

Com vergonha, Caren puxou a toalha e cobriu-se.

— É... quase... — respondeu, finalmente.

Embora estivesse aberta a novas experiências e aventuras, Caren não esperava que fossem acontecer tão depressa e, ainda por cima, desta maneira inusitada.

— Me desculpe, eu só a vi quando estava praticamente em cima de você. — Sorriu mais uma vez, com malícia. — Também pudera, escondida aqui, atrás de tanta areia...

— Eu pretendia construir um castelo — explicou. Ouvindo isto, ele virou-se, tentando visualizar os contornos de um castelo no monte de areia que acabara de pisotear. Notando-lhe a expressão de incredulidade, ela disse, enquanto arrumava a toalha sobre o corpo: — Não adianta ficar espantado. Eu falei que pretendia construir um castelo — Caren o repreendeu, como se fosse uma professora rigorosa tratando com um aluno traquinas.

— Quem sabe a gente pode fazer um juntos? — sugeriu ele com um sorriso tão sensual e quente que poderia degelar um iceberg. — Aquele chalé é seu?

— É, sim.

— Então, somos vizinhos... Muito prazer, meu nome é Derek Allen — cumprimentou, estendendo-lhe a mão com tanta determinação que a fez sobressaltar-se.

Recriminando-se por ter agido como uma provinciana, estendeu-lhe a mão direita, e com a esquerda segurou a toalha sobre os seios.

— Sou Caren Blakemore — falou e, ao tentar soltar-se dele, Derek reteve-lhe a mão entre as suas.

— Não precisa se preocupar em ficar se cobrindo com esta toalha.

— Preciso, sim — retrucou, com os lábios secos de ansiedade. — Quer fazer o favor de soltar minha mão?

— Seus seios são lindos.

— Obrigada — agradeceu, sentindo o sangue queimar-lhe as faces.

— De nada.

— Não acredito...

— No quê?

— Nesta nossa conversa.

— Por quê? — Derek sorriu.

— Se me conhecesse bem, saberia o por quê — explicou, puxando a mão com força, fazendo-o soltá-la. — Já tomei muito sol hoje... veja só meus braços como estão vermelhos... Não estou acostumada ao sol tropical e não quero me queimar logo no primeiro dia.

Atrapalhada, colocou a esteira na sacola de palha e, sempre segurando a toalha para esconder os seios, levantou-se desajeitadamente com a ajuda de Derek, que ofereceu-lhe o braço como apoio.

— Obrigado e até logo, Sr. ...

— Allen.

— Ah, sim. Obrigada mais uma vez. Espero que se divirta em suas férias.

Tentando aparentar tranqüilidade, deu-lhe as costas e começou a se afastar. De repente ele a chamou: — Ei! Acho que isso aqui é seu.

— Oh! — Caren murmurou, vendo-o erguer o sutiã do biquini nas pontas dos dedos. — Obrigada.

— Não quer vesti-lo?

— Não.

— Tem certeza? Seria um prazer ajudá-la.

— Muito obrigada... mas não quero ajuda... Em seguida, Caren afastou-se, sentindo os olhos de Derek sobre si.

Perturbada, ela correu até chegar à segurança do chalé.

Trêmula da cabeça aos pés, fechou a porta de vidro assim que entrou e dirigiu-se imediatamente para a cozinha. Abrindo a pequena geladeira, retirou a jarra de água que havia posto para gelar na noite anterior e tomou um longo e

refrescante gole, procurando aliviar a secura da garganta.

Só ao chegar ao quarto foi que se lembrou de retirar a toalha que lhe protegia os seios. Em seguida jogou-se na cama, arrependida de seu procedimento com o estranho. Decididamente, agira como uma tola, e, naquele exato momento, o tal Sr. Allen devia estar morrendo de rir dela.

Na certa, agora não teria mais coragem de encará-lo e seria obrigada a passar o resto da temporada no chalé, para não encontrar-se com ele de novo.

Disposta a não arruinar as férias logo no primeiro dia, apanhou a sacola e rumou para a porta, pronta a retornar à praia e desfrutar seu merecido descanso.

Mas de repente resolveu reconsiderar a decisão. Na varanda ensolarada havia uma confortável espreguiçadeira e talvez fosse bem mais seguro ficar por ali mesmo.

Mesmo sabendo que aquela atitude não passava de uma fuga, Caren preferiu ficar longe do olhar provocante daquele homem.

Com medo de ser surpreendida de novo, tratou de vestir imediatamente a parte superior do biquini.

De pé, diante da janela do quarto, Derek bebericou um gole de vinho francês e continuou observando o chalé de sua bela vizinha. Um muro alto separava as duas construções, o que lhe permitia enxergar apenas o telhado do outro bangalô.

Infelizmente, havia conversado pouco com Caren e, portanto, nada sabia sobre ela. Contudo, a mente fantasiosa de Derek encarregou-se de criar um quadro no qual aquela mulher se encaixaria com perfeição. Na certa era casada com algum milionário muito ciumento e, por isso, afastara-se da praia depressa, temendo uma briga com o marido.

A maneira como ela se sobressaltara ao vê-lo fora impressionante. Seus lindos olhos castanhos demonstravam medo mas, mesmo assim, eram delicados e suaves como veludo, formando um harmonioso contraste com os cabelos longos e loiros, presos num gracioso rabo-de-cavalo.

O que mais o atraíra nela, contudo, fora o modo como tinha ficado vermelha ao se dar conta de que ele admirava-lhe os seios nus. Há muito tempo que Derek Allen não via uma mulher enrubescer simplesmente porque um homem a fitava.

Uma outra no lugar dela teria se aproveitado da situação, deitando-se languidamente sobre a esteira e ofereceria-lhe uma visão completa, além de abrir-se num sorriso estudado para seduzi-lo e excitá-lo.

Para surpresa de Derek, fora isso mesmo que ele havia sentido ao deparar-se com Caren, apesar de ela não ter feito nada para atrair-lhe a atenção. E nem seria necessário: seu corpo era escultural e muito feminino, com curvas realmente provocantes. Apenas isto bastava para deixar qualquer um hipnotizado. Só que, além destes, existiam outros atrativos nela: um certo ar de inocência e timidez que o faziam desejar reencontrá-la e desvendar-lhe os segredos.

Despindo o short, largou-o no meio do quarto e caminhou até o banheiro.

Depois de passar um bom tempo na varanda, Caren foi tomar um banho. Saindo do chuveiro, examinou-se no espelho: a pele já começava a adquirir um belo tom de bronzeado. Nada mau para o primeiro dia.

Com movimentos suaves espalhou sobre todo o corpo uma generosa porção de creme hidratante.

Retirando a toalha com a qual envolvera os cabelos molhados, desembaraçou-os bem devagar com os dedos.

No momento em que ia apanhar uma escova, escutou batidas na porta de entrada do chalé.

Colocando rapidamente um vestido tomara-que-caia. Foi nas pontas dos pés espiar através de uma fresta da cortina.

— Oh, não! — sussurrou, vendo Derek Allen do lado de fora. — Será que ele não vai me dar mais sossego?

Irritada, Caren pensou em deixá-lo esperando até que se cansasse e fosse embora. Por outro lado, se viera para a Jamaica disposta a conhecer novas pessoas, também precisaria aprender a se livrar dos indesejáveis.

Reunindo toda coragem que possuía, abriu a porta e fitou-o com uma expressão de poucos amigos.

— Oi — ele a cumprimentou de um modo bastante íntimo, falando não só com a voz mas também com seus profundos olhos de tigre.

Perturbada com aquele olhar insistente, Caren cruzou os braços diante do corpo, notando que as mãos estavam úmidas de suor.

— Posso ajudá-lo em alguma coisa, Sr. Allen? — Indagou, satisfeita com o tom formal e contido que havia conseguido dar às palavras.

— Pode sim, Caren — ele retrucou, não parecendo ter se constrangido nem um pouco com a frieza dela. — Será que você faria a gentileza de me emprestar uma xícara de açúcar?

— C... como? — gaguejou, surpresa com a inocência daquele pedido, justamente quando acreditava que ele estava prestes a convidá-la para sua

cama.

— Uma xícara de açúcar — repetiu, entrando c fechando a porta. — É melhor não deixar o chalé aberto senão o ar condicionado não produzirá efeito... Está gostando daqui? O meu bangalô também é bastante confortável.

— Sr. Allen... — começou a falar, determinada a dizer-lhe que se retirasse, pois mais uma vez invadia-lhe a privacidade.

— Por favor, chame-me de Derek — ele a interrompeu. — Já que vamos ser vizinhos, não acha que podemos nos tratar com mais informalidade?

Vencida pelo jeito amigável dele, Caren percebeu que a melhor atitude num caso assim seria tratá-lo com cordialidade, já que ele não arredaria o pé dali tão facilmente. No entanto, decidiu que só conversaria sobre assuntos corriqueiros, pois não sentia-se disposta a deixar um estranho se intrometer em sua vida.

— Vai fazer um bolo? — ela perguntou, aparentando indiferença.

— Bolo? — Derek pareceu não entender a pergunta.

—- O açúcar... Não é para fazer um bolo?

— Ah, sim... deixe-me ver... — respondeu, sem disfarçar que estava inventando uma mentira naquele instante. — Comprei uma caixa de chá e ia preparar um pouco para mim quando percebi que não tinha açúcar. Detesto usar adoçantes.

A franqueza dele ao admitir que inventava a estória do chá apenas como pretexto para vê-la fez Caren cair na risada.

— Sinto muito, mas também não tenho açúcar — Caren disse, tentando conter a risada.

— Tem certeza?

— Absoluta.

— Bem, e que tal um refrigerante?

— Sr. Allen, não me sinto a fim de fazer o papel de anfitriã perfeita. Meu cabelo está molhado, não me maquiei e também não estou vestida apropriadamente. Além disso... — fez uma ligeira pausa e continuou: — Além disso, não o convidei para vir até aqui.

— Por que não voltou para a praia? — perguntou, sem a menor cerimônia. — Esperei um longo tempo por você.

— Tomei sol na minha varanda para recuperar um pouco de minha privacidade.

— E fez topless?

— O quê? — Caren não conseguiu conter a indignação.

— Perguntei se fez-topless.

— Não, não fiz.

— Por quê? Medo que algum voyeur a incomodasse?

— Não... Só quis evitar os olhares de um vizinho inoportuno. — Surpreso com a presença de espírito de Caren, foi a vez de Derek explodir numa sonora gargalhada, que fez estremecer o peito amplo e musculoso, coberto por uma camiseta larga de algodão macio.

— Você está passando férias sozinha?

— Bem, praticamente sim... — retrucou, hesitante.

— Como é que alguém pode estar praticamente sozinha? Será que pode me explicar? Você não tem marido?

— Não, mas...

— Um amante?

— Não!... Quero dizer, não aqui comigo — mentiu.

— Ótimo! Também estou sozinho. Podemos nos divertir juntos. A dois é bem mais animado.

— E o que sugere que façamos? — perguntou, surpresa com a própria ousadia.

— Acaba de me ocorrer algo... — ele disse, aproximando-se.

— O quê?

— Algo que precisa de duas pessoas para ser concretizado.

— Duas pessoas? — repetiu, sentindo o sangue fugir-lhe das faces.

— Jogar tênis.

— Tênis? — indagou, incrédula.

— Sim, por quê? Você estava pensando em alguma coisa melhor?

—- Não, claro que não — murmurou, enrubescida. — Sabe jogar?

— O quê?

— Tênis... Não é disso que estamos falando? — perguntou, malicioso.

— Ah, claro...

— Sou jogador de primeira categoria. E você?

— Apenas média... Acho que não vai ser nada divertido para você.

— Melhor assim. Se você jogasse melhor do que eu, meu orgulho masculino ficaria irreparavelmente ferido... E que tal irmos mergulhar um dia destes?

— Tenho medo de tubarões... De todas as espécies — ela acrescentou, lançando-lhe um olhar reprovador, fazendo-o rir de novo.

— Será que isto é uma indireta para mim?

— Se a carapuça serviu...

Erguendo a mão, Derek passou os dedos por entre os cabelos grossos e ondulados de Caren.

— Gosto da cor dos seus cabelos — comentou, cor; carinho.

— Obrigada... — ela agradeceu, baixando os olhos.

— Lá na praia, eles estavam presos e não pude perceber como eram compridos. Calculei que deviam vir até aqui — disse, deslizando a mão dos ombros para o peito de Caren, parando no ponto onde os cabelos dela terminavam, e acariciando-lhe a pele fina.

Pousando os dedos a milímetros de distância dos seios bem-feitos, Derek a fitou. Desejava ardentemente tocá-la, experimentar a maciez daquela boca, aspirar o perfume de sua pele, mas sabia que não poderia assustá-la de novo. Por isso, conteve-se. Os olhos amedrontados de Caren e o leve tremor que agitava-lhe o corpo eram sinal de que ainda não se encontrava pronta para ele.

— Onde vai jantar hoje? — Derek afastou-se e reiniciou a conversa em tom corriqueiro.

— Ainda não decidi.

— E quando vai resolver?

Evitando fitá-lo para não se perturbar, ela procurou responder com naturalidade: — Não pretendo fazer planos. Tirei estas férias para descansar e fazer as coisas que quiser e quando tiver vontade.

— Entendo... — concordou, percebendo que ela também o desejava, mas se mantinha cautelosa.

Embora acreditasse conhecer todos os tipos de mulheres, Derek precisou admitir que se encontrava diante de alguém muito especial. Caren Blakemore não seria capaz de ir para a cama com ele apenas para satisfazer seus impulsos. Se quisesse realmente aquela mulher, teria de mudar de tática.

Armando um sorriso irresistível, ele indagou: — Está certa que não tem açúcar para emprestar?

Em resposta, Caren riu, fazendo-o pensar que ela ficaria adorável quando deixasse finalmente cair todas as barreiras que se impunha.

— Tudo bem... reconheço quando perco uma batalha. Até logo, Caren.

— Tchau — retrucou, acompanhando-o até a porta e fechando-a assim que Derek saiu.

Suspirando aliviada, encostou-se na parede para recobrar as forças. É verdade que fizera esta viagem disposta a conhecer alguém, mas jamais havia imaginado que seria um homem como Derek, que a deixava completamente

sem fôlego.

O que fazia com que se sentisse insegura era o fato de ele ser fascinante demais, diferente demais de tudo o que já conhecera na vida. Decididamente, um homem tão viril, tão bonito e atraente não podia ser o ideal para uma mulher como ela, sempre acostumada a hábitos e relacionamentos simples e pacatos, sem grandes paixões.

Antes que Derek resolvesse voltar, Caren decidiu aprontar-se e sair. .

Depois de passear um pouco pelos arredores, resolveu ir jantar.

Entretanto, assim que chegou ao restaurante, Caren pensou com desânimo que não tivera a melhor das idéias em sair desacompanhada. Todas as outras pessoas estavam sentadas em grupos alegres ou aos pares, formando românticos casais que mais pareciam estar em lua-de-mel.

Além de sentir-se estranha e abandonada, Caren também notou, para seu desagrado, que em comparação às mini blusas e camisões vaporosos que as outras mulheres trajavam, o vestido frente-única que usava estava bastante desatualizado.

Apenas uma passada de olhos geral pelo salão, convenceu-a de que no dia seguinte precisaria fazer umas compras com urgência, dispensando completamente as roupas que trouxera.

Satisfeita com a decisão, aproveitou o momento de tranqüilidade para apreciar o ambiente a sua volta.

Sobre as mesas, cobertas com alvas toalhas de linho, um vaso de flores silvestres dava um tom festivo ao lugar.

Uma brisa suave soprava do oceano, vindo juntar-se à música doce dedilhada ao piano.

Absorta, Caren só percebeu a aproximação de Derek quando ele lhe perguntou, sorrindo: — Me atrasei? — Não esperando pela resposta, puxou a cadeira e sentou-se. — Espero que me perdoe.

Embora estivesse muito contente, Caren cruzou as mãos, apoiando-se sobre os cotovelos, e o filou com ar sério: — O senhor tem mesmo muita coragem, Sr. Allen.

— E você tem os, olhos e os seios mais maravilhosos que já vi.

Completamente embaraçada, Caren não foi capaz de dizer nada. Apenas baixou os olhos e mais uma vez sentiu que seu rosto ficava vermelho.

— Você me parece bastante chocada com meu elogio. .. Pensou que eu tivesse esquecido o que vi? Pois está enganada. Recordo-me de cada detalhe do seu corpo.

— Será que podemos falar sobre qualquer outro assunto? — ela o interrompeu.

— Naturalmente! — concordou, estendendo o braço sobre a mesa e segurando-lhe as mãos entre as suas.

— Que tal falarmos sobre o beijo? Não é uma excelente idéia? ... Eu começo: você deixa os homens te beijarem logo no primeiro encontro?

Atordoada demais para pensar no que dizer, Caren sentiu-se salva ao ver que o garçom se aproximava.

—- Os senhores vão querer vinho para o jantar?

— Sim — Derek adiantou-se, antes que Caren tivesse tempo de dizer que não bebia. — Traga-nos o melhor vinho francês da casa.

— Imediatamente, senhor — o garçom respondeu, impressionado com o pedido que acabara de anotar.

— Espero que goste de vinho francês, Caren.

— Claro que sim — murmurou, tentando aparentar naturalidade.

— Você prefere servir-se no buffet ou pedir os pratos à Ia cartel — Bem, as frutas no buffet me parecem deliciosas.

— Tudo bem, então... a escolha é sua — ele concordou, levantando-se e ajudando-a a erguer-se da cadeira.

Com uma ponta de orgulho, Caren percebeu os olhares invejosos que as mulheres das outras mesas lhe lançavam.

Com toda certeza, Derek era o homem mais atraente naquele restaurante. Trajava calças brancas, blazer azul-marinho e uma camisa de seda bege que deixava à mostra a parte superior do peito másculo, coberto de pêlos dourados. Os cabelos dele, acariciados pela luz tênue da lua que começava a surgir, tingiam-se de reflexos prateados.

Chegando ao buffet, repleto com os mais variados pratos, Caren observou que ambos tinham o mesmo gosto para comida: serviram-se de frutas da estação, verduras e carne.

De volta à mesa, Derek apanhou entre os dedos um enorme morango, vermelho e suculento, aproximando-o dos lábios de Caren.

— Abra a boca —-pediu com voz tão rouca, que a fez estremecer.

Por mais simples que fosse aquele gesto, para Caren era.um momento de grande emoção, pois não se lembrava de seu ex-marido tê-la tratado com tanto carinho.

Por um instante, hesitou em aceitar a oferta mas, incapaz de controlar os impulsos, entreabriu os lábios e mordeu a fruta saborosa que Derek segurava.

— Obrigada — agradeceu, sorrindo e erguendo os olhos para fitá-lo.

— Não há de quê — ele retrucou em tom formal, que nada tinha a ver com a sensualidade em sua voz.

Neste instante, o garçom aproximou-se e serviu o vinho, esperando pacientemente que Derek o aprovasse. Só em seguida encheu o copo de Caren, afastando-se em silêncio.

— Um brinde a nós — disse ele, fazendo os copos tocarem-se.

Em seguida, ambos sorveram um gole de bebida gelada e saborosa.

— Gostou do vinho? — Derek perguntou, enquanto colocava o copo ao lado do prato.

— É uma delícia...

Caren tinha consciência da magia daquele momento e sabia não possuir energia suficiente para escapar ao fascínio que Derek exercia sobre ela.

O vinho já surtia seus efeitos. O álcool subira-lhe imediatamente à cabeça, dando-lhe a sensação de estar flutuando no ar.

— fá foi casada? — indagou ele, causando-lhe um sobressalto.

— Fui, até um ano atrás.

— É divorciada?

— Sou.

— Divórcio litigioso?

— Sim — respondeu secamente, decidida a pôr logo um final na conversa.

— Você tem família?

— Você quer dizer filhos?

— Isso mesmo.

— Não. Tenho apenas uma irmã mais nova, de dezesseis anos, que estuda. Somos só nós duas.

Em seguida, como se tivesse feito um acordo, não conversaram mais sobre assuntos pessoais, apenas sobre generalidades. De particular, Caren apenas contou que era secretária, mas Derek não lhe perguntou nem onde nem para quem trabalhava.

— E você, o que faz? — ela quis saber.

— Sou fazendeiro.

— Fazendeiro?!

— Isso a surpreende?

— Surpreender é pouco. Estou chocada, isto sim.

— Por quê?

— Bem, na realidade, não conheço nenhum fazendeiro, mas acho que você

está brincando comigo...

— Então, o que acha que eu sou?

— Hum... deixe-me pensar... Ah, já sei: jogador profissional de pólo, ou talvez artista...

— Veja só como as aparências enganam. Não sou uma coisa nem outra.

— Talvez, então, um gigolô... — zombou.

— Ah... é esse o juízo que faz de mim? — disse, ressentido.

—- Não, claro que não. Mas fale sério: você é mesmo fazendeiro?

— Sou — afirmou, sorrindo.

— Você cria gado?

— Não... Cavalos — respondeu, aparentemente disposto a não entrar em detalhes sobre sua vida.

Caren compreendeu o recado e calou-se, determinada a não perturbá-lo com mais perguntas.

Após um breve silêncio em que os dois se fitaram intensamente enquanto bebericavam o vinho, Derek falou: — Bem, que tal ir para a cama comigo?

— Não! — Caren quase gritou, surpresa pelo convite inesperado.

— Então só nos resta dançarmos um pouco — continuou ele, com a maior naturalidade.

— Tudo bem — ela respondeu, ainda mal refeita do choque.

Apoiando a mão com suavidade sobre o ombro delicado, Derek a acompanhou até a pista, onde a envolveu em seus braços fortes.

Com delicadeza e determinação, puxou-a para si. Inebriada, Caren se deixou levar pelo prazer daquele instante, com a sensação de que andava nas nuvens, guiada por um anjo tentador.

CAPÍTULO III

Pela primeira vez em muito tempo, Caren sentia o prazer de estar nos braços de um homem. Era uma mulher bastante afetiva e sempre gostara de ser acarinhada. Desde o divórcio, no entanto, não se permitira pensar nesse assunto, pois a dor da rejeição tinha sido muito forte.

Além de possuir uma grande sensibilidade, era também muito feminina e a presença de um homem em sua vida fazia-lhe falta.

A proximidade de Derek acentuou ainda mais seu desejo por uma companhia do sexo oposto, principalmente por alguém como ele, alto c forte.

Teve vontade de encolher-se toda de encontro àquele peito quente e deixar-se proteger.

A masculinidade de Derek contrastava com a delicadeza de Caren e fazia com que desejasse tocar aquela pele macia, aquele corpo musculoso, e, assim, guardar para sempre na lembrança a magia do instante.

— Gosto do seu vestido — ele sussurrou, acariciando-lhe as costas.

— Por que está dizendo isso?

— Como ele não tem alças, posso tocar-lhe a pele — Derek respondeu, envolvendo-lhe os ombros e a nuca com as mãos fortes.

— Fico feliz que o agrade — retrucou, e, vencida pela tentação, deslizou os dedos por entre os cabelos sedosos dele.

Atraído por aquele gesto, Derek encostou-lhe os lábios na testa e permaneceu assim por um longo tempo, até que finalmente falou: — Adoraria dormir com você...

— É mesmo? — indagou num sussurro, não se assustando com o que acabava de ouvir.

Era incrivelmente bom escutar palavras tão sedutoras como aquelas, principalmente depois de ter sido abandonada e trocada por outra mulher.

Quem quer que fosse Derek Allen, ser-lhe-ia sempre grata por fazê-la sentir-se tão bem.

Deslizando os lábios pelo rosto delicado, ele os pousou próximo ao ouvido de Caren.

— Não acha isso natural? Você me atrai. Acho você uma mulher linda...

— Faz isso sempre, Derek?

— O quê? — indagou, fitando-a.

— Conhecer uma mulher, flertar com ela e levá-la em seguida para a cama?

Os olhos de tigre entristeceram-se quando ele confessou: — Sim.

Abaixando a cabeça, Caren engoliu em seco, sentindo-se repentinamente angustiada. Contudo, ficou satisfeita com a maneira franca e honesta com que ele respondeu à pergunta.

— Eu já sou bem diferente de você... Nunca procedi dessa forma. Nem sei se teria coragem de me tornar amante de alguém. Portanto, se achar que perde seu tempo comigo...

— Quietinha — ele sussurrou —, não diga nada. Para mim, já é maravilhoso tê-la em meus braços. Gosto de dançar com, você... Vamos nos concentrar aqui c esquecer o mundo à nossa volta.

Por mais de meia hora dançaram, quase em silêncio. Naquele momento o mais importante era sentir a linguagem dos corpos que se moviam com suavidade.

A maneira como Derek lhe guiava os passos era terna, mas firme, numa intimidade que Caren há muito não experimentava.

Mais tarde, quando o show musical teve início, ambos voltaram para a mesa e ele pediu ao garçom dois coquetéis de frutas tropicais.

Envolvidos pelo ritmo quente da música, reuniram-se aos outros hóspedes, batendo palmas e rindo, contagiados pela alegria das canções jamaicanas.

Horas depois, com o término do espetáculo, eles se retiraram do restaurante, caminhando de braços dados, como se fossem velhos conhecidos.

Ao aproximarem-se do chalé onde estava hospedada, Caren sentiu o coração disparar. Derek poderia cobrar-lhe uma retribuição pela noite encantadora que havia proporcionado. Nervosa, sem saber o que fazer, ela disparou a falar: — A noite foi realmente maravilhosa. Foi ótimo dançar, não foi? Obrigada por ter ido sentar-se à minha mesa. Eu me senti...

Colocando os dedos sobre os lábios delicados, Derek impediu que ela continuasse. Fitando-a nos olhos, aproximou-se ainda mais, pressionando-a com o corpo másculo contra a porta do chalé. Com suavidade, acariciou-lhe o rosto e os cabelos.

Sem conseguir desviar o olhar daquele rosto, Caren sentia-se como que hipnotizada. Estavam tão juntos que as batidas de seu coração pareciam ecoar contra o peito largo e musculoso de Derek.

Com a ponta do dedo indicador, ele contornou os lábios de Caren, afagando-a devagar.

— Você tem uma boca muito provocante, sabia? Incapaz de falar, Caren

apenas engoliu em seco e continuou a escutá-lo.

— Desde que a vi na praia pela primeira vez, estou louco para provar o sabor desta boca maravilhosa.

Em seguida Derek deslizou a mão para o pescoço macio, inclinando-se sobre ela e tocando-lhe os lábios com os seus.

Fechando os olhos, Caren entregou-se àquela carícia, abraçando-o pela cintura.

A princípio, ele apenas tocou-lhe os lábios, num carinho firme e delicado. Em seguida, com a língua, traçou-lhe novamente os contornos, como antes seus dedos já haviam feito.

Caren, ansiosa, não mais podia esconder que o desejava.

Percebendo que ela também o queria, Derek a beijou com impetuosidade, explorando-lhe toda a boca, às vezes com ternura, às vezes com sofreguidão.

Em seguida, com delicadeza, como se quisesse reter o instante para sempre, os lábios de Derek afagaram todo o rosto de Caren, enquanto uma de suas mãos deslizava para o seio farto, envolvendo-o com tal volúpia que ela não pôde conter um gemido de prazer. O desejo de Caren se intensificou quando sentiu o toque daqueles dedos ágeis a pressionar-lhe o mamilo.

Envolvendo-a nos seus braços, Derek a apertou contra si por um longo tempo, escondendo o rosto nos cabelos longos e macios, fazendo-a sentir sua respiração quente e ofegante.

— Você é um amor de pessoa... Boa noite — ele falou, afastando-se um pouco. Depois a beijou de maneira inocente.

Ainda sob o efeito inebriante daqueles carinhos, Caren entrou no chalé, sem mesmo acender as luzes, despiu-se e deitou-se, permanecendo imóvel, como se qualquer gesto que fizesse pudesse despertá-la da magia que ainda permanecia no ar.

Quase instantaneamente, adormeceu com um sorriso nos lábios.

Assim que entrou no chalé em que se hospedava, Derek escutou o telefone tocar.

Com o coração aos saltos, atendeu cheio de expectativa, esperando que fosse Caren, convidando-o para passarem a noite juntos.

Mas a voz que escutou do outro lado da linha o decepcionou. Era um dos secretários de seu pai.

Ah... é você? Como vai? — indagou Derek, tentando imaginar como o haviam encontrado ali. Afinal, fizera total segredo daquela viagem.

— Estou bem, obrigado. O Dr. Allen se encontrava meio indisposto c por

isso não ligou para o senhor.

— Ele está doente?

Doente, não, porém desapontado pelo fato de o senhor ter viajado um dia antes da chegada dele.

Apesar de todo o tato do secretário, Derek tinha certeza que o velho. Allen deveria estar furioso, e não desapontado. Mas o fato não o preocupava, pois o pai era um homem bastante perspicaz e na certa já sabia o motivo por que evitara o encontro. Um dia, mais cedo ou mais tarde, acabaria por perdoá-lo.

--- Sinto muito - retrucou Derek com a mesma polidez. Não pretendo me ausentar por muito tempo e talvez o encontre quando voltar.

—... talvez —- a voz do secretário soou fria —, mas sugiro, como amigo da família, que faça o máximo de esforço para vê-lo. Há muitas coisas que vocês precisam discutir.

— Farei o máximo, esteja certo. Só que preferi não encontrá-lo em Washington. Além de tudo, ele vai ficar ocupado durante todo o tempo que estiver aí.

— É verdade, o Dr. Allen é um homem muito requisitado. E não é para menos. Afinal, além de levar o trabalho muito sério, geralmente acaba fazendo bem mais que o necessário.

O tom de voz no outro lado da linha era, sem dúvida nenhuma, de reprovação. O secretário condenava claramente Derek por levar uma vida diferente da do pai, nunca se preocupando com o dia de amanhã. No entanto, Derek preferiu ignorar a crítica velada que acabara de receber.

— Será que pode me fazer um favor? Diga a papai para descansar o máximo que puder.

— Tudo bem, eu direi.

— Mamãe também está aí em Washington?

— Sim.

— Ótimo! Ela sabe cuidar dele. Diga a eles que mando lembranças. Ah, sim... e, por favor, não diga a ninguém onde me encontrou.

— Ok! Mas o senhor tem certeza de que não pode voltar para Washington?

Embora estivesse sendo bastante educado, as palavras do secretário soaram mais como uma ordem do que uma sugestão.

Derek lançou um olhar para o chalé de Caren. Não sabia se valeria a pena ficar ali para conquistá-la e depois ter que enfrentar a ira do pai.

Mas a lembrança da expressão de Caren ao vê-lo se aproximar da mesa do restaurante, a sinceridade daqueles olhos castanhos e a sensação inebriante de

tê-la nos braços, fez com que Derek se decidisse.

— Sinto muito, mas não posso voltar nos próximos dias — ele respondeu, com firmeza.

— Está bem. Darei o recado ao Dr. Allen. Boa noite, senhor.

— Boa noite.

Recolocando o fone no gancho, Derek sentou-se na borda da cama, fitando a escuridão. Durante toda a vida fora obrigado a fazer escolhas, escolhas que a maioria das pessoas não tinha a menor idéia do que significassem.

Ergueu-se com calma e despiu-se. Em seguida, caminhou para a porta do terraço e abriu-a, deixando entrar a brisa fresca do mar, experimentando como uma carícia o prazer daquele toque sobre o corpo nu.

A noite tropical se mostrava maravilhosa: no céu, as estrelas brilhavam intensamente devido à ausência de uma cidade grande nos arredores. A lua, cujos raios refletiam-se nas águas calmas do oceano, parecia sorrir para as palmeiras que eram acariciadas pela brisa mansa.

Para que aquela tosse uma noite perfeita, só faltava uma pessoa: Caren.

Os olhos dela eram como o veludo negro da noite. E seu corpo macio provocava nele o desejo de tocá-lo por inteiro. Ao beijá-la, teve vontade de não parar, mas o bom-senso o fez deter-se.

Aquela era uma mulher diferente das outras e, embora estivesse claro que ela também o desejava, não queria apressá-la.

Lembrou-se de como o corpo dela colara-se ao seu no momento em que tocou-lhe o seio, e da maneira como suas coxas pressionaram-lhe o sexo rijo, quase enlouquecendo-o. Foi cora muito esforço que conseguiu controlar-se para não possuí-la. Porque, fatalmente, possuí-la significaria perdê-la para sempre e ele não queria correr tal risco.

Se tivesse forçado a situação, com certeza ela se arrependeria no dia seguinte, e o culparia de tê-la seduzido. Geralmente, não se deixava preocupar com esse tipo de acusação, pois sempre haveria uma outra mulher para preencher o dia seguinte.

Agora, no entanto, os fatos eram outros. Não queria Caren apenas para um programa. Ela era uma mulher diferente, pela qual valia a pena lutar e esperar, o que tornaria a conquista ainda mais deliciosa.

Voltando para o quarto, deitou-se sobre os lençóis e adormeceu pensando em Caren, A luz da manhã serviu para dissipar a magia da noite anterior. Enquanto tomava café, Caren recriminava-se por ter-se deixado envolver com tanta facilidade por um estranho. Afinal, permitira que a beijasse e acarinhasse

logo no primeiro dia em que se encontraram. Com certeza, havia perdido o juízo, pois jamais na vida agira de maneira tão impulsiva.

Depositando a xícara de café na mesa, apoiou os calcanhares sobre a cadeira e abaixou a cabeça, descansando a testa sobre os joelhos.

— Hipócrita! — murmurou, irritada por ter se portado de um modo que sempre havia recriminado.

Ainda se recordava da conversa que tivera com Kristin há algumas semanas, quando a irmã a procurara em prantos: — Stacy parecia ser um cara legal, Caren... Nós nos divertimos a "valer no baile... Ele não está envolvido com drogas, nem nada. Sempre achei que fosse um sujeito decente...

As palavras jorravam de sua boca, misturadas a soluços de mágoa. Caren não a interrompeu. Deixou a irmã contar a razão de tanto desencanto com o primeiro namorado, antes de emitir qualquer opinião.

— Mas — continuou Kristin —, assim que estacionou o carro em frente ao meu dormitório, ele se transformou completamente. Gostei que me beijasse mas, depois começou a querer... bem. ... você sabe. Disse que apenas desejava mostrar-me o quanto gostava de mim.

— Todos os homens dizem isso.

— É mesmo?

— Sim, desde Adão e Eva a estória se repete.

— Depois Stacy me perguntou se gostava dele e eu disse que sim. Então ele me pediu uma prova.

— Sabe, querida, a grande maioria dos homens age da mesma maneira.

O rosto de Kristin contraiu-se em um novo acesso de choro.

— Eu gostava tanto dele... e ainda gosto. Mas, se me convidar de novo para sair, vai querer fazer amor comigo, e eu ainda não me sinto preparada. Acho que devo esperar pelo momento exato.

— Então, não se preocupe tanto, Kristin... Quando chegar a hora certa, você saberá.

—- De que jeito?

— Não existem regras para isso. Mas acredite em mim: assim que chegar o momento, você não terá dúvidas. E este tipo de envolvimento é muito mais sério do que as pessoas pensam. Se você está dando uma parte de si para alguém, este alguém deve sentir-se responsável por você e vice-versa. Um deve proteger e cuidar do outro. Até que os dois estejam prontos para assumir este compromisso, a idéia de fazer sexo simplesmente por fazer soa bastante vazia, não é?

— É... eu também acho.

— Sexo é algo que deve envolver muitas emoções. Você deve ouvir a voz do coração e da alma, e não se deixar levar apenas pelo instinto.

Pegando novamente a xícara de café, Caren percebeu que sua mão tremia. Chegara à conclusão de que não dera ouvidos ao coração e à alma e, por isso, deixara-se dominar pelos desejos do corpo. Quando Derek Allen a beijara, suas idéias de "responsabilidade" e "compromisso" desapareceram como que por encanto.

Felizmente, nada de mais sério havia acontecido e hoje era um novo dia. Podia ver tudo mais claro e, caso o encontrasse de novo, seria apenas educada.

À simples idéia de sair do chalé enchia-se de medo. Ao mesmo tempo, sabia que não ia poder ficar trancada ali como um animal acuado. Não permitiria que aquele homem arruinasse suas férias.

Apanhando a sacola e o guarda-sol, caminhou decidida para a praia.

Estendeu a toalha sobre a areia branca, aplicou uma camada generosa de bronzeador e deitou-se confortavelmente, cochilando em seguida, acalentada pelo murmurar das ondas.

— Bom dia! — uma voz masculina despertou-a. Abrindo os olhos e ainda ofuscada pela claridade, virou a cabeça e viu Derek deitado ao seu lado, sorrindo.

— Bom dia — respondeu, ainda não refeita do susto.

— Você levantou cedo.

— Sempre acordo cedo.

— Eu também, mas ontem, à noite custei muito a pegar no sono.

— Sinto muito — ela respondeu, fechando os olhos novamente. Sabia que ele queria fazê-la perguntar o que o mantivera acordado, mas não pretendia dar-lhe a chance de iniciar a conversa que ela tanto queria evitar.

— Parece que você quer ficar sozinha.

— Acertou!

— Tudo bem — Derek retrucou, estendendo a toalha a apenas alguns centímetros dela. — Você fica sozinha aí, que eu fico sozinho aqui.

Embora tentasse com todas as forças, Caren não conseguiu conter um sorriso divertido.

Por alguns minutos, ambos permaneceram em silêncio, e ela desejou saber se Derek a observava, mas não teve coragem de arriscar-se a encará-lo.

— Pode tirar a parte de cima do biquini, se quiser — ele disse, finalmente.

— Não, não quero.

— Prometo não olhar.

— Duvido.

— Gosto de você, Caren. Você é honesta.

— E você é um bisbilhoteiro.

— Tem certeza que não vai fazer topless?

— Absoluta.

— Mas assim o biquini vai deixar marcas.

— Isso não aconteceria se eu pudesse ter minha privacidade de volta.

— Certo, você ganhou. Não falemos mais nisso. Vencida pela curiosidade, ela virou-se para vê-lo.

Estava deitado de lado, fitando-a.

— Sabe de que você precisa? Um daqueles maiôs, com tecido especial, que não impedem o bronzeamento.

— De que você está falando?

— Não venha dizer que você não conhece — ele sorriu. — O tecido não é transparente, mas é feito de tal maneira que deixa passar os raios solares.

— Pare de brincar. Aposto que você acabou de inventar esta estória.

— Claro que não! Li uma reportagem sobre esses maios na revista People deste mês. Você não viu esse artigo?

— Não leio essa revista.

— E como se mantém informada?

— Leio o Time.

— Sei... mas o Time não é tão interessante quanto a People.

— Mas é multo mais informativa.

— Só que você não sabia destes novos maios.

— Certo, desta vez quem ganhou foi você — ela concordou, e os dois riram, divertidos.

Consciente de que se tornava menos distante e que isso poderia causar uma aproximação por parte de Derek, Caren tornou a virar-se para o outro lado.

Apoiado sobre os cotovelos, ele a observou com atenção, feliz pelo fato de ela não ler a revista. Caso contrário, o teria reconhecido pelas fotos e, no momento, pretendia permanecer anônimo.

Deslizando o olhar pelo corpo de Caren, deliciou-se com cada pequeno detalhe do que viu: as pernas eram longas e delgadas, e os pés, pequenos e delicados. Assim, deitada de costas, o abdômen ficava ligeiramente côncavo. Logo mais acima, os seios macios, coroados pelos mamilos, cuja forma podia

ser vista sob o sutiã apertado de biquini.

O rosto era perfeito e os cabelos brilhavam ao sol.

Diante daquela visão perturbadora, Derek foi tomado pelo desejo.

— Na verdade, não importa se você tire a parte de cima do biquini ou não. Já sei como são seus seios e posso passar o dia todo deitado ao seu lado, fantasiando sobre eles.

Certa de que nada que dissesse iria intimidá-lo, Caren mudou de tática, preferindo ignorá-lo, em vez de responder.

Alguns minutos se passaram até que ele mais uma vez rompeu o silêncio: — Eu não apenas vi seus seios como também os toquei.

Completamente surpresa com as palavras audaciosas de Derek, Caren sentou-se, e, nervosa, procurou o vidro de bronzeador dentro da sacola. Com as mãos trêmulas, abriu a tampa, deixando-a cair na areia.

— Droga! — exclamou, irritada.

— Espere, deixe-me ajudá-la antes que você estrague todo o bronzeador.

Antes que ela pudesse protestar, Derek ajoelhou-se, retirando-lhe o vidro das mãos. Com cuidado, depositou um pouco do líquido nos ombros delicados e começou a espalhá-lo devagar, sem deixar de fitá-la nos olhos.

— Lembra-se de ontem, Caren?

— Sim — ela sussurrou.

— Lembra-se de como a beijei? ..... Claro que me lembro...

— E de como a acariciei?

Observando as mãos fortes deslizando pelos seus braços, recordou-se de como elas haviam afagado-lhe os seios. Fechando os olhos, aproximou-se ligeiramente dele antes de dizer: — Sim...

— Então, por que fingir que não houve nada entre a gente?

Em seguida, espalhou o creme pelo estômago firme e macio, esperando pela resposta de Caren.

— Porque o que houve entre nós ontem foi um erro. Não devia ter acontecido.

Curvando-se sobre ela, empurrou-a gentilmente, fazendo-a deitar-se de costas sobre a toalha, inclinando-se de tal maneira que seus rostos quase se tocaram.

— Tem certeza?

— Tenho — retrucou, lutando para não ceder aos fascínios daquele toque em sua pele.

— Por quê?

— Porque não é hábito meu conhecer um homem e... — A inibição dela era tanta que Caren não conseguiu continuar.

— Você é a mulher mais honesta que já encontrei. E isto a torna mais atraente. Todos os seus pensamentos e suas emoções estão à mostra, para quem quiser vê-los. Você tem o dom de ser autêntica em tudo o que faz.

— Levo uma vida bastante simples. Não me sinto preparada para lidar com alguém como você.

Com olhos ávidos, ele observou-lhe o corpo e depois voltou a fitar-lhe o rosto.

— Você está perfeitamente preparada — afirmou, beijando-lhe o lóbulo da orelha e acariciando-lhe o pescoço com a língua.

— Você não entendeu — ela retrucou, perturbada. — Não acho isto certo.

— Por quê? Por acaso eu a magoei.

— Não, mas...

— Eu também não fui magoado. Será que o que aconteceu conosco foi tão terrível assim? — indagou, aproximando os lábios da parte de cima do biquini, sem, no entanto, tocá-la.

— Não, não foi...

Sentindo-lhe a boca tão perto dos seios, Caren ficou na expectativa do prazer que sentiria quando Derek a tocasse.

— Foi uma das noites mais deliciosas que já tive em muitos anos. Estou sendo sincero, acredite-me — Derek respondeu, com um tom de voz que mais era um afago, aproximando agora os lábios da boca de Caren.

Em seguida, a beijou com sofreguidão.

Entregue àquela doce carícia, ela o envolveu num abraço, arqueando-se em sua direção, gemendo de desejo, sem forças para protestar quando ele retirou-lhe o sutiã. Apenas apertou-se contra Derek, deliciando-se com o doce contato do peito forte contra seus seios nus.

Suspirando de prazer, Derek beijou-lhe a ponta do nariz antes de apoderar-se da boca delicada num longo beijo.

Apoiado sobre os braços fortes, ele acariciou-lhe os seios, aumentando-lhe o desejo de ser tocada por inteiro.

Quando, instantes depois, ele afastou-se, Caren mal conseguiu conter o desapontamento.

— Aonde você vai?

— Vou deixá-la um pouco a sós...

Beijou-lhe o ombro demoradamente e continuou: — Aproveite o sol, só não

abuse dele.

Erguendo-se, Derek apanhou a toalha e jogou-a sobre o ombro, antes de avisar: — Você tem até as duas horas. Aí, então, esteja pronta.

— Para quê?

— Para mim.

CAPÍTULO IV

Já no chalé, irritada diante do espelho, Caren parou para refletir sobre o que fazer. Afinal, Derek a estava tratando como se fosse uma marionete, fazendo dela o que queria.

Lá fora, motoqueiros quebravam o silêncio da tarde, deixando-a ainda mais nervosa.

Sentia-se confusa, não sabendo se deveria ficar ali esperando por Derek ou se, como havia planejado antes, deveria sair para fazer compras.

Por fim, decidiu-se pelas compras. Vestiu um conjunto de shorts e blusa xadrez e, ao fitar-se no espelho, percebeu que parecia-se muito mais com uma colegial bem-comportada do que com uma das mulheres fatais a que Derek estava acostumado.

Instantes depois, ao ouvir que batiam à porta, seu coração sobressaltou-se. Na tentativa de esconder o embaraço, depressa colocou os óculos escuros, e foi recebê-lo.

— Oi! — ele cumprimentou, encostado ao batente, com o ar descontraído de sempre.

Mais calma, Caren constatou que Derek não se parecia nem um pouco com um homem que estivesse prestes a levar uma mulher para a cama. Trajava shorts, camiseta sem mangas e sapatos dock-siders, formando exatamente o par perfeito para uma colegial. Divertida com os próprios pensamentos, ela sorriu.

— Disse alguma coisa engraçada? — ele perguntou, interessado.

— Não, eu apenas... — começou a dizer, inter rompendo-se assim que olhou por cima dos ombros dele e viu duas motos estacionadas à entrada. — Para quem são essas motos?

— Para nós! Que cor prefere?

—- Não posso andar nisso... — reclamou, gaguejando.

— Já tentou?

— Não.

—- Então como sabe que não consegue? — indagou, acariciando-lhe docemente o queixo. — Feche a porta e venha.

Hesitante, ela obedeceu-o e apanhou um dos capacetes que lhe estendia.

— Ora, não faça esse ar tão trágico! Vai ser divertido.

— Vou acabar me matando!

— Não, não vai. Uma moto não é muito diferente de uma bicicleta. Já andou de bicicleta, não é mesmo.

— Claro que sim.

— Então vai ser fácil, venha!

Cheio de satisfação por tê-la convencido, Derek explicou-lhe detalhadamente como funcionavam as três marchas e os freios.

Em poucos minutos, estavam ambos dirigindo por uma estrada estreita e cheia de curvas, ladeada por vastas plantações de cana-de-açúcar.

— Que delícia! — ela gritou, para encobrir o barulho dos motores. — Estou adorando.

— Ótimo! Só não fique muito segura de si.

— Por quê? Tem medo que eu me torne melhor motoqueira que você?

— Nunca conseguiria — Derek respondeu, desviando-se de uma pedra.

Desviando os olhos da estrada por alguns segundos, Caren o fitou. Nada poderia ser mais verdadeiro do que acabara de ouvir: não só em coisas simples mas, em tudo na vida, tinha certeza de que jamais conseguiria superar aquele homem tão cheio de experiências.

Chegando ao centro comercial em Montego Bay, estacionaram as motos e prenderam-nas com o cadeado.

— O que gostaria de fazer primeiro? — ele indagou.

— Umas compras.

— Souvenirs!

— Não. Algo para mim.

— Roupas?

— Acertou.

Segurando-a pelo braço, Derek a conduziu em direção a uma das ruas, dizendo: — Tenho certeza que encontraremos uma boa loja aqui por perto.

Instantes depois, Caren encontrou uma butique que a agradava e entrou para provar algumas roupas.

Vendo-a embaraçada com sua presença, Derek inventou uma desculpa para deixá-la mais à vontade.

— Acho que vou esperar lá fora. Aqui dentro está muito abafado.

— Não vou demorar muito — ela respondeu, sorrindo agradecida.

Antes de sair, ele beijou-a rapidamente e afastou-se. O balconista sorriu, na certa acreditando que se tratava de um casal de noivos, e aproximou-se dela: — Posso ajudá-la?

— Sim. Daria para me mostrar aquele vestido de algodão amarelo que eu vi na vitrina?

— Pois não.

Assim que o moço lhe entregou o vestido, Caren se certificou de que acabara de encontrar o que procurava: alças finas prendiam-se num peitilho drapeado, formando um decote profundo na frente e atrás. A saia era de pontas que desciam até pouco abaixo do joelho.

"Sim, com certeza vai ficar lindo com minhas sandálias de tiras e as pulseiras amarelas", pensou, satisfeita.

Provou-o e chegou à conclusão que era perfeito para ela. Sem pensar duas vezes, pediu que o embrulhasse, pagou e saiu.

Curioso, Derek comentou: — Parece que você não comprou muita coisa.

— Só um vestido...

— Neste pacotinho? Puxa, estou louco para ver; deve ser minúsculo.

— Não se entusiasme tanto. É de tecido leve, por isso ficou fácil embrulhá-lo.

Como muitos outros casais em férias, saíram passeando pela calçada, de mãos dadas, parando diante das vitrinas sempre que algo lhes chamava a atenção.

Depois de algum tempo, resolveram entrar num barzinho, escolhendo uma mesa que dava para a imensidão do oceano. Enquanto aguardavam para serem atendidos, Caren recordou-se que, desde o dia anterior, não pensava em Wade e em seu casamento fracassado, o que era bastante surpreendente. Fora Derek, certa mente, quem conseguira tal milagre.

Ele também a fizera sentir-se mulher outra vez.

Era notável como algumas palavras carinhosas e um pouco de atenção fizeram com que ela recuperasse a auto-estima.

Passaram toda a tarde flertando um com o outro. A conversa foi salpicada de palavras de duplo sentido.

Não importava qual o assunto que estivessem discutindo, sempre, em cada frase, gesto ou olhar, pairava no ar algo sugerindo sexo.

Num dado momento, percebendo-a distante, Derek estalou os dedos diante de seus olhos.

— Terra chamando Caren! Terra chamando Caren! — zombou.

Divertida, ela apanhou-lhe a mão no ar e segurou-a afetuosamente entre as suas.

— Desculpe! Só estava sonhando acordada.

— Puxa, é este o efeito que tenho sobre você? Basta lançar-lhe alguns olhares e você fica assim. Que tipo de sonho estava tendo? Erótico? Garanto que eu fazia parte dele.

Em vez de lhe contar que se recordava de seu divórcio, preferiu fitá-lo e dizer num tom sensual: — Não seja tão convencido.

— Vamos, confesse, eu estava no sonho, não estava? — quis saber, apertando-lhe a mão com ternura.

— Pode ser...

— Quer dizer que teve sonhos eróticos comigo... —— Eu não admiti ter sido sonhos eróticos.

-— Isso não quer dizer que nunca os teve.

— E você? Já teve algum?

— Para dizer a verdade, estou tendo um agora — retrucou, olhando-a de tal maneira que a fez se sentir derretida.

A chegada das bebidas que haviam pedido salvou-a do embaraço.

— Este copo está tão bem decorado que me dá pena desmanchá-lo — comentou, diante da bebida toda enfeitada com frutas tropicais. — Hum, está urna delícia — disse, após prová-la. — Por favor, Derek, lembre-me que vou precisar dirigir até o chalé... Essa bebida pode me derrubar...

— Fique tranqüila — ele sorriu — estarei pronto para segurá-la.

"Não duvido", Caren pensou. Ele havia conseguido acabar com sua tristeza e depressão e a fez sentir-se feminina e desejada outra vez. Há muito tempo não desfrutava tal sensação.

— Pode beber sossegada. Eu disse ao barman para colocar pouco rum no seu.

Após terminarem os drinques, caminharam lentamente de volta até o local onde haviam deixado as motos.

Derek envolveu-lhe os ombros e, à medida que andavam, seus quadris tocavam-se compassadamente. Ambos estavam alegres e descontraídos e Caren sabia que aquela felicidade toda não era apenas efeito da bebida.

De repente, como que atingido por um raio, o humor dele mudou. Ficou tenso, e começou a praguejar baixinho. Em seguida, disse qualquer coisa numa língua que ela não reconheceu.

Tudo o que Caren pôde ver foi um homem muito gordo, que chupava um sorvete e vinha na direção deles. Tinha uma câmera fotográfica pendurada no pescoço, mas não parecia ser um turista. As roupas que usava, camisa branca, calças escuras e gravata, não combinavam nem um pouco com um lugar como

aquele, onde todos vestiam shorts e sandálias.

— Venha — Derek murmurou entredentes, puxando-a pelo braço.

Com muita dificuldade, Caren acompanhou-lhe o passo apressado, praticamente correndo pelas ruas estreitas, desviando das barracas de vendedores ambulantes e de pedestres distraídos.

— Derek, o que.

— Por favor, Caren. Ande rápido. Precisamos sair daqui.

Assim que chegaram às motos, ele praticamente enfiou-lhe o capacete na cabeça.

— Vamos, rápido.

Deu partida no motor e esperou que Caren, atrapalhada em manter a alça da bolsa no ombro, também se preparasse. No instante em que ela pôs o motor em funcionamento, Derek partiu na frente em alta velocidade.

Para Caren, que não estava acostumada a dirigir aquele veículo, a corrida pelas ruas estreitas parecia-lhe um verdadeiro suicídio.

Numa das esquinas, Derek freou bruscamente e, apontando para uma viela, ordenou: — Por ali!

Sem fazer perguntas, ela seguiu Derek, preocupada apenas em não perdê-lo de vista.

Mesmo no subúrbio da cidade não diminuíram a velocidade. Embora ninguém os perseguisse, Derek continuava a dirigir como um louco.

Nervosa, Caren assustou-se com um pássaro que saiu das matas e cruzou o caminho, fazendo-a perder a controle do veículo.

Desviando da ave, quase colidiu com a parede de um posto de gasolina abandonado.

Trêmula, desligou a chave de ignição, desceu e encostou a moto na parede. Escutou o barulho do outro motor cessar, mas não virou para trás, até que sentiu as mãos de Derek sobre seus ombros.

— Você está bem?

— Quero, saber o que está acontecendo. — Fitou-o num misto de raiva e preocupação. — E quero saber agora. — Arrancando o capacete com violência, atirou-o ao chão; os cabelos caíram-lhe livres sobre as costas. — De quem estávamos fugindo e por quê? Quem era aquele homem gordo? — Colocando-lhe o dedo indicador diante do nariz, ameaçou: — E não me diga que não era ninguém!

— Você tem todo o direito de estar brava.

— Pode apostar que sim!

— Sabia que fica linda quando está furiosa? — indagou, afagando-lhe a face.

— Quero uma explicação, Derek! — gritou, afastando a mão que a acariciava.

— Você se machucou, Caren?

— Não mude de assunto! Você é casado? Por acaso aquele homem é um detetive particular vigiando seus passos a serviço de uma esposa ciumenta?

— Não, não é, — Você é casado?

-— Não, nunca me casei.

Embora aliviada por ele ser solteiro, Caren ainda estava nervosa com a mudança abrupta do comportamento de Derek.

— Então, só pode estar envolvido com drogas! Não... Você deve ter cometido algum crime.

— Nada de tão fantástico, pode acreditar — retrucou ele com um sorriso paciente.

— Estou perguntando por que, se fosse casado ou algum criminoso, jamais me envolveria com você.

— Não mesmo? — indagou, segundos antes de pressionar-lhe os lábios com um beijo quente.

Lutando contra ele, Caren enfureceu-se com o fato de Derek não lhe responder às perguntas e também por perturbar-se tanto ao contato com aquele homem.

Aos poucos, a raiva diminuiu, dando lugar ao prazer de ser beijada novamente por alguém tão excitante. Vencida, abraçou-o com paixão. Seu corpo arqueava-se contra o dele, que a comprimia de encontro à parede de maneira possessiva, mas também protetora.

— Caren, Caren... Eu desejo você — sussurrou-lhe ao ouvido, fazendo-a sentir-lhe a rigidez do sexo.

Com uma das mãos, segurou-lhe a nuca e, com a outra, roçou-lhe os seios de leve, até senti-los intumescerem-se. Gemendo de prazer, beijou-a profundamente mais uma vez.

— Fique comigo esta noite — pediu e, diante do ar assustado de Caren, acrescentou: — para jantarmos.

No entanto, ela sabia que não era apenas para o jantar que ele a desejava naquela noite.

— Por favor — pediu mais uma vez, tocando-lhe os lábios com ternura. — Por favor, diga que sim.

Sem forças para falar, Caren balançou a cabeça, concordando.

Tomado de emoção, Derek envolveu-a num abraço acolhedor e assim permaneceram por um longo tempo, até que ambos pudessem dirigir.

Ao chegarem ao chalé, Derek despediu-se com um olhar tão penetrante que Caren teve a sensação que ele a desnudava.

— Espero por você em meu chalé ao pôr-do-sol.

— Certo...

Como já haviam deixado as motos na sede principal do hotel, ele deu-lhe as costas e afastou-se sem dizer mais nenhuma palavra.

Tensa demais para tirar uma soneca, Caren decidiu ir para o bem equipado clube de ginástica do hotel.

Vestindo um colant e shorts, exercitou-se até livrar-se de toda a ansiedade que os acontecimentos daquela tarde haviam lhe causado.

Em seguida, foi para a sauna e, enquanto aspirava o odor marcante de eucalipto, tentou afastar todas as preocupações que a impediam de entregar-se inteiramente a Derek Allen.

Conversou consigo mesma por um longo tempo, procurando convencer-se de que não havia razão para tanto medo. Afinal, fora para isso que viajara: para esquecer um casamento mal-sucedido e acabar de uma vez por todas com a depressão que a acompanhava há um ano.

Apesar do comportamento estranho de Derek, fugindo de um desconhecido, ele a desejava. Além disso, a masculinidade dele a atraía muito. Por que então não afugentar seus temores? Não havia razão nenhuma para ter medo daquele homem tão maravilhoso.

Mesmo assim, sentia-se insegura por não saber nada a respeito da vida de Derek Allen. Por outro lado, não lhe havia contado muito a respeito da sua. Portanto, não tinha o que reclamar. Podiam aproveitar ao máximo o tempo que estivessem juntos e, no final, se despediriam e nunca mais se encontrariam.

No entanto, algo no íntimo de Caren lhe dizia que nada seria assim tão simples.

— Quando me registrei no hotel deixei bem claro que não dessem meu nome a ninguém — disse Derek com firmeza ao gerente.

— Mas eu lhe asseguro que...

— Não aceito desculpas. Até agora, a confiança que depositei em seu estabelecimento foi violada duas vezes, apesar de ter-lhe dito que não desse informações minhas a quem quer que fosse.

— Sr. Allen, sinto muito se encontrou pessoas que queria evitar, mas sua

ordem foi seguida à risca por todos os empregados. Talvez as pessoas tenham conseguido informações a seu respeito fora daqui.

— Pode ser... Mais uma vez quero afirmar, porém, que minha permanência neste local deve continuar em segredo!

— Entendo. Qualquer coisa que estiver ao nosso alcance será feita.

— Pode me mostrar sua boa vontade mandando servir esta noite o jantar em meu bangalô. E amanhã, por volta das dez horas, quero que sirvam o desjejum.

— Pois não, senhor. Jantar para um?

— Não, para dois.

Um silêncio discreto se seguiu antes que o gerente pigarreasse, acrescentando em seguida: — Claro. Nós cuidaremos de tudo.

— Nada disso. Eu já preparei o menu. Por favor, tome nota.

Prestativamente o homem anotou cada detalhe que foi sendo ditado.

— Tem certeza que conseguiu anotar tudo?

— Sim, senhor. Pode ter certeza de que tudo será servido conforme as suas especificações.

Para desagrado de Caren, que ainda lutava com seus pensamentos conflitantes, uma moça abriu a porta da sauna e cumprimentou-a com alegria.

— Oi! Posso fazer-lhe companhia?

Embora tivesse vontade de dizer-lhe que não, pois preferia ficar a sós, Caren retribuiu o sorriso e respondeu: — Claro que sim. Esteja à vontade.

— Nem ser por que entrei aqui. .. Bem, para dizer a verdade, sei, sim. Preciso queimar calorias. Tenho comido sem parar desde que cheguei.

— Não me parece que esteja precisando emagrecer.

— Obrigada. Mas você sabe como é, não. Hoje em dia é moda fazer regime.

Caren riu junto com a mulher que lhe fitou o rosto, dando mostras de tê-la reconhecido.

— Por acaso não era você que estava com um homem divino no restaurante ontem à noite?

— Era, sim — Caren respondeu, embaraçada. Em seguida, lembrando-se que estava prestes a se tornar a amante daquele homem, acrescentou: — Ele é lindo, não é?

— Nem me fale. Bem, é claro que digo isso da boca para fora, pois adoro meu Sam.

— Ele está com você aqui?

— Sim. Temos nos divertido à beça.

— De onde você é? — indagou, percebendo que estava apreciando a conversa. Fazia anos que não falava sobre homens. Sentia-se novamente como uma colegial.

— De Cincinnati. Diga-me: não acha este lugar estupendo? Sam tem-se comportado como um gato selvagem desde que chegamos — disse, sorrindo. — E eu adoro isso.

— Há quanto tempo está casada?

— Nós não somos casados, minha querida.

— Oh, me desculpe.

— Eu não sou casada, mas Sam é. Eu morreria se a mulher dele nos descobrisse aqui. Sabe, ela é uma verdadeira peste na vida dele. Só serve para infernizá-lo.

Atordoada com o que ouvia, Caren perdeu-se mais uma vez em seus pensamentos. Será que a amante de Wade alguma vez se referira a ela como "uma peste"? Provavelmente sim, disse para si mesma.

Deixando a mulher falando sozinha, saiu da sauna, vestiu-se e correu para o chalé. Agora se lembrava por que os folhetos de viagem estavam tão à mão em sua escrivaninha. Um dia, ela os havia encontrado no paletó de Wade e pensou que o ex-marido planejasse uma segunda lua-de-mel... Quando lhe perguntou a respeito, ele lhe respondera que pretendia fazer-lhe uma surpresa.

No entanto, nunca chegaram a fazer aquela viagem. Uma semana depois, ele a abandonou. Esquecera-se completamente dos prospectos e só os procurara de novo no dia em que Larry obrigou-a a sair de férias. Finalmente compreendia que Wade os havia guardado para planejar uma viagem, mas não com ela, e, sim, com a amante.

Indignada com a falta de respeito para com os outros que os seres humanos faziam questão de mostrar, e angustiada com as lembranças do casamento malsucedido, voltou ao seu quarto com o coração aos pedaços.

Durante os dois dias enganara a si mesma, tentando convencer-se de que poderia ter uma relação passageira com Derek Allen, pois acreditara que ele a achava atraente. No entanto, agora, o fato de ser encarada apenas como um objeto de prazer a deixara indignada.

Encontrar aquela mulher na sauna fora para Caren como um encontro com a amante do ex-marido. Pensou estar curada da ferida, mas percebeu que se enganava. A frustração e o sofrimento haviam voltado com força redobrada.

Atordoada, pendurou o vestido novo num canto escondido no armário, disposta a nunca mais se encontrar com Derek Allen.

Após tomar um longo banho, colocou o velho vestido de verão e deitou-se na cama.

Algum tempo depois, o telefone tocou inúmeras vezes mas Caren não atendeu. Abaixando o volume da campainha do aparelho, permaneceu deitada de costas, fitando o teto, completamente imóvel e alheia à realidade.

Continuou inerte até que o barulho do trinco da porta a fez sobressaltar-se. Segundos depois, a figura máscula e altiva de Allen postou-se no meio do quarto.

— Vá embora! — ela gritou.

— Qual é o problema? O que está fazendo sentada aqui no escuro?

— Quero ficar sozinha, saia.

— Por que não atendeu ao telefone?

— Por que não desistiu e parou de ligar?

— Queria saber por que estava atrasada para o nosso jantar.

— Decidi que não vou a jantar nenhum.

— Como assim? — ele indagou, irritado, aproximando-se da cama. É extremamente grosseiro deixar alguém esperando sem nem ao menos ligar para cancelar o compromisso, sabia?

— Sinto muito. Eu devia ter lhe telefonado, mas não queria discutir com você. Pensei que o desencorajaria, agindo desta maneira.

— Minha cara, não desisto assim tão fácil do que quero.

— Por favor, deixe-me sozinha. Não quero nada com você. Agora, se não sair daqui por bem, serei obrigada a chamar o gerente.

— Posso lhe garantir que não vai surtir muito efeito. Se eu quiser, o gerente come em minha mão.

— É o que espera de mim também?

— Não era bem isso, mas devo concordar que a sua atitude só torna este jogo bem mais excitante.

Em seguida, levantou-a nos braços com extrema facilidade e caminhou decidido para fora, atravessando a porta em direção ao escuro da noite.

CAPÍTULO V

Perplexa, Caren não reagiu, apenas fulminou-o com o olhar durante todo o caminho que separava os dois chalés. Derek, ao contrário, mostrava-se bastante tranqüilo e senhor de si.

Mas isso não a preocupou. Assim que a colocasse no chão, lhe diria simplesmente que não estava pretendendo ficar, e voltaria para o seu bangalô.

De modo algum daria a Derek o prazer de ver como se encontrava indignada.

— Bem, chegamos — ele disse, ao atravessar a porta da varanda, sem demonstrar o menor sinal de cansaço.

Apesar da decisão de permanecer indiferente ao fascínio daquele homem maravilhoso, Caren quase perdeu o fôlego ao deparar-se com a transformação realizada na sala de estar.

A mobília havia sido afastada para os cantos e um enorme colchão redondo, coberto com lençóis de cetim branco, ocupava o centro do ambiente.

Ao lado do colchão, havia uma pele de carneiro, também impecavelmente branca, e várias almofadas, das mais variadas cores e formatos.

Sobre a cama pendia um lindo mosquiteiro antigo, dando um toque de romantismo ao ambiente.

O cômodo se encontrava iluminado apenas por alguns candelabros.

No ar, o aroma perfumado das flores de diferentes espécies, arrumadas em lindos vasos.

Ao lado da cama, um carrinho com vários tipos de comida, servidos em finas bandejas de prata.

Uma garrafa de vinho gelava em um balde de cristal e uma música suave emanava de caixas de som perfeitamente escondidas.

Sem fala, Caren só percebeu que fora colocada na cama ao sentir a maciez dos lençóis. Ali permaneceu, vencida pela surpresa, incapaz de esboçar qualquer reação.

Erguendo os olhos, deparou-se com a figura de Derek firmemente apoiado sobre as pernas musculosas e com as mãos na cintura, como um caçador que, orgulhoso, observava a presa.

A luz das velas refletia-se nos cabelos castanhos e nos pêlos dourados que

cobriam-lhe os braços. A camisa branca e entreaberta deixava visível o peito amplo e perturbador.

Impossível ignorar uma presença tão marcante. Ainda mais agora, que Derek se aproximava lentamente e segurava-lhe o queixo, obrigando-a a fitá-lo.

— Estou esperando — ele disse, finalmente.

— O quê? Que eu me entregue a você?

— Não. Que me diga o que a fez mudar de idéia sobre nosso jantar. E por que estava escondida no escuro.

— Eu não estava me escondendo.

— Pois eu acho que sim, caso contrário atenderia ao telefone, recusando o convite de um jeito mais civilizado. O que houve, Caren? Por que esta mudança tão brusca?

— Cometi um erro ao aceitar o convite. Aquela corrida maluca, de moto não me deixou raciocinar direito.

— Não minta para mim. Você não leva o menor jeito... Vou perguntar de novo. Por que mudou de idéia?

— Descobri que não queria vir. Ajoelhando-se sobre o colchão, segurou-a com firmeza pelos ombros.

— Lá vem você com mentiras de novo. Você sabe que nós gostamos um do outro desde o primeiro instante. Não me diga agora que parou de me desejar.

Incapaz de resistir ao suave toque daquelas mãos em sua pele, e à doçura daquele olhar, Caren resolveu confessar de uma vez a causa de tanta insegurança.

— Eu estava com medo.

— De mim?

— Não, de mim! Medo de fazer algo impensado, que me fizesse arrepender logo em seguida. Eu lhe disse, não sou do tipo de mulher que se envolve em aventuras passageiras. Não sei me relacionar dessa maneira ...

— Como sabe, se nunca fez uma tentativa? — perguntou, acariciando-lhe os cabelos com ternura.

— Não quero que sinta piedade por mim.

Num gesto brusco, Derek avançou sobre ela e beijou-a quase que com selvageria, fazendo-a perder o fôlego. Em seguida, afastou-se e encarou-a.

— Por acaso eu a beijo como se fosse movido por piedade? Agora diga-me onde foi buscar esta teoria ridícula de que é uma mulher inferior?

— Não inferior, exatamente.

— O quê, então?
— Ultrapassada. Não sirvo para este tipo de coisa.
— Quem lhe disse isso?
— Meu ex-marido.
— Ele a insultou desta maneira?
— Não com tantas palavras.
—- Me desculpe, mas não consigo entender...
— Nem eu espero que entenda.
— Explique para mim, por favor.
— Não.
— Por quê?
— É uma estória triste e enfadonha.
— Nós temos a noite toda.
— Será que não temos nada melhor para fazer?
— Droga, Caren! Já lhe disse para me contar.
— Está bem — ela gritou. — Se isso for ajudar a me livrar de você, eu conto.

Sentada sobre as pernas, nervosa, cruzou e descruzou as mãos antes de começar: — Fui casada durante sete anos e sempre acreditei que fôssemos felizes. Bem, é claro que a empolgação dos primeiros anos desapareceu com o tempo. Mas isso acontece com todo mundo, não é? Aos poucos, caímos na rotina.

— O que caiu na rotina? Sua vida sexual? Furiosa, Caren teve vontade de dizer-lhe para ir se intrometer nos assuntos íntimos de qualquer outra pessoa. Fitou-o com raiva mas a preocupação sincera que viu em seus olhos a fez reconsiderar a pergunta.

Talvez fosse disso mesmo que precisava: conversar com alguém sobre seus problemas. Depois que o marido a havia abandonado, não se permitiu sobrecarregar ninguém com as desilusões sofridas.

Agora que encontrava alguém disposto a ouvi-la, resolveu não desperdiçar a chance. Abriria-se com Derek, falando-lhe com sinceridade.

— Sim. Sexo foi uma das coisas que caíram na rotina. Nós éramos ativos sexualmente, mas nada muito fascinante. Faltava-nos imaginação. Mas não foi só isso. Pouco a pouco, Wade foi se tornando distante. Quase não conversávamos, e, quando eu tentava aproximar-me para saber o que estava errado, ele me repelia, dizendo que havia problemas demais no escritório.

— Continue...

— Não tenho muito mais para falar. É a mesma velha estória de sempre. Uma noite, durante o jantar, ele me pediu o divórcio.

— Sem mais nem menos?

— Claro que não! Havia uma razão e tanto: outra mulher. Meu marido me deixou por causa de outra mulher.

— E por isso você se acha sexualmente inadequada?

— Você também não se sentiria assim?

— Não.

— Pois eu me senti. E não estou falando apenas de sexo. É muito mais do que isso.

— Ainda ama aquele idiota?

— Não... — Baixando os olhos, preparou-se para contar a um estranho algo que não ousara confessar nem a si própria. — Acho que nunca o amei.

— Então por que se casou com ele?

— Eu adorava a idéia de estabilidade e segurança que o casamento parecia dar. Meu pai morreu quando Kristin era apenas um bebê e minha mãe nos criou sozinha. Era triste ver com que dificuldade ela enfrentava os problemas, sem ter o apoio de um marido. Acho que me casei com Wade porque ele foi o primeiro a me pedir. Tive medo de nunca mais ser notada por ninguém. Apaixonei-me pela idéia de segurança que ele me transmitia.

— Mas não pelo homem.

— Não — respondeu, aliviada.

Era como se um peso que carregava há anos finalmente caísse-lhe dos ombros. Sempre culpara o ex-marido pelo divórcio, mas, agora que havia confessado a Derek e a si mesma sua participação no fracasso do matrimônio, sentia-se mais leve.

— Por que o chamou de "idiota"? — ela indagou.

— Porque você, apesar de não amá-lo, queria que tudo desse certo entre os dois. Ele, ao contrário, insultou-a, abandonando-a por outra mulher. Este homem magoou-a profundamente mas, hoje, vou livrá-la de toda esta mágoa.

Caren ia esboçar um protesto, mas ele a interrompeu: — Esta noite vou lhe mostrar como é desejável e, amanhã, este homem que tanto a fez sofrer será apenas uma vaga lembrança para você.

Aproximando-se dela, beijou-lhe os, lábios com ternura e pureza. Quando Derek afastou-se, Caren sentiu que podia confiar nele e seu nervosismo começou a dissipar-se.

— Aceita um pouco de vinho?

— Sim, obrigada.

Empurrando a proteção de tule que cobria a cama, Derek apanhou a garrafa e abriu-a.

— Sua boca é mais doce que qualquer vinho — disse, colocando o líquido cor de rubi nos copos de cristal.

Com um sorriso no rosto, ambos brindaram e sorveram o conteúdo dos copos lentamente.

Em seguida, curvando-se, ele a beijou, fazendo-a sentir-lhe os lábios e a língua refrescados pela bebida gelada.

— Gostei muito do ambiente que você criou aqui — ela comentou. — Você tem uma imaginação bastante fértil.

— É... talvez eu devesse ser diretor de cinema.

— Ou ator.

— Não, isso nunca.

— Por que não?

— Odeio ser fotografado — ele respondeu com uma rispidez que interrompeu a conversa por algum tempo. — Está com fome? — perguntou, para quebrar o silêncio.

— Muita. Hoje à tarde fui ao clube de ginástica é... Não pôde prosseguir, pois seus lábios foram selados com um longo beijo.

— Sim... e então? — murmurou ele.

— Esqueci... — retrucou, experimentando o sabor daquela boca forte sobre os lábios delicados.

— Espero que goste do jantar que mandei preparar. Com movimentos ágeis, virou-se de costas apenas o tempo suficiente para retirar as tampas que cobriam as comidas.

— Hmm! O aroma está divino!

— Estique as pernas — ele pediu, colocando-lhe o prato sobre o colo e sentando-se a seu lado.

— O que é isso? — indagou, apontando para um pedaço de carne dourada.

— Frango grelhado sobre brasas. É muito popular nesta ilha.

. — E este outro?

— Bacalhau picado com pimenta e temperos especiais. Estes bolinhos são bem fritos. É uma delícia. Prove.

— Onde estão os talheres?

— Não precisamos deles. Foi por isso que escolhi pratos que possam ser comidos com as mãos. Vou lhe dar comida na boca.

Um estremecimento de prazer percorreu o corpo de Caren. Jamais ouvira uma proposta tão erótica como aquela. Apesar de não haver nada de sensual nas palavras dele, o modo como lhe falara e o calor em sua voz eram extremamente excitantes.

Apanhando um pequeno pedaço de peito de frango com as pontas dos dedos, Derek aproximou-o dos lábios delicados, sem deixar de fitá-la por um segundo sequer.

Como que enfeitiçada pelo olhar penetrante, ela retirou-lhe o petisco da mão com os lábios e mastigou-o bem devagar.

— Está bom?

— Maravilhoso...

— Será que posso experimentar?

Imitando-lhe os gestos, Caren serviu-lhe uma porção da mesma carne saborosa e observou-o degustá-la com calma.

Toda a refeição transcorreu daquela maneira. Ambos comeram em silêncio è lentamente, deixando que apenas seus gestos e olhares falassem por eles.

Inclinando-se para ela, Derek ergueu-lhe os cabelos e, com ternura, beijou-lhe a nuca.

Com um longo suspiro, Caren jogou a cabeça para trás, entregando-se àquele carinho. Sentiu-lhe o hálito quente sobre a pele e a maciez úmida de sua língua afagando-a. Os lábios de Derek eram como brasas, deslizando-lhe pelo pescoço.

Ao mesmo tempo, ele dizia-lhe palavras que Caren não conseguia distinguir, mas, pelo tom de voz, eram fáceis de adivinhar.

Voltando a sentar-se sobre o colchão, ambos beberam mais vinho e Derek serviu-lhe um suculento pedaço de abacaxi, enxugando-lhe, em seguida, a boca com um guardanapo de linho.

— Você é muito linda — murmurou, fitando-a com intensidade.

Alcançando-lhe o primeiro botão do vestido, abriu-o, fazendo-a sentir-se embaraçada por estar usando a velha roupa de Verão.

— Eu tinha planejado usar aquele que comprei hoje. .. — disse, como desculpa.

— Fica para uma outra vez...

Sem deixar de fitá-la, ele desabotoou-lhe o vestido até a cintura. Então, desviou o olhar do rosto de Caren para os seios de bico rosados, estudando-lhe as formas por um longo momento.

— Lindos! — murmurou, acariciando-lhes a parte inferior com delicadeza.

— São tão macios...

Instantes depois, apoderou-se deles por inteiro e, com os polegares, afagou-lhe os mamilos.

Tomada de prazer, ela fechou os olhos, o que arrancou um suave protesto de Derek.

— Não... Olhe para mim.

Obedecendo-o, ela contemplou por um longo tempo os dedos longos e delgados que a tocavam com sensualidade.

— Você me agrada muito... — ele sussurrou.

Em seguida, num movimento rápido, inclinou-se sobre ela, cobrindo-lhe parcialmente o corpo com o tórax musculoso e beijou-lhe a boca com paixão.

Ao terminar, Caren estava sem fôlego e ardendo de desejo. Mas não pôde satisfazer sua vontade imediatamente, pois Derek anunciava à hora da sobremesa: bananas carameladas cobertas com açúcar e canela.

Levando-lhe um pedaço à boca, Derek riu divertido ao ver que um pouco de açúcar tinha ficado no canto dos lábios dela. Com o dedo indicador, limpou-os e sugeriu: — Agora, alguém vai ter que limpar meu dedo...

Sem hesitar, Caren lambeu-o com sensualidade e depois sugou-o para dentro da boca, afagando-o com a língua.

— Hmm. .. Sabia que sua boca ia me proporcionar um grande prazer.

Com um só gesto, ele afastou os pratos para o lado e curvou-se sobre Caren, que havia se reclinado sobre uma almofada.

Abrindo os braços, ela o recebeu, sentindo-lhe o peso sobre si. Desejou que Derek a abraçasse até que formassem um só corpo.

Como que adivinhando-lhe os pensamentos, Derek introduziu a língua na boca de Caren.

Dominada pela excitação, ela moveu as pernas sob as deles com impaciência.

— Não tenha pressa. .. Temos toda a noite só para nós. — Sussurrou-lhe ao ouvido e levantou-se, ficando de pé.

Sentando-se, Caren percebeu, embaraçada, que a saia do vestido havia subido, deixando à mostra a renda delicada da calcinha.

Timidamente, recolocou a roupa em ordem e passou as mãos pelos cabelos em desalinho.

— Você é surpreendente... Num instante, é como uma gata selvagem, que transpira sexo e, no instante seguinte, porta-se como uma virgem tímida... Deve ser maravilhoso conhecer todas as facetas de sua personalidade.

Empurrando o carrinho de chá para o canto da sala, ele indagou: — Gosta de música?

— Muito.

— Se houver qualquer coisa que não goste, me diga, está bem?

Pelo tom em sua voz, Caren compreendeu que Derek não se, referia apenas à música, mas também ao modo como se amariam, Fazendo um sinal afirmativo com a cabeça, observou-o tirar os sapatos e entrar de novo sob a tenda transparente formada pelo tule que pendia do teto.

De pé sobre o colchão, estendeu-lhe a mão que Caren segurou, apoiando-se nela para levantar-se.

Sem pressa, Derek a beijou, puxando-a com determinação contra si e segurando-lhe os ombros com delicadeza.

Pouco depois, Caren sentiu o vestido escorregar-lhe pelo corpo. Apesar de estar quase nua, a não ser pela calcinha rendada, não sentiu vergonha. O modo como aquele homem a olhava não lhe permitia ter qualquer sensação que não fosse de puro prazer.

Cobrindo-lhe os seios com as mãos, acariciou-os com leveza, até que os mamilos se enrijecessem. Então, curvando-se, sugou-os lentamente, um após o outro.

— Oh, Derek... — ela gemeu — me beije.

— Sim, querida...

Completamente extasiada, deixou-o introduzir a língua quente e firme em sua boca, arrancando-lhe suspiros ansiosos por carícias.

Ao mesmo tempo, com ambas as mãos, Derek roçou-lhe a cintura e deslizou-as até alcançar-lhe a calcinha, puxando-a para baixo e tirando-a com cuidado.

Afastando-se um pouco de Caren, examinou-lhe o corpo com atenção, detalhe por detalhe. Sorriu ao ver-lhe os seios fartos, trêmulos de desejo, a cintura delgada, o ventre firme. Então, seu olhar intensificou-se ao deparar-se com o triângulo negro entre as coxas bem torneadas.

Sem conseguir conter-se, roçou-o de leve com as pontas dos dedos, deixando-a sem fôlego.

Ajoelhando-se, apoderou-se dos quadris macios e puxou-a para perto de si. Com um misto de ternura e sensualidade, beijou-lhe o sexo suavemente, fazendo-a soluçar de emoção. Jamais fora tratada com tanta doçura em sua vida.

Apreensivo com aquela reação, Derek ergueu-se, envolvendo-a num abraço

protetor.

— Sinto muito, querida. Será que este meu gesto lhe repugnou?

— Não, Derek, pelo contrário — respondeu, com os olhos nublados por lágrimas de felicidade. — Por favor, me abrace forte...

Durante um longo momento, permaneceram colados um ao outro, apenas sentindo o calor emanado dos corpos.

Quando a onda de emoção que a dominara desapareceu, Derek falou: — Não acha que estou vestido demais? Será que pode me despir?

— Se você quiser... — respondeu, um pouco hesitante.

— Quero muito.

Receosa, desabotoou-lhe a camisa e puxou-a para fora da calça. Levantando os braços para alcançar-lhe os ombros, ela ajudou-o a retirar a primeira peça de roupa.

No entanto, ao tocar-lhe a fivela do cinto, deixou cair os braços ao lado do corpo, sem coragem para prosseguir.

— Sinto muito — murmurou, embaraçada.

— Tudo bem, eu continuo.

Sem dizer mais nada, Derek terminou de se despir.

Hipnotizada, Caren deliciou-se com a masculinidade daquele homem. O corpo de Derek possuía uma harmonia perfeita: os músculos do peito, das costas, braços e pernas eram bem marcados e, ao mesmo tempo, graciosos. A pele era bronzeada e coberta por pêlos dourados, que ficavam mais escuros em torno do sexo.

— Você é lindo — murmurou, surpresa por ter conseguido expressar os pensamentos em voz alta.

A expressão selvagem e indomável que Derek tinha no rosto e nos gestos acentuava-se ainda mais agora.

Aproximando-se de uma mesa, ele apanhou uma bandeja com pequenos vidros, cada um contendo um líquido dourado.

— Deite-se de costas — ele pediu.

Assim que Caren se deitou, ele ajoelhou-se ao seu lado e colocou a bandeja sobre o colchão.

— Você precisa relaxar — sussurrou, deslizando as mãos pelos ombros e costas de Caren, descendo até os quadris e as pernas.

— Vai me massagear? — indagou, de olhos fechados, sentindo-lhe o calor das mãos sobre a pele.

— Só se você prometer que não vai pegar no sono.

— Não existe a menor chance de isso acontecer.

Afastando-lhe os cabelos que caíam-lhe sobre as costas, derramou nas mãos um pouco de óleo. Perfumado de um dos vidros de cristal e começou a tocar-lhe lentamente a nuca.

— Hmm... que gostoso!

— O que? O óleo ou minhas mãos?

— Tudo...

Com uma ligeira pressão, Derek. Foi deslizando os dedos hábeis pelas costas tensas e, ao chegar aos quadris, a fez estremecer de prazer. A massagem cada vez mais deixava Caren louca de desejo.

Ao ouvi-la gemer, Derek não resistiu mais e começou a tocá-la com extrema sensualidade.

Deitando-se sobre as costas macias, mordiscou-lhe a nuca, ao mesmo tempo que, colocando as mãos sob o corpo de Caren, apoderou-se dos seios rijos.

— É tão bom tê-la sob mim... — ele murmurou. Depois de algum tempo, erguendo-se ligeiramente, ele ajudou-a a virar-se de frente para ele.

Beijou-lhe a boca com intensidade, provando-lhe o gosto com a língua, explorando-a em cada detalhe.

Ofegante, afastou-lhe as pernas e ajoelhou-se entre elas. Tocou-lhe o sexo úmido, primeiro com as pontas dos dedos e, depois, com o membro intumescido.

— Quero você, Derek — sussurrou, agarrando-se a ele.

— Caren, minha querida, não consigo mais me conter. ..

Oferecendo-se a ele, sentiu-o penetrá-la e, abraçando-o, juntaram-se num só ritmo, num só movimento de prazer.

Instantes depois, ambos eram levados por turbilhões de sensações, até que seus corpos, satisfeitos, se acalmaram.

CAPÍTULO VI

Abrindo lentamente os olhos, Caren bocejou e espreguiçou-se, ainda sem saber ao certo se a noite anterior fora realidade ou apenas um sonho maravilhoso.

Nua, deixou-se ficar deitada sobre os lençóis macios de cetim, aspirando o perfume de Derek, que impregnava o travesseiro ao lado do seu. Ele, no entanto, havia saído.

Sorrindo, satisfeita, ergueu-se atravessando o tecido diáfano que pendia do teto e dirigiu-se para o terraço, de onde avistou Derek, que nadava com grande agilidade, vencendo as ondas daquele mar límpido e azul.

Dando enérgicas braçadas, ele nadou até quase sumir de vista, deixando Caren um tanto irrequieta mas, minutos depois, viu que retornava para a praia, sempre movimentando-se nas ondas com grande segurança.

Ao sair do mar, gotículas de água rebrilhavam sobre seus cabelos e músculos como pequenos diamantes refletindo os raios do sol.

Para surpresa de Caren, estava completamente nu, mas perfeitamente à vontade em sua nudez. Movendo-se com a graça de um enorme tigre, apanhou uma toalha que havia levado para a praia e começou a enxugar-se.

Naquele instante, ouviu-se uma leve batida na porta de entrada. Tomada de surpresa, Caren colocou rapidamente o vestido e, atrapalhada, levou um bom tempo para conseguir fechar todo os botões da roupa.

— Um momento, por favor — gritou, enquanto terminava de se arrumar.

— É o desjejum, madame — uma voz masculina respondeu do lado de fora.

Passando a mão pelos cabelos, Caren girou a maçaneta e deparou-se com dois garçons impecavelmente trajados.

— Bom dia — cumprimentaram, entrando com outro carrinho de chá.

Com discrição, ocuparam-se em colocar a mesa do café, sem lançarem olhares curiosos para a exótica decoração do quarto que, com certeza, atrairia a atenção de qualquer um.

Em silêncio, terminaram o serviço e retiraram-se, exatamente no momento em que Derek entrava no terraço, apenas enrolado numa toalha felpuda.

— Bom dia, querida.

— Bom dia.

— Faz tempo que acordou?

— Alguns minutos.

— Pena eu não vê-la despertar.

— Não se preocupe... Eu estava observando você quando os garçons chegaram com nosso café da manhã. Parece delicioso.

— Você parece deliciosa — sussurrou, jogando a toalha no chão.

Segundos depois, abraçava-a com paixão. O primeiro beijo foi repleto de desejo. Explorou-lhe a boca, a língua e sugou-lhe os lábios com ânsia incontida.

— O banho de mar foi bastante revigorante — ele murmurou.

— Já percebi... — retrucou, deixando-o livrá-la do vestido e conduzi-la nos braços para a cama.

De joelhos, ofereceu-lhe os seios firmes para que beijasse.

— E o café da manhã? — ela indagou, num suspiro, enquanto Derek sugava-lhe os mamilos.

— Depois, querida... Depois...

— Depois?

— Depois — ele gemeu —, agora eu quero você de novo.

Os dias que se seguiram foram bastante parecidos com o primeiro. Nenhum dos dois ousava fazer planos a longo prazo. Eles comiam, dormiam, nadavam e faziam amor sempre de acordo com suas vontades.

Para Caren, era como se tivesse acabado de entrar num mundo de fantasia. Sabia que ao final da semana o sonho estaria acabado. Cada um ia voltar para a própria vida e não se veriam mais. Mesmo assim, havia decidido se entregar inteiramente àquele momento, sem pensar no amanhã.

— Mais uma vez você está sonhando de olhos abertos — ele lhe disse uma noite em que foram jantar no restaurante do hotel.

Usando o vestido novo que comprara, e com os cabelos presos num coque, Caren era a imagem viva da feminilidade, formando um contraste perfeito com a sensualidade máscula de Derek.

— Desculpe, Derek...

— Não estou reclamando. Só imaginando o que se passa por trás desses seus lindos olhos castanhos quando você me fita assim. Você sempre faz isso.

— Verdade?

— Verdade, Caren... O que você vê quando olha para mim com tanta intensidade?

— Não sei... Ê como se você... — balançando a cabeça, sorriu. — Deixe

para lá. É muita tolice o que eu ia dizer.

— Não, por favor, continue.

— Você continua sendo um mistério para mim...

— Devo encarar isso como um elogio ou uma crítica?

— O que quero dizer é que algumas vezes você é cem por cento americano: fala e age como todo mundo e se parece com uma pessoa comum que se pode encontrar na rua.

— Sou mesmo — respondeu sério, quase na defensiva.

— Sim, mas... outras vezes, principalmente quando estamos fazendo amor, você se transforma.

— Concordo. Em público, consigo controlar meu corpo, mas, quando estamos a sós e você está nua...

— Não é a isso que me refiro.

— Então, não estou entendendo.

— Às vezes tenho a impressão que você se transforma numa outra pessoa. Parece que são dois homens vivendo dentro de um só corpo. Um é americano, e o outro... não sei bem... o outro é estrangeiro, talvez. Até seu modo de falar muda. Já percebi você sussurrar em uma língua que não consigo nem mesmo reconhecer.

— Estudei línguas diferentes na escola, Caren.

Apesar de ser uma explicação plausível, Caren percebeu que havia algo mais por trás das palavras dele. No entanto, a expressão sisuda de Derek não a encorajou a continuar com as perguntas.

— Bem, eu lhe disse que se tratava de uma tolice... — sorriu, de modo conciliador. — O que importa realmente é que você é o homem mais amoroso que conheci.

— E quantos você já teve?

— Dois. Meu marido e você. — Em seguida, não! Resistindo, ela perguntou: — E você, quantas mulheres já teve?

— Muitas, Caren, mas nunca ninguém como você — respondeu, beijando-lhe a mão com doçura.

E era a mais pura verdade. Caren Blakemore havia sido diferente desde o começo. Sua timidez o atraíra desde o princípio e a maneira apaixonada como ela fazia amor também. Mas Derek sabia que algo mais existia naquele relacionamento. Cada vez que se amavam, era como se deixasse uma parte de si, de sua alma, com ela.

No início, não se dera conta do que estava ocorrendo, até que, uma manhã,

havia ficado observando-a enquanto ela dormia serenamente. Então, percebeu o quanto a doçura daquela mulher o sensibilizava. Gostava do seu senso de humor, da conversa inteligente e de alguma coisa a mais que ele ainda não conseguira definir. Compreendeu que seria muito difícil afastar-se dela.

Tais pensamentos o haviam perturbado, e agora ainda o incomodavam. Na tentativa de afastar o alvoroço que invadia-lhe a alma, resolveu convidá-la para dançar.

— Dance comigo, Caren. Assim posso abraçá-la. Juntos, foram para a pista e ela aconchegou-se no peito amplo. Aspirando o perfume másculo que agora conhecia tão bem, recordou-se do que ocorrera pela manhã.

Ao contrário dos outros dias, Derek não estava nadando quando ela despertou, mas sentado sozinho na areia, fitando o mar com fisionomia séria.

Repentinamente, Caren teve vontade de ficar perto dele, de sentir-lhe o calor reconfortante. A sensação que a invadiu foi de que, se não corresse para a praia e não o tocasse, Derek desapareceria no ar. Apressada, colocou um vestido e saiu correndo.

Assim que a ouviu aproximar-se, Derek abriu os braços para que ela se jogasse sobre ele e ambos rolaram pela areia, felizes como crianças. Então, Derek prendeu-lhe o corpo sob o seu e a beijou, de uma maneira quase selvagem.

Quando finalmente ergueu a cabeça, os dois ofegavam.

— O que está fazendo aqui tão cedo?

— Toda manhã fico na varanda vendo você nadar. Hoje, tive vontade de ficar mais pertinho.

— Acho que você merece bem mais do que só olhar para mim.

— É mesmo?

— É, sim — murmurou, levantando-se. Estendendo-lhe as mãos fortes, ajudou-a a erguer-se, fazendo-a correr para a água. Puxando-a cada vez mais para dentro, ouvia-a soltar pequenos gritos de susto.

— Qual é o problema? — ele indagou, com um sorriso maroto.

— A água está fria!

— É mesmo?

Dito isto, espalmou uma das mãos e jogou-lhe água no rosto, como numa divertida brincadeira de criança. Então, fitando-a nos olhos, segurou-a pela cintura e ergueu-a no ar, examinando-lhe o corpo esguio que se insinuava sob o vestido transparente.

— Você é linda, Caren, e eu a desejo muito! Será que pode imaginar o que

sinto quando a gente faz amor?

Caminhando em direção à areia, carregou-a nos braços e deitou-a sobre uma toalha grande e macia. Em seguida, estendeu-se ao lado dela.

De novo observou-lhe o corpo esbelto que o vestido molhado tornava ainda mais sexy.

Curvando-se, beijou-lhe os mamilos que apontavam visivelmente sob o tecido, fazendo-a soltar gemidos de prazer.

Murmurando-lhe o nome, Derek selou-lhe os lábios com um beijo ardente, deitando-se sobre ela.

Num movimento lânguido, Caren enlaçou-o com as pernas e ofereceu-se, louca de desejo.

No instante seguinte, ambos se transformavam num só e, juntando-se na dança rítmica do amor, atingiram o ápice do prazer, sussurrando frases desconexas.

Exaustos, deixaram-se ficar sob o sol quente, ouvindo o ruído das ondas que lambiam as areias brancas.

Horas depois, Caren espreguiçou-se e abriu os olhos sonolentos. Estava em seu próprio chalé, para onde haviam ido a fim de dormirem um pouco depois da praia. Curvado sobre ela, Derek beijava-lhe suavemente o rosto.

— Sinto muito tê-la acordado. Deixei-lhe um bilhete. Vou praticar um pouco de caça submarina enquanto você descansa.

— Promete que vai ter cuidado?

— Sim. Prometo que não vou deixar nenhum tubarão me comer — retrucou, beijando-lhe a ponta do nariz. — Hoje você me proporcionou um lindo dia.

— Também adorei.

— Tenha bons sonhos — despediu-se.

Em silêncio, saiu pela porta, fechando-a atrás de si sem nenhum ruído.

Na mansidão do quarto semi-escuro, repentinamente Caren havia se apercebido que amava aquele homem. Não sabia o que iria fazer quando ele saísse definitivamente de sua vida, para nunca mais voltar. A solidão seria insuportável, mas não havia nada que pudesse mudar o triste futuro que a aguardava.

Abraçando-se ao travesseiro, fechou os olhos com força, na tentativa de conter as lágrimas que teimavam em rolar-lhe pela face.

Disposta a não se deixar vencer mais uma vez, sentou-se na cama num movimento rápido. Iria partir agora. Não suportaria mais uma despedida como a que enfrentara ao separar-se do marido. Não agüentaria ver Derek saindo

todo satisfeito porta afora e lhe dizendo: — Foi ótimo, Caren! Tudo de bom para você.

Não! Outra despedida seria terrível demais.

Erguendo-se de um salto, abriu as gavetas da cômoda e do armário, apanhando apressadamente suas roupas e jogando-as de qualquer jeito na mala. Não podia perder tempo. Se Derek voltasse, um simples olhar que lhe lançasse a faria desistir de seus planos.

Ao terminar, passou em revista todo o chalé, para certificar-se de que não se esquecera de nada. Foi então que encontrou o bilhete que Derek lhe escrevera. Leu-o com os olhos cheios de lágrimas: "Caren, fui mergulhar. Quer dizer, isso se eu conseguir juntar energias... Meu desejo por você me enfraquece Derek."

Poderia muito bem amassar o pedaço de papel e jogá-lo fora, mas não teve coragem. Afinal, aquele simples bilhete, escrito com caligrafia firme e decidida, era a única prova concreta de que os dias que passara ao lado dele não haviam sido apenas um lindo sonho. Colocando-o na bolsa, saiu apressada do chalé, fechando a porta atrás de si, e caminhou para a recepção do hotel.

— Por favor, será que pode preparar minha conta? — indagou ao solícito recepcionista.

— Mas sua reserva só termina no final da semana. Se qualquer coisa não está de seu agrado, por favor, tenha a bondade de nos dizer. Nossa função aqui é servi-la.

— Não, não se trata disso. O hotel é maravilhoso, mas tive um pequeno contratempo e preciso voltar para casa — retrucou com polidez.

No entanto, sua vontade era de gritar com o rapaz para que ele se apressasse. Não queria correr o risco de encontrar novamente os olhos profundos de Derek. Com apenas um beijo a faria desistir daquela fuga. Por isso, pretendia partir o mais rápido possível. Não suportaria ser outra vez abandonada.

Meia hora depois, praticamente sem fôlego, chegou ao aeroporto. Quase que por milagre conseguiu lugar no avião que estava prestes a decolar.

Assim que aterrissaram em Washington, dirigiu-se ao estacionamento, onde seu carro ficara por vários dias. Teve um pouco de dificuldade para dar a partida, mas, instantes depois, já rumava para Georgetown.

Nem bem dirigira por alguns quilômetros e todos os problemas voltaram-lhe à mente. Esquecera-se deles por uma semana mas, agora que o sonho havia terminado, era novamente hora de encará-los. E o principal deles era dinheiro.

Arrependia-se de ter gasto parte de suas economias com a viagem. Afinal, precisava pensar no futuro da irmã.

Agora, mais do que nunca, necessitava da promoção que o chefe lhe prometera. No entanto, sabia que Larry ainda estava aborrecido com ela pelo erro que cometera com as cartas.

Ao entrar em casa, a sensação de fragilidade provocada pelas inúmeras preocupações aumentou mais ainda.

Abrindo as janelas para que entrasse um pouco de ar fresco, olhou as malas que tinha acabado de colocar no chão e um arrepio desagradável percorreu-lhe o corpo. Decidiu que iria desfazê-las ainda naquela noite, pois precisava usar de todos os artifícios para afastar Derek dos pensamentos...

No entanto, ao aproximar-se da bagagem, se deu conta de que não estava nem com energia nem com coragem para fazer o que se propusera. Deixando tudo onde estava, tomou um calmante suave, despiu-se e foi direto para a cama.

Instantes depois, caía num sono profundo.

Na manhã seguinte, batidas fortes e insistentes na porta de entrada a despertaram. Instintivamente, esticou o braço à procura de Derek. A cama vazia trouxe-lhe de imediato a certeza de sua solidão. Contendo um soluço que teimava em escapar-lhe da garganta, olhou o relógio de cabeceira e constatou que eram apenas oito horas.

Intrigada com o fato de alguém a estar procurando tão cedo, levantou-se, sonolenta, colocou um robe e foi atender.

— Quem é? — perguntou, antes de abrir a porta.

— F.B.I. — respondeu uma voz forte e seca do outro lado.

CAPÍTULO VII

Atônita, Caren não podia acreditar no que ouvia. Provavelmente tratava-se de alguma brincadeira de mau gosto. Espiou pelo olho mágico e afastou-se, perplexa.

Dois homens altos e fortes seguravam os distintivos do F.B.I. de forma que ela pudesse ver e, pelo jeito, não estavam brincando.

Com dedos trêmulos, destrancou a porta e, relutante, a abriu.

— Caren Blakemore?

— S ... sim.

— Sou o inspetor Graham e este é o inspetor Vecchio. Poderia, por gentileza, vestir-se e nos acompanhar?

— Acompanhá-los? Agora? Para quê? Tem certeza que sou a pessoa que procuram?

Puxando um caderno de anotações do bolso do paletó, o inspetor Graham leu com determinação: "Caren Blakemore, residente à rua Franklin, 223, em Georgetown. Vinte e oito anos. Foi casada com Wade Blakemore. Trabalha atualmente no Departamento de Estado sob a supervisão do Sr. Larry Watson. Tem uma irmã, Kristin, de dezesseis anos, atualmente cursando a Academia Westwood."

Zonza, Caren deixou-se cair na cadeira mais próxima, tentando organizar os pensamentos.

— Não entendo... O que está acontecendo?

— Logo vai saber. Será que pode se vestir? — ordenou Vecchio, de uma maneira tão brusca que a deixou mais assustada.

— Estão me prendendo?

Antes de responderem, os homens trocaram um olhar cúmplice entre si.

— Está temporariamente sob nossa custódia... Esperamos pela senhora lá fora.

Totalmente fora de si, Caren dirigiu-se para o quarto e vestiu-se. Tentou arrumar-se o melhor que pôde com os cosméticos que havia no banheiro, mas nada serviu para disfarçar sua expressão preocupada. Além do quê, não havia tempo para mais nada; os homens já a chamavam outra vez.

— Estou indo — respondeu, sentindo os joelhos trêmulos. — Já estou

pronta... Vocês têm idéia de quanto tempo ficarei retida?

— Sinto muito, mas não podemos informá-la — disse Graham.

— Vamos! — ordenou Vecchio.

Os dois agentes se postaram ao lado dela, acompanhando-a até o carro. Embora tivessem dito que ela não estava sendo presa, a atitude deles não parecia confirmar-lhes as palavras.

Sentando-se ao lado de Caren no banco traseiro, Graham pediu a Vecchio que dirigisse.

Apesar de ansiosa para saber para onde a levavam, Caren não fez nenhuma pergunta. Afinal, se encontrava sob custódia do F.B.I. e, para eles, os detalhes tinham pouca importância.

Uma pergunta, no entanto, perturbava-a; o que teria feito de errado para que o F.B.I. viesse atrás dela? Na certa, deveria ser algum assunto ligado ao seu trabalho. Talvez tivesse se enganado de novo com algum documento, o que desencadeara uma investigação mais séria.

Tal pensamento a fez estremecer da cabeça aos pés.

Finalmente chegaram ao Departamento de Estado. Vecchio estacionou o carro e Graham levou-a até uma sala que ela não conhecia.

Assim que a porta se abriu, Caren quase desmaiou de alívio ao ver que Larry Watson a aguardava.

Em seu nervosismo, nem notou a fisionomia séria do chefe. Sorridente, caminhou em direção a ele.

— Larry! Graças a Deus você está aqui!

Com um ar de desagrado, Larry afastou-se dela, recusando-se a apertar-lhe a mão estendida.

Embaraçada e nervosa, Caren fitou-o zangada: — Larry, afinal de contas, será que pode me dizer o que está se passando aqui?

— Sente-se — ordenou ele num tom de voz agressivo.

— Por favor... me explique o que está acontecendo — pediu, acomodando-se na cadeira mais próxima.

— Vou aguardar lá fora — disse o inspetor Graham, retirando-se.

Quando a porta se fechou, Larry lançou-lhe um olhar furioso, como ela jamais vira.

—- Você envergonhou este Departamento. Caren, e sou obrigado a tomar seu gesto como uma ofensa pessoal contra mim... Como foi capaz de fazer uma coisa dessas? Jamais poderia imaginar que você um dia faria algo assim.

— Fazer o quê? Não sei do que está falando! Me encontro ausente do

escritório há uma semana. Como posso ter envergonhado o Departamento e você? Não conseguirei me explicar, nem me defender, enquanto não souber do que me acusam!

— Suas férias foram divertidas? — indagou abruptamente.

— Sim... bastante — ela respondeu, sem entender o motivo daquela pergunta tão fora de hora.

— É, aposto que sim.

Irritada com o tom irônico da voz de Larry, levantou-se da cadeira e fitou-o.

— Por Deus, será que não tenho o direito de saber do que você está falando?

Larry aproximou-se dela, faiscando de ódio.

— Só quero saber uma coisa: você fez o que fez para se vingar de mim porque eu a repreendi naquele dia? Ou será que foi por outros motivos?... Dinheiro, talvez. Ou será que desejava apenas humilhar o Presidente Reagan ou a Secretaria de Estado... ou quem sabe os Estados Unidos inteiro? Diga-me, Caren: por que fez isto?

Antes que tivesse tempo de responder aos gritos de Larry, a porta abriu-se e um subsecretário da Secretaria de Estado entrou, fitando-a de modo acusador.

— Sra. Blakemore, sou Ivan Carrington, conselheiro...

— Sim, sei quem o senhor é — interrompeu, trêmula.

— A senhora se encontra numa situação bastante delicada.

— lá percebi isto, Sr. Carrington. Mas ninguém, nem os agentes do F.B.I., nem o homem que eu considerava meu amigo, ainda me explicou do que se trata — disse, olhando com desaprovação para Graham, que entrara junto com o subsecretário, e para Larry que andava nervosamente de um lado para o outro da sala.

— A senhora acabou de voltar da Jamaica, certo?

— Exatamente.

— E lá ficou na companhia de Derek Allen?

— S... sim — confirmou, sentindo o sangue subir-lhe às faces. — Nós passamos algum tempo juntos — acrescentou, sentindo o coração disparar.

— Há quanto tempo o conhece, Sra. Blakemore?

— Eu o vi pela primeira vez na Jamaica.

— Não acha que esse encontro com o Sr. Allen foi uma coincidência muito grande?

— Não sei do que está falando, Sr. Carrington.

— Qual o seu grau de relacionamento com ele?

— Já lhe disse que nos conhecemos durante a minha viagem, não tive oportunidade de saber muito sobre ele.

Devagar, Carrington apanhou uma valise que colocara sobre uma cadeira. Abriu-a e retirou do interior um enorme envelope pardo, despejando seu conteúdo sobre a escrivaninha.

O mundo pareceu desabar ao redor de Caren. Sua vista escureceu e ela forçou os olhos incrédulos a fitarem mais uma vez o que Carrington lhe mostrava: uma enorme quantidade de fotos em preto e branco mostrando Derek e ela na praia, fazendo amor.

— Ao que parece, a senhora conhece o Sr. Allen bem melhor do que nos informou minutos atrás.

Emudecida pela vergonha, Caren baixou a cabeça, sentindo lágrimas grossas rolarem pelo rosto enrubescido.

Apenas depois de ouvir o som de Carrington recolhendo as fotografias e guardando-as de novo na valise, foi que ela se atreveu a erguer a cabeça outra vez, enxugando as faces com um pequeno lenço que retirou da bolsa.

— Agora, vamos tentar mais uma vez — disse Carrington, inclinando-se sobre ela. — O que sabe sobre o Sr. Allen?

— Nada. Apenas seu nome.

— Qual nome?

— Não entendi a pergunta, Sr. Carrington.

— Ouviu alguém chamá-lo por outro nome?

— Não.

— Nunca?

— Nunca — ela afirmou, apertando o lenço nas mãos.

— Ora, deixe disso, Caren. Pare de mentir — Larry gritou.

— Não é mentira! Não tenho a mínima idéia de onde vocês pretendem chegar.

— Pode deixar que eu cuido disso, Watson — ordenou Carrington, com frieza.

— Pois não, senhor.

— Tem certeza de que nunca ouviu ninguém chamá-lo de Príncipe Tigre? É um apelido.

— Não. Nem sabia que ele tinha um apelido.

— Conhece um fotógrafo chamado Raymond Daniels? Ou Speck Daniels, como ele mesmo se chama?

— Não.

— Pois saiba que este tal fotógrafo pretende enviar estas fotos para serem publicadas na primeira página da revista que lhe oferecer mais dinheiro.

— Mas por quê? Continuo sem compreender. Que interesse alguém poderia ter nisto?

Naquele instante, a porta abriu-se novamente e Vecchio entrou.

— Eles estão prontos, senhor.

— Queira me acompanhar, Sra. Blakemore — pediu Carrington, estendendo-lhe a mão.

Como uma sonâmbula, Caren deixou-se levar, notando que Carrington apanhara a maleta com as fotos incriminadoras. Percorreram os imensos corredores até chegarem à sala de conferência que ficava no último andar.

Surpresa, Caren observou o auditório, no centro do qual havia uma mesa enorme. Num dos extremos desta, estava sentado Draper, o Secretário de Estado e um grupo de conselheiros, ao qual Carrington se juntou.

Paralisada pela ansiedade, ela precisou da ajuda de Graham para acomodar-se na cadeira que lhe indicaram, na outra extremidade da mesa.

Sentado diante do Secretário de Estado, encontrava-se o sheik Amin Al-Tasan, porta-voz das nações integrantes da OPEP e dono de uma riqueza incalculável.

Para o espanto de Caren, o homem a fitava com uma hostilidade quase selvagem, mas ela não podia compreender o que alguém tão importante como ele estaria fazendo ali.

Entretanto, não teve muito tempo para conjecturas, pois, no instante seguinte, a porta abriu-se e Caren quase desfaleceu ao ver entrar, no salão de convenções, nada mais nada menos que Derek Allen.

Vestia um impecável terno azul-marinho e uma camisa branca que realçava-lhe a pele bronzeada, combinando com o alvo turbante que lhe ornava a cabeça.

Assim que se aproximou, as conversas cessaram e os rostos de todos voltaram-se para fitá-lo com curiosidade.

Dirigindo-se ao sheik, curvou-se com dignidade e beijou-lhe as faces, sussurrando "pai", com um profundo respeito.

Aquelas palavras foram suficientes para que Caren compreendesse de imediato o que se passava. Obviamente, Derek era filho do sheik e por isso ela estava envolvida naquela situação terrível.

Após cumprimentar o pai, Derek foi levado até o Secretário de Estado e

apresentado a ele.

— Senhor Secretário, este é o Príncipe Ali AlTasan — anunciou um dos conselheiros.

Feitas as apresentações, Derek sentou-se diante de Caren, que baixou os olhos, fitando as próprias mãos. Era inacreditável que aquele homem, o filho de um sheik, tinha sido seu amante por uma semana.

Incapaz de resistir à tentação, ergueu a cabeça e encarou-o, sentindo-se decepcionada com o que viu. Impassível, Derek não transmitia qualquer emoção, qualquer sinal sobre o que achava de tudo o que acontecia naquele momento.

Atordoada, desviou a atenção para a discussão entre os dois grupos que se confrontavam: um, formado pelo Secretário e seus assistentes, e o outro, pelo sheik e sua delegação.

Pelo que pôde compreender, o Departamento de Estado acreditava que ela havia passado informações secretas a Derek e este, a seu pai. O sheik Al-Tasan estava em Washington a fim de negociar o preço do petróleo, a serviço da OPEP e toda informação que conseguisse seria altamente valiosa.

— Sra. Blakemore, enquanto esteve em... companhia do Príncipe Al-Tasan, por acaso conversaram sobre o preço do petróleo? — indagou Carrington.

— Não sei nada sobre isso. Eu nem mesmo sabia que o nome dele é Al-Tasan — retrucou, fitando Derek com ar de reprovação, mas ele continuava impassível.

— Não acha estranho que, no dia em que pediu para sair de férias, o sheik chegou à cidade?

— Foi meu supervisor, o senhor Watson, quem insistiu para que eu tirasse férias. Fui praticamente forçada.

— Mas vocês dois discutiram naquele dia, não é verdade?

— Sim, mas...

— E, além disso, a senhora estava aborrecida com este Departamento por não ter recebido a promoção que desejava.

— Isso não teve nada a ver.

— Então, por que escolheu justamente aquele hotel na Jamaica para passar as férias?

— Foi puro acaso! — exclamou, mas os rostos daqueles homens lhe disseram que não acreditavam no que dizia.

— A senhora nunca tinha encontrado o Príncipe antes?

— Já lhes disse que conheci Derek Allen na praia, um dia depois que

cheguei ao hotel.

— Não o reconheceu como sendo Ali Al-Tasan, chamado no jet-set internacional de Príncipe Tigre?

— Não.

— A senhora espera que acreditemos nisso? — exclamou Carrington.

— Mas é verdade!

— Passou uma semana com o Príncipe, tiveram um relacionamento bastante... íntimo e agora espera que acreditemos que mal o conhece?

— Exatamente — respondeu, quase morrendo de vergonha.

— A Sra. Blakemore me conhecia apenas pelo nome de Derek Allen — disse Derek, fazendo todos se calarem. — Tudo aconteceu exatamente como ela contou. Nós nos encontramos na praia.

— O senhor se apresentou apenas como Derek Allen? — indagou Carrington.

— Isso mesmo.

— E tem certeza de que jamais a vira antes?

— Absoluta.

— Sabia onde ela trabalhava?

— Como poderia saber uma coisa destas se não a conhecia?

— E ela também não sabia de suas ligações com a OPEP?

— Não tenho tais ligações. Meu pai é quem lida com estes problemas.

— Mas o senhor está indiretamente interessado no preço do petróleo.

— Meu interesse se limita apenas às vezes em que vou abastecer meu carro no posto de gasolina. Sou um fazendeiro norte-americano e amo meu país. Por que trairia os Estados Unidos?

— O senhor e a Sra. Blakemore alguma vez discutiram sobre política?

— O senhor viu as fotografias que o senhor Daniels tirou, não viu?

— Sim.

— Por acaso parecia que discutíamos política? Diante daquela resposta irônica, todas as pessoas presentes caíram na risada, com exceção de Caren, que enrubesceu a princípio e em seguida ficou tão pálida que deu a impressão de estar à beira de um desmaio. Assustado, Derek levantou-se e no mesmo instante todos se calaram.

— Quero falar a sós com a Sra. Blakemore.

— Isto está fora de questão! — Carrington retrucou.

— Creio que toda esta confusão pode ser esclarecida se eu tiver a chance de falar com ela em particular, Carrington.

— Não podemos permitir isso!

— Por acaso duvida da integridade moral de meu filho? — indagou o sheik, num tom que não aceitava argumentações.

— Claro que não — apressou-se em responder o Secretário Draper, disposto a não enfurecer alguém tão importante nas relações entre a América e o mundo árabe. — Eles podem conversar por quinze minutos.

Acompanhados por um dos assistentes de Draper, Caren e Derek foram levados a uma sala e deixados sozinhos.

Caren havia entrado primeiro e se encontrava de costas para Derek. Assim permaneceu, sem falar. Uma pergunta a atormentava e pretendia encontrar uma resposta para suas dúvidas. Criando coragem, respirou fundo e virou-se para encará-lo.

— Diga-me apenas uma coisa, Derek: você sabia quem eu era e onde eu trabalhava quando se encontrou comigo "acidentalmente"?

— Não.

— Tem certeza?

— Absoluta — ele respondeu, imperturbável.

— Por que não me disse quem era você?

— Eu disse. Sou Derek Allen.

— E também o Príncipe Al-Tasan.

— Apenas por acaso. Legalmente, meu nome americano é Derek Allen.

— E você é fazendeiro.

— Isso mesmo. Tenho uma fazenda na Virgínia.

— Sim... e milhares de poços de petróleo na Arábia Saudita!

— Eles não pertencem a mim, e sim a meu pai.

— Seu apelido é Príncipe Tigre?

— É. Pelo menos é assim que os jornais da alta sociedade se referem à minha pessoa.

— Não leio este tipo de jornal. Mas diga-me, por que o chamam assim?

— Um jornalista me deu este apelido há muito tempo e as pessoas se acostumaram a usá-lo.

— E por que Príncipe Tigre?

— Isso não tem importância.

— Bem, Derek, acho que esse nosso hábito de manter segredo um para o outro já nos causou muitos problemas, certo?

— Tudo bem... Sou conhecido como Príncipe Tigre por causa da minha vida de playboy.

— Entendo... E eu fui sua mais recente conquista — comentou, decepcionada, abaixando os olhos. — Aquele homem de quem fugimos na cidade... Você o reconheceu, não foi?

— Sim. O nome dele é Speck Daniels. Ele é uma verdadeira vergonha para o jornalismo. Só o que faz é correr à cata de fotos sensacionalistas para depois vendê-las a jornais e revistas de fofocas. Está sempre me perseguindo e, quando parti para a Jamaica, acabávamos de ter uma discussão bastante séria.

— Acha que ele seguiu você até lá?

— Aparentemente, sim. De alguma forma ele descobriu onde eu estava hospedado. Nunca pensei que Speck fosse tão longe. Ontem à noite ele apresentou as fotos ao Departamento de Estado numa tentativa de causar problemas durante a visita de meu pai a Washington. Por uma triste coincidência, os funcionários do Departamento a reconheceram. Daniels não sabia que tinha tamanho trunfo na mão, mas agora, com certeza, vai fazer o máximo para conseguir que todo aquele material seja publicado.

Nervosa demais para falar, Caren escondeu o rosto entre as mãos, pensando em Kristin. O que aconteceria com o futuro da irmã caso o escândalo se tornasse público? Seu próprio futuro também estava comprometido. Seria sumariamente demitida do Departamento e teria de abandonar Washington, sendo obrigada a deixar a cidade sem nem saber para onde ir.

Erguendo os olhos, fitou Derek, que continuava impassível diante dela.

— Quem é você, afinal? — indagou, decidida a obter uma resposta objetiva.

— Minha mãe, Cheryl Allen, estudava em Londres quando conheceu meu pai. Eles freqüentavam a mesma universidade — começou a dizer, sentando-se numa cadeira defronte a ela. — Meu pai já fora casado uma vez e teve um filho, meu irmão Hamid, que é seu herdei direto. A mãe de Hamid morreu ao dar à luz.... Quando meu avô descobriu que papai se casara com uma mulher de outra crença religiosa, minha mãe já estava grávida de mim. Vovô ficou furioso e ordenou que papai voltasse imediatamente para casa. Mas ele desobedeceu as ordens do meu avô e ficou com mamãe até que eu nascesse, c providenciou para que ela voltasse em segurança aos Estados Unidos.

Levantando-se lentamente da cadeira, colocou as mãos para trás e caminhou pela sala espaçosa, sem interromper a narrativa: — Meu pai acatou seu destino. Divorciou-se de minha mãe e casou-se de novo com uma mulher árabe, iniciando uma nova família. Quando meu avô morreu, papai assumiu o

controle de todos os negócios.

— E sua mãe?

— Ela me criou aqui nos Estados Unidos de acordo com a religião cristã e como cidadão norte-americano.

— Seu pai parece gostar de você.

— É verdade. Também gosto dele e o respeito muito. É por isso que odeio tudo o que está acontecendo. Ele nunca aprovou as loucuras que cometi no passado. Muitas vezes eu o embaracei com minhas atitudes e ele acha que estas fotos são a prova de que continuo sendo um cabeça-de-vento irresponsável, o que não é verdade.

— Tem certeza?

— Claro que sim, Caren. Mesmo se soubesse que nosso relacionamento causaria todo este tumulto, eu teria me aproximado de você. Eu a vi, sentime atraído, desejei-a e tive de possuí-la.

— Bem, disso não há a menor dúvida. As fotos estão aí para provar como você foi bem-sucedido em mais uma de suas aventuras. — Naquele instante, contra sua própria vontade, Caren, incapaz de conter as lágrimas, começou a chorar. — Agora, não interessa se trocamos informações secretas ou não. Somos culpados pelo simples fato de termos sido fotografados num momento que parecia só nosso. Será que pode imaginar como me senti quando Carrington despejou aquelas fotos sobre a mesa?

— Me desculpe, Caren — sussurrou, passando a mão pelos cabelos. — Esse tal de Daniels vai me pagar caro pelo que fez.

— Tudo isso poderia ter sido evitado se você tivesse me dito quem era. E agora, o que vai ser da minha vida? — conseguiu dizer.

— Tenho uma solução.

— Solução? Para esta confusão toda? Você só pode estar brincando.

— Podemos nos casar, Caren.

CAPÍTULO VIII

Tomada de surpresa, e atônita com a maneira tranqüila com que ele fizera a proposta, Caren o fitou, e, sem conseguir controlar-se, rompeu numa sonora gargalhada.

— Pelo que está parecendo, você não levou minha sugestão a sério.

— E era para levar? Você está brincando, não está?

— Não, não estou. E muito menos aqueles homens que nos esperam no salão de convenções.

— Sim, sei disso — murmurou, parando imediatamente de rir.

— E então, não acha que podemos ao menos discutir o assunto?

— Nós temos apenas quinze minutos para conversarmos a sós e você quer desperdiçá-los com esta estória absurda?

— Já lhe disse que falo sério. Se voltarmos agora para aquela sala e anunciarmos que você é minha noiva, e que dentro em breve nos casaremos, toda a situação vai se modificar. Tratarão a futura nora do sheik Amim Al-Tasan com muito respeito. Por isso, Caren Blakemore, acho bom considerar minha proposta como uma forma de solução.

— Para você?

— Não. Para você. Não preciso de proteção. Meu pai tomará todas as providências neste sentido.

— Deixe-me ver se entendi bem: você me propôs casamento por pura generosidade?

— Bem, sinto-me responsável por esta situação delicada em que nos encontramos. Afinal, eu a seduzi.

— Nunca me casarei outra vez — respondeu bruscamente, cada vez mais furiosa com a saída fácil que Derek pretendia dar o problema.

— Por causa daquele imbecil do seu marido?

— Não. A razão é que não pretendo deixar que nenhum homem controle minha vida de novo. Nem vou me deixar enganar por promessas de amor.

— Ao que me consta, aqui ninguém falou em amor.

— É verdade... — murmurou, evitando encará-lo pois seus olhos estavam cheios de lágrimas. — Só quis dizer que nunca mais pretendo me submeter aos caprichos e às vontades de um homem.

— Não sou desse tipo de pessoa. Acredito no casamento e não vejo a mulher como um ser inferior. No que se refere a direitos, acho que somos todos iguais.

— Tem certeza? Pensei que o Príncipe Al-Tasan estivesse acostumado a ver as pessoas comerem em sua mão — ela ironizou.

— Caren, estou começando a perder a paciência com você. Só nos restam cinco minutos. Nós podemos voltar para aquela sala e jurar milhões de vezes que não nos conhecíamos até a semana passada; que conversamos praticamente sobre tudo, exceto política; que você partiu sem se despedir de mim e sem ao menos me dizer onde mora e trabalha... Mas isso de nada vai adiantar. Mesmo que eles acreditem em nós, nossa integridade moral estará para sempre comprometida se aquelas fotos forem publicadas... Acabo de lhe oferecer a única saída honrosa para toda esta confusão. O que me diz? Aceita ou não?

Hesitante, Caren baixou os olhos. Era difícil tomar uma decisão tão séria em tão pouco tempo. Sentia-se compelida a aceitar, porque sabia que o amava mas, por outro lado, o bom-senso lhe dizia que era arriscar-se demais por alguém que jamais demonstrara qualquer tipo de sentimento além do desejo físico.

— Depois de tudo que aconteceu, você fatalmente perderá o emprego — disse ele, tentando dar-lhe mais uma razão para concordar com a proposta.

— Sim, você tem razão.

— Como pretende se sustentar até conseguir outro serviço?

— Isto é problema meu!

— Pois estou fazendo dele um problema meu também.

— Não preciso de sua caridade.

Impaciente, Derek aproximou-se dela e segurou-a pelos ombros.

— Agora, escute bem, mocinha: você não se encontra em condições de bancar a orgulhosa. Além do mais, estou lhe oferecendo minha ajuda e não caridade, como você diz.

— Sei me virar sozinha.

— Ê mesmo? E Kristin?

— Ó que tem ela a ver com tudo isso?

— E você ainda pergunta? Como vai fazer para mantê-la numa escola particular quando estiver desempregada? Além disso, já parou para pensar nos efeitos que este escândalo terá sobre a pobre menina?

— Por favor, Derek. Pare de me torturar. Que mulher no mundo, em seu

perfeito juízo, aceitaria casar-se com um homem internacionalmente conhecido como um playboy irresponsável?

— O que você prefere: ser conhecida como minha esposa ou como uma de minhas amantes?

— Uma delas? Quantas você tem?

— Leia as revistas sobre alta sociedade e você saberá.

— Quer dizer que eu sou diferente das outras para você?

— É, sim.

— E posso saber por quê?

— Caren, pare com tantas perguntas! Será que não percebeu ainda o tamanho da confusão em que se meteu? Só estou querendo ajudá-la porque sei que não é capaz de livrar-se desta sozinha.

— Só entrei nesta confusão toda por sua causa. E você quer complicá-la ainda mais. O fato de me casar com você só vai me trazer mais problemas. Pelo menos, se eu for apenas uma de suas amantes, nossa ligação será temporária.

— E nosso casamento também.

— Oh, entendo... — murmurou, procurando esconder o desapontamento. Quando iria aprender que, para a grande maioria das pessoas, o casamento não era eterno e nem tampouco sagrado como ela acreditava?

— Assim que toda esta poeira assentar, a gente pede o divórcio discretamente — concluiu Derek, sem perceber o rosto decepcionado de Caren.

— Então, se vamos nos separar logo em seguida, para que nos darmos ao trabalho de nos casarmos?

— Porque assim contaremos com a ajuda de meu pai. Ele fará de tudo para nos livrar de um escândalo. No entanto, se ele achar que você é apenas mais uma de minhas aventuras, não vai erguer um dedo em nosso auxílio.

— Seu pai me protegeria se eu me tornasse sua esposa?

— Sim. Você seria como uma filha para ele. Confusa, Caren tentou rapidamente pesar os prós e os contras da proposta que acabara de receber.

— Bem, o que me diz? — indagou Derek, ansioso. Antes que pudesse saber a resposta, alguém bateu à porta para informá-los que o prazo de quinze minutos havia se esgotado.

— Já vamos — Derek anunciou. — E então, Caren?

— Está bem. Aceito.

Nem bem acabara de falar, Caren já se arrependera da decisão tomada.

Mais uma vez na vida seguia o caminho mais fácil. Entregara novamente seu futuro nas mãos de um homem. Contudo, sabia que não havia qualquer outra alternativa.

Sem esboçar nenhuma reação, Derek foi até a porta e abriu-a, estendendo a mão para que Caren o acompanhasse.

Apoiando a mão sobre a dele, ambos voltaram para a enorme sala de conferências. Ao entrarem, as conversas abafadas cessaram e todos os presentes os fitaram com olhares curiosos.

Derek puxou a cadeira para que Caren se sentasse e, em seguida, em vez de voltar para o lugar que ocupava ao chegar, acomodou-se perto dela, segurando-lhe uma das mãos.

— A Sra. Blakemore e eu nos conhecemos por acaso na Jamaica — começou a dizer, e acrescentou com um sorriso tão sincero que, se não soubesse da verdade, Caren acreditaria em suas palavras: — Nos apaixonamos um pelo outro à primeira vista. Como eu não queria que nada perturbasse nosso relacionamento, mantive minhas origens em segredo. Agora, no entanto, me arrependo disto. Caren ficou sabendo da verdade através dos senhores, antes que eu tivesse tempo de contar-lhe pessoalmente quem sou. Mas tudo isso já faz parte do passado. Ela acaba de aceitar meu pedido para tornar-se minha esposa e pretendemos nos casar imediatamente ...

Surpresos com a notícia, nenhum dos funcionários do Departamento, nem os membros da comitiva do sheik fizeram qualquer comentário. Depois de alguns segundos de silêncio, todos começaram a falar ao mesmo tempo.

Indignado, Carrington levantou-se e disse, encarando Derek com raiva: — Senhor Al-Tasan, não estamos dispostos a aceitar piadas de mau gosto.

— Não se trata de nenhuma piada — Derek retrucou, com frieza. — A Sra. Blakemore e eu pretendemos nos casar assim que os papéis ficarem prontos, e não há nada que vocês possam fazer contra nós.

— E o senhor por acaso espera que nos esqueçamos que a Sra. Blakemore poderia ter comprometido este Departamento ao manter um relacionamento com p senhor?

— Ela não fez nada de errado — retrucou Derek, sentindo a raiva crescer a cada momento.

— O senhor pode provar que a Sra. Blakemore não lhe transmitiu informações confidenciais referentes às negociações sobre o preço do petróleo?

— E o senhor pode provar o contrário? Consciente de que Derek acabara

de colocá-lo contra a parede, Carrington não teve outra saída senão engolir em seco e voltar a sentar-se.

Lentamente, o sheik levantou-se e fitou a todos por um longo instante. Em seguida, disse com voz calma e firme: — Tudo será como meu filho acabou de anunciar. E, como a Sra. Blakemore está prestes a se tornar parte de minha família, ela, de agora em diante, ficará sob minha proteção. Portanto, não posso permitir que continue sendo interrogada.

Dito isso, caminhou em direção à porta, onde Draper, o Secretário de Estado, foi cumprimentá-lo.

— Estou feliz que tenhamos resolvido este assunto de maneira satisfatória para ambas as partes, senhor Amim Al-Tasan.

— Também me alegro — disse o sheik, inclinando levemente a cabeça e retirando-se com sua comitiva.

Estendendo a mão para ajudar Caren a levantar-se, Derek a acompanhou até a saída, onde Larry já a esperava.

Sem rodeios, Caren parou diante dele e, encarando-o com frieza e determinação, explicou: — Eu conheci Derek por acaso na Jamaica, Larry. Foi uma coincidência inacreditável e posso lhe jurar que não sabia quem ele era, até vê-lo hoje neste escritório.

— Sinto muito por tudo o que lhe disse e queria que me desculpasse por ter duvidado de você — ele pediu, envergonhado.

— Agora está tudo bem. Afinal, as provas que você viu teriam levantado suspeitas e dúvidas em qualquer um.

—- Infelizmente, creio que o Departamento pedirá que você se demita... Talvez eu possa interferir em seu favor.

— Não se preocupe com isso. Não pretendo voltar para cá e também não quero que se envolva mais do que já se envolveu.

— Você é quem sabe... Posso apanhar suas coisas no escritório e mandá-las para você.

— Obrigada.

— Tem certeza do que está fazendo? — murmurou, olhando com preocupação para Derek e depois para ela de novo.

— Bem, sob as atuais circunstâncias, faço exatamente o que tenho de fazer. Não se preocupe comigo. Sei cuidar de mim... Mais uma vez, obrigada por tudo e até qualquer dia.

— Adeus, Caren. E, se precisar de mim, não hesite em...

Antes que tivesse tempo de ouvir o final do que Larry dizia, Caren foi

puxada pelo braço e levada até o elevador por Derek, que apertou o botão do térreo e só então perguntou, irritado: — Quem é ele?

— Larry Watson, meu chefe. Aliás, meu ex-chefe.

— Só isso?

— O que está querendo insinuar?

— Você sabe muito bem.

— Ele foi apenas meu chefe, nada mais.

— Ótimo.

A reação de Derek em qualquer outro homem poderia ser descrita como um ataque de ciúmes. Nele, no entanto, tratava-se apenas de certificar-se de que ninguém se aproximasse de sua "posse".

Ao deixarem o elevador, um dos homens da comitiva do sheik foi até Derek e começou a falar-lhe em árabe, mas ninguém se preocupou em olhar para Caren. Pelo jeito, ela sempre seria um apêndice sem importância na vida dele. Tal pensamento encheu-lhe os olhos de mágoa.

Derek terminou a conversa com o empregado do pai e voltou-se para Caren.

— Meu pai quer nos ver no hotel.

— Agora?

— Quando papai chama alguém, ele quer ser atendido imediatamente — retrucou, pegando-a pelo braço e acompanhando-a até uma das limusines pretas estacionadas à entrada do edifício.

Em seguida, caminhou até o primeiro veículo da fila de cinco que formava a comitiva do sheik e jogou um beijo para a pessoa que se encontrava dentro do carro, voltando para onde tinha deixado Caren.

— Para quem mandou aquele beijo? — perguntou ela, curiosa.

— Para minha mãe.

— Como assim? Ê ela que está naquele carro? Mas pensei que... Bem, seu pai é casado com outra... como pode ser que sua mãe esteja com ele aqui?

— Mamãe sempre fica com ele, quero dizer, sempre que pode.

— Não estou entendendo... Ele é casado com outra mulher, mas sua mãe o segue sempre que pode. Por quer — Porque é assim que meu pai deseja — ele respondeu, colocando um ponto final na conversa.

Naquele instante, o sheik acomodou-se ao lado da ex-esposa e deu ordem para que toda a comitiva partisse em direção ao hotel.

Lá chegando, Derek e Caren tiveram que aguardar na ante-sala da suíte até o momento em que o sheik resolvesse falar-lhes.

Ficaram ambos em silêncio por um longo tempo, até que ele finalmente indagou: — Por que você saiu do hotel sem me avisar?

— Será que temos que discutir isso agora? — perguntou, preocupada. Não desejava lidar com mais um assunto tão angustiante.

— Sim, temos.

— Mas eu não quero.

— Pois eu quero —- ele retrucou com firmeza. — Por que fugiu de mim daquela maneira?

— Achei que era o melhor a fazer. -— Para quem?

— Para nós dois.

— Por quê?

— Porque a semana já estava chegando ao fim.

— E daí?

— Fiquei pensando que não nos veríamos nunca mais, então decidi que seria melhor evitar despedidas sentimentais. Você também não preferiria assim?

— Bem, eu não tive muita escolha, não é mesmo? — Hoje você também não me deu muita chance de escolher.

— Ah... Sim. Mas você fez a escolha certa desta vez.

— Não estou bem segura disso... Veja só: nós já começamos a discutir.

— É comum que os noivos discutam no dia do casamento — falou com ternura, afastando-lhe uma mecha de cabelos que lhe caíra sobre a testa. — É natural que fiquemos tensos.

— Não estou me sentindo como uma noiva.

— Pois lhe prometo que até o final do dia eu a farei sentir-se como tal — sussurrou, segurando-lhe o rosto delicado com as mãos fortes. Acariciando-lhe os lábios com as pontas dos dedos, ele voltou a perguntar: — Por que você saiu do hotel sem se despedir de mim?

— Já lhe contei por quê.

— Você está mentindo. Não acho que tenha partido daquela maneira apenas porque não queria dizer adeus — protestou, afagando-lhe as faces. — Não lhe ocorreu que eu poderia vir atrás de você?

— Não. Pensei que nunca mais fôssemos nos ver. Para alívio de Caren, a porta da suíte se abriu e um criado pediu-lhes que entrassem. No instante seguinte, contudo, sua angústia redobrou, pois chegara o momento de encarar o sheik frente a frente.

Ele e a ex-esposa os esperavam, sentados lado a lado no sofá grande e

confortável, uma das muitas peças elegantes do quarto imenso. Foi Cheryl Allen quem falou primeiro, rompendo o silêncio constrangedor que tomara conta do ambiente com a entrada de Derek e Caren.

Erguendo-se com graça, ela foi em direção ao filho de braços abertos.

— Oi, meu querido — cumprimentou, abraçando-o com carinho.

— Mamãe, a senhora está linda. Este vestido é novo?

— É, sim. Amim e eu fomos a Nova York fazer compras ontem à noite. Foi ele quem escolheu este aqui.

— Mamãe, quero lhe apresentar Caren Blakemore. Dentro de pouco tempo ela será sua nora.

— Sim, já fiquei sabendo — respondeu com um sorriso amável, fitando Caren com interesse e satisfação.

— Há muito tempo sonho em ter uma nora.

— É um prazer conhecê-la, senhora... — disse, trêmula, sem saber como deveria se dirigir à ex-esposa de um sheik.

— Pode me chamar de Cheryl — falou a mulher com simpatia. — Vocês não querem se sentar? Gostariam de beber alguma coisa? — ofereceu virando-se para o sheik, que até o momento permanecera calado. — E você, Amim, o que deseja?

— Desejo que você pare de agir com tanta formalidade. Venha sentar-se aqui ao meu lado. Derek já está crescido o suficiente para servir-se de um drinque... Sra. Blakemore, como muçulmano não bebo álcool, mas, por favor, sinta-se à vontade para agir de acordo com seus próprios costumes.

— Obrigada, mas no momento não quero nada.

— Papai, Caren não é de beber muito, se é isso que está tentando descobrir. Na Jamaica, eu a incentivei a me acompanhar na bebida várias vezes, mas não tive muito sucesso.

— Ótimo... — retrucou o sheik, desviando o olhar para Caren. — Ela é muito bonita, Ali.

— Obrigado. Também acho — respondeu Derek, indo sentar-se ao lado dela, beijando-lhe o rosto com ternura.

— Ela me causou muitos problemas, hoje — o sheik comentou.

— O senhor também me causou muitos problemas — retrucou Caren imediatamente, disposta a não permitir que a tratassem como uma criança travessa.

Surpreso com aquela resposta tão objetiva, o sheik ficou em silêncio por um longo instante, fitando-a, sério. Finalmente, com um sorriso amigável,

falou: — Ela também tem uma língua bem afiada. Isto é uma qualidade que admiro nas pessoas. Não gosto de mulheres submissas, que abaixam a cabeça para tudo. Não concorda, Ali ?

— Claro que sim, papai.

Meia hora após aqueles primeiros minutos tensos, a conversa já estava bem mais descontraída. Todos conversavam sobre vários assuntos até que o sheik, com uma expressão bastante séria no rosto, fitou o casal e disse: — Vocês têm a minha permissão para se casarem.

— Obrigado, papai — respondeu Derek, curvando respeitosamente a cabeça para o sheik.

Levantando-se, Al-Tasan caminhou em direção a eles. Derek estendeu a mão para que Caren se erguesse e recebesse os cumprimentos do pai.

Segurando o rosto delicado e assustado entre as mãos, o sheik beijou-lhe as faces e murmurou: — De agora em diante você é minha filha. — Em seguida, virou-se para Derek. — Quero falar com você em particular.

Assim que os dois se retiraram, Cheryl insistiu para que Caren a acompanhasse numa xícara de chá que um dos criados havia servido sobre uma pequena mesa lateral.

Enquanto bebiam, ambas conversaram como se se conhecessem há muito tempo.

— Estou muito feliz com este casamento. Há anos que Amim e eu estamos preocupados com o futuro de Derek. Nosso maior desejo sempre foi que ele se casasse e começasse uma família... mas nosso filho tem sido muito inconseqüente. Sei bem que parte disso é culpa minha. Afinal, com todos os problemas que teve quando era criança, sendo educado sem a presença do pai... — confessou, com um sorriso triste.

Penalizada, Caren tentou pensar em algo reconfortante para dizer mas, antes que pudesse falar, os dois homens voltaram à sala.

Pai e filho se despediram com um abraço caloroso e Derek aproximou-se de Caren, enlaçando-a pela cintura.

— Nos veremos outra vez muito em breve. Vamos, querida — o sheik murmurou, e seu pedido soou como uma ordem.

Imediatamente Cheryl deixou a xícara de lado e o acompanhou até o quarto, fechando a porta atrás de si.

Mais uma vez, Al-Tasan deixara claro que ele é quem dava as ordens. Da mesma maneira com que fizera a ex-esposa obedecê-lo, acabara de, indiretamente, dizer a Caren e Derek que já era hora de ambos partirem.

CAPÍTULO IX

De volta à luxuosa limusine, Derek e Caren rumaram para a casa dela, cruzando as movimentadas ruas de Washington no carro confortável, dirigido por um chofer impecavelmente uniformizado.

— Não espere nunca que eu seja como ela — Caren murmurou, olhando para fora da janela.

— Como quem? — indagou, curioso, virando-se para fitá-la.

— Como sua mãe — respondeu, continuando a olhar o movimento das pessoas e do trânsito. — Admirei-me do modo como ela obedece seu pai sem pestanejar, cercando-o de todas as atenções. Eu jamais serei assim.

— Que tipo de esposa você vai ser? — indagou, com um sorriso malicioso, puxando-a para si.

Antes de lhe dar tempo para responder, colocou os lábios sobre os dela num beijo que, aos poucos, se transformou de terno em apaixonado.

Desabotoando-lhe a parte superior da blusa fina, deslizou a mão por baixo do tecido macio e acariciou-lhe os ombros delicados, numa carícia ousada, certo de que Caren não o repeliria.

De fato, dominada pelo calor daquele toque, ela sentia-se incapaz de reagir e entregou-se àquele momento, respondendo ao beijo com um gemido de prazer.

— Passei o dia todo com vontade de fazer isso — sussurrou Derek ao afastar-se dela depois de um longo tempo. — Em alguns momentos cheguei a pensar que não ia conseguir me controlar... Sabe, eu estava furioso com você por ter fugido de mim.

— Por quê? Será que consegui ferir seu orgulho tanto assim?

— Não. Acontece que você partiu antes da hora — murmurou, roçando-lhe levemente o pescoço com os dedos e mordiscando-lhe o lóbulo da orelha.

Em seguida, beijou-a de novo com uma paixão intensa, explorando-lhe a boca com avidez. Puxou-a mais para si, até sentir-lhe os seios tocando-lhe o peito forte e amplo.

Perdida num mar de emoções, Caren só reparou que haviam chegado ao seu destino quando Derek soltou-se dela. Ao ver que o chofer ia abrir a porta para que descessem, apressou-se em abotoar a blusa.

— Não faça isso — Derek pediu, segurando-lhe a mão. — Você deixou de trabalhar no Departamento de Estado, portanto não tem mais de se vestir como uma freira. Além de tudo, gosto de vê-la assim...

Disposta a não discutir diante do motorista, Caren preferiu calar-se, subindo direto para o apartamento. Ao entrar, quase tropeçou nas malas que ainda estavam no chão, ocupando o meio da sala.

— Desculpe-me pela desordem, mas não tive vontade de desfazer as malas ontem à noite. Eu me sentia exausta.

— É, imagino que fugir de um vilão como eu deva ser bastante cansativo — ele retrucou, com ironia.

— Ficaria bastante agradecida se você não tocasse mais neste assunto.

— E eu, extremamente grato se você nunca mais tentasse escapar de mim.

— Você não tem nenhum direito sobre mim, Derek.

— Por enquanto não, mas dentro de meia hora eu terei.

— Como assim?

— Meu pai mandou que providenciassem os papéis para o nosso casamento e daqui a pouco nós iremos encontrar o juiz. Portanto, é melhor se aprontar. Depois pretendo ir diretamente para a fazenda para que fiquemos lá até que tudo se acalme. Leve só o necessário. Se você precisar de alguma coisa, poderemos comprar.

— Tudo bem — Caren respondeu, atordoada. Afinal, estava prestes a se casar com um homem que mal conhecia. — Fique à vontade — disse, apontando-lhe o sofá.

Em seguida, foi até o quarto, mas não encontrou nada que valesse a pena ser levado. No entanto, não queria se casar com a roupa que estava usando.

Voltando à sala, apanhou uma das malas e perguntou a Derek, que folheava uma revista: — Será que tenho tempo para uma ducha?

— Claro que sim. Quer que eu ensaboe suas costas?

— Não!

—- Você é que sabe — ele respondeu com naturalidade.

Irritada, Caren foi para o banheiro e, depois de lavai-os cabelos e tomar um demorado banho, fez uma maquilagem bem leve, levando o dobro de tempo que geralmente levaria, apenas para ver se conseguia deixar Derek furioso. Em seguida, abrindo a mala retirou de dentro dela a única roupa que lhe parecia adequada para a ocasião e passou a ferro sobre uma mesinha do quarto.

Ao chegar na sala, constatou que Derek continuava lendo a revista com

calma.

Ao vê-la, ergueu-se e fitou-a de alto a baixo com grande satisfação. Caren colocara um vestido branco de seda, preso na cintura por um cinto de cordinhas também de seda, abotoado por uma linda fivela de madeira com filetes dourados. Para completar a elegância do traje, tinha prendido os cabelos num gracioso coque. Como adorno, usava apenas um delicado par de brincos de pérolas.

— Estou pronta — apressou-se em dizer, antes que Derek fizesse qualquer comentário. — Vou levar comigo a mesma bagagem que trouxe da Jamaica.

— Está bem.

— Há alguma providência que você precise tomar com relação ao apartamento, Caren?

— Não. Antes de ir para a Jamaica, suspendi a entrega do leite e do jornal. A proprietária do apartamento viajou e não sei quando vai voltar.

Em silêncio caminharam para a limusine. Acomodaram-se no banco traseiro enquanto o chofer colocava a bagagem de Caren no porta-malas.

Assim que o carro partiu, foi Derek quem falou primeiro: — Você está linda! Mais bonita do que nunca. Sinto orgulho da minha noiva.

— Obrigada. Já que você está de terno, achei melhor me vestir mais apropriadamente.

— Sabia que me encontro num conflito cruel.

— Conflito?

— É. Estou morrendo de vontade de lhe dar um beijo, mas não quero desarrumá-la. Você está linda demais.

Tomando-lhe a mão, ele a beijou, tocando-lhe a palma com a ponta da língua e fazendo pequenos círculos que arrancaram um suspiro de prazer de Caren.

Disposta a não se deixar dominar, Caren afastou-se dele. Procurando recobrar o autocontrole, disse: — Precisamos tratar de um assunto bem sério.

— Entre marido e mulher?

— Bem, depois de ouvir o que tenho para lhe dizer, talvez você não queira mais ser meu marido.

— Por quê?

— Só estou me casando com você porque é necessário, mas, depois da cerimônia, não vai haver nada entre nós.

— Não compreendi o que você está tentando dizer.

— O que estou tentando dizer, Sr. Derek Allen, é que nosso casamento será

apenas esta cerimônia oficial.

— O quê? — Derek perguntou, perplexo.

— Você entendeu muito bem.

— Não vai dormir comigo? — Não.

— Nem vamos fazer amor?

— Também não.

— Caren, minha querida... — murmurou, dando uma risada divertida. — Será que não percebe como está sendo ridícula ao fazer esta imposição?

— Posso saber por quê?

— Muito simples... Para começar, você não se encontra em condições de fazer qualquer tipo de exigências. Nós dois nos metemos numa enrascada, mas é você quem está com mais problemas para resolver.

— Sim, eu sei. Só porque sou mulher, não tenho dinheiro e trabalhava para o Departamento de Estado. Aliás, se perdi meu emprego, foi exclusivamente por culpa sua — retrucou, furiosa.

— Não pretendia irritá-la, Caren. Só queria relembrá-la que você tem muito mais a perder do que eu. Não acho justo que venha agora me fazer imposições. Eu só estou tentando ajudá-la.

Sentindo-se humilhada, Caren mordia os lábios com raiva, sem saber o que responder.

— Em segundo lugar, minha cara, nós nos desejamos um ao outro e este fato você não pode negar.

— É verdade. Mas isto faz parte do passado. O que aconteceu entre nós na Jamaica não passou de um sonho. Fui enfeitiçada pelo romantismo do lugar, o mar, a lua, o vinho. Agora tudo já acabou. Voltei a pôr os pés na terra, aliás, de maneira bem dolorosa. Acha que depois de toda esta confusão eu ainda ia querer continuar qualquer relacionamento com você? Só se eu estivesse louca.

— Não se trata de loucura, querida — sussurrou, aproximando-se dela e ficando tão perto que seus lábios quase se roçaram. — Sei que você me deseja tanto quanto eu a quero. Conheço seu corpo muito bem e sei direitinho como você reage cada vez que a toco. Ou pensa que não escutei como você suspirou quando lhe beijei a mão agora há pouco?

— Pare com isso! — ela pediu, com os olhos cheios de lágrimas.

— Mais do que nunca você me deseja, Caren. E se deixasse de lado esta atitude recatada que adquiriu depois que voltou para casa e olhasse para mim, também veria o quanto a desejo. Isto é algo que não consigo esquecer. Agora, será que pode me explicar o motivo desta imposição ridícula?

— Já sofri demais. Não pretendo ser sua esposa e muito menos mais uma das mulheres que você tem pelo mundo. Por isso é que não vou dormir com você.

— Não acha que é muito tarde para arrependimentos?

— Sabia que ia me fazer esta pergunta. Pois saiba que eu só dormi com você porque tive vontade.

— Mas agora as circunstâncias são outras. Depois que nos casarmos, terei os meus direitos conjugais, sabia?

— Você faria uma coisa desta?

— Pode ser...

— Como? Será que vai me bater na cabeça com uma clava e me arrastar pelos cabelos como os homens das cavernas? Tal pai, tal filho... Pois saiba, senhor Derek Allen, que não pretendo ser sua escrava. Portanto, pode pedir ao motorista que me leve de volta para casa. Posso muito bem resolver meus problemas sozinha.

— Não vou dizer nada ao chofer. Minha proposta continua de pé. E não se preocupe: pode continuar negando seu desejo por mim, que eu não vou forçá-la a nada.

— Quer dizer que concorda comigo?

— Por enquanto, sim. Mas fique certa que darei um jeito para que você mude de idéia — respondeu com um sorriso malicioso c perturbador. — Bem, aqui estamos — anunciou, ao ver que o carro havia parado.

Com gestos elegantes, desceu da limusine e ajudou-a a sair.

-— Seus pais vão vir para a cerimônia?

— Não.

— Por quê? — indagou, surpresa.

— Porque aonde quer que meu pai vá sempre há uma multidão de fotógrafos. Fie quis nos poupar de todo este embaraço.

Como um autômato, Caren entrou no edifício onde o juiz de paz os aguardava. Cumprimentou-o, e aceitou os votos de felicidades que ele transmitiu ao casal. Em seguida, assinou o livro que colocaram diante dela e repetiu, como um robô, as palavras de praxe.

Só quando terminou de falar, foi que se deu conta de porque aceitara casar-se com Derek. Estava perdidamente apaixonada por ele e queria, de todo coração, ser sua esposa. Se dependesse de sua vontade, aquela união duraria para sempre. Mas, infelizmente, os votos que ambos faziam só tinham valor para ela.

No entanto, ao ouvir Derek repetindo as palavras do juiz, Caren o fitou e se surpreendeu com a expressão sincera no rosto dele. Contudo, sabia que não devia iludir-se. Para Derek. Aquilo não passava de uma farsa.

No momento da troca de alianças, Derek tirou do bolso do paletó um anel de ouro, adornado com delicadas filigranas.

— Esta jóia está na família de meu pai há várias gerações e ele queria que eu o desse para minha mulher, no dia do matrimônio.

Tomada de espanto, Caren o observou deslizar a jóia pelo seu dedo e beijar-lhe a mão com ternura.

Depois de encerrada a cerimônia, eles foram levados, na mesma limusine, até uma mansão num dos bairros mais elegantes de Washington, na frente da qual uma Mercedes conversível estava estacionada.

Assim que desceram, um dos criados do sheik rapidamente transferiu a bagagem de Caren de um carro para o outro.

Logo em seguida, Derek se despediu de todos os serviçais que vieram lhes desejar boa viagem e partiu com a esposa no automóvel reluzente.

— Achei que você se sentiria mais à vontade na Mercedes do que naquela limusine tão grande — disse ele com simplicidade, como se o carro em que estavam fosse menos sofisticado que o outro. — Ah, sim... Quanto aquelas fotos de nós dois na praia, meu pai já comprou todas as cópias e os negativos. Já deve ter destruído tudo.

— Como ele conseguiu evitar que fossem publicadas?

— Eu lhe dei o nome do fotógrafo, Speck Daniels. Com certeza, papai lhe fez uma proposta irrecusável.

— Que bom... Sinto-me bem mais aliviada agora... Diga-me, para onde estamos indo? Que eu saiba, a saída da cidade não é por aqui.

— Você não reconheceu este lugar?

— Bem, sim. Estamos próximos do colégio de Kristin.

— Acertou! É para lá que vamos.

— Por quê?

— Não quer se despedir de sua irmã antes de irmos para nossa lua-de-mel?

— Claro, mas como descobriu onde ela estudava?

— Tenho meus meios... Além do mais, estou ansioso para conhecer minha cunhadinha.

Chegando ao internato, foram levados a uma ampla sala de espera. Aguardaram por alguns instantes, quando, por fim, Kristin surgiu no alto da escada, descendo os degraus estabanadamente. Ao se dar conta que a irmã

estava acompanhada do homem mais lindo que já vira na vida, a garota aprumou-se e terminou de descer com mais elegância, sem conseguir tirar os olhos de Derek.

— Oi, Kristin — disse Caren, abraçando-a bem apertado.

— Oi, suas férias já terminaram? — perguntou, hipnotizada.

— Já querida...

— Por quê?

— Bem... Aconteceu algo... conheci... Este é Derek Allen — disse rapidamente. — Derek, esta é minha irmã Kristin.

— Oi, eu estava ansioso para conhecê-la.

— É mesmo? Por quê? — murmurou, enfeitiçada.

— Porque agora sou da família? Caren e eu acabamos de nos casar.

— Casar? Caren se casou de novo? — perguntou, incrédula.

— Conheci sua irmã na Jamaica e nos apaixonamos perdidamente. Então, quando ela voltou para os Estados Unidos, eu a segui até aqui e lhe pedi que se casasse comigo. Como Caren aceitou, fomos direto ao juiz de paz antes que ela mudasse de idéia. Espero que não fique ofendida por não ter sido convidada para a cerimônia.

— Puxa vida! — Kristin quase gritou, abraçando a irmã com tanta força que a deixou sem fôlego. — Que maravilha! Eu bem que tive um pressentimento que alguma coisa incrível ia te acontecer.

Interrompendo os cumprimentos efusivos de Kristin, Derek pediu permissão à diretora do estabelecimento para que a garota pudesse sair com ele e a irmã.

Ao receber o consentimento, Kristin voou escada acima para aprontar-se.

Voltando do dormitório, a garota trajava seu melhor vestido e, empolgada, acompanhou o casal até o carro. Ao ver a Mercedes, Kristin perdeu a fala.

Se não fosse Derek pegá-la pela mão para ajudá-la a entrar, teria ficado ali o dia todo, fascinada.

Instantes depois, estavam num elegante restaurante italiano, a poucos quilômetros da escola. A comida era deliciosa, o vinho, maravilhoso, e o atendimento, impecável. Tudo contribuía para tornar Derek ainda mais fantástico aos olhos de Kristin, principalmente porque ele lhe dava muita atenção.

— Só tem uma coisa que me amola — disse ela, depois de lhe contar em detalhes sobre sua vida na escola.

— O que é? — indagou Derek, ao mesmo tempo que acariciava com gentileza os ombros de Caren.

Se alguém os observasse, na certa acreditaria que se tratava de um casal feliz, unido pelo amor. No entanto, Caren lia nos olhos de Derek o desejo que o dominava. Era como se, o tempo todo, ele estivesse lhe dizendo: "Hoje é o dia do meu casamento, você é minha esposa e eu não vejo a hora de irmos para a cama juntos."

— Rapazes — respondeu Kristin, depois de alguns segundos de hesitação. — Lembra-se daquele rapaz de quem lhe falei antes de você viajar, mana?

— Lembro.

— Pois então. Ele nunca mais me procurou.

— Porque é um grande imbecil — falou Derek, curvando-se e dando um beijo na testa de Kristin. — Se alguma vez você tiver problemas, não hesite em me procurar.

— Certo — disse, contente.

— Agora, se a senhora e a senhorita me desculparem, gostaria de fazer um telefonema. Volto daqui a pouco.

Assim que ele se afastou uma distância suficiente em que elas podiam falar sem serem ouvidas, Kristin aproximou-se de Caren e indagou-lhe, sem o menor embaraço: — E então, mana? É bom fazer amor com ele?

CAPÍTULO X

A reação mais imediata de Caren foi de surpresa e espanto.

— Kristin! Isso são modos?

— Ora, o que tem demais?

— A gente não pode fazer esse tipo de pergunta assim, sem mais nem menos, sabia?

— Mas eu quero saber... E não finja que nunca foi para a cama com ele, porque, pelo jeito que vocês se olham, não dá para negar. Então, como foi?

— Você o conheceu. O que acha?

— Oh, puxa! Acho que ele é lindo. Minhas colegas no internato vão morrer de inveja quando o virem. Ele é muito rico?

— Acho que sim. O nome dele é Ali Al-Tasan e o pai dele é o sheik Amim Al-Tasan. Já ouviu falar nele?

— Você está brincando? Claro que já ouvi falar... e muito! Ele é super famoso!

Da maneira mais breve possível, Caren contou à irmã o pouco que sabia da vida de Derek.

— Nós estamos de partida para a fazenda dele na Virgínia.

— Aposto como ele tem propriedades pelo mundo lodo.

— Pode ser... Eu não sei.

— Acha que ele vai nos levar para viajar, de vez em quando? Já pensou, que bom seria?

— Calma, calma... Vamos viver um dia de cada vez, está bem? — falou, sem querer contar à irmã a verdade sobre o casamento. Quando o divórcio fosse homologado, a garota ficaria sabendo de tudo.

Ao voltar à mesa, Derek lhes perguntou se desejavam mais alguma coisa e, quando elas recusaram, acompanhou-as ao carro, levando Kristin ao colégio.

Na porta da escola, a garota abraçou Derek com força c agradeceu: — Obrigada por fazer minha irmã feliz outra vez.

— É um prazer! — falou Derek, sorrindo, colocando uma nota de cem dólares na mão da garota. — Tome este dinheirinho para ir ao cinema.

— Puxa, obrigada! Não é formidável ter dinheiro de novo, Caren?

— Kristin, não fale assim!

— Ora, vamos... Não estou dizendo nenhum absurdo. Desde que aquele idiota a abandonou, a gente ficou na miséria. — A garota realmente não media as palavras. — De agora em diante, nós não teremos mais que contar cada centavo que gastarmos e você não precisa mais trabalhar... Já pensou? Pode até voltar às suas esculturas!

— Bem, mocinha, acho melhor você subir antes que a diretora venha aqui buscá-la — falou Caren com firmeza, certa de que não deveria deixar que a irmã se acostumasse às regalias que Derek poderia lhes oferecer.

— Espere — pediu ele, entregando à garota um cartão de visitas com o telefone e o endereço da fazenda. — Ligue para nós se precisar de qualquer coisa, está bem?

— Está.

— Promete?

— Claro que sim. E obrigada por tudo.

O carro deslizava pela estrada que levaria o casal à fazenda de Derek.

Reclinando-se no banco, Caren fechou os olhos, relaxando pela primeira vez depois de tantas horas de tensão.

— Obrigada por ser tão generoso com Kristin. Apesar de eu ter conseguido mantê-la nesta escola, a vida dela não tem sido nada fácil. Prometi a mamãe que daria à minha irmã a melhor educação possível. Wade e eu éramos a única família que ela possuía, e, depois que meu casamento se desfez, tudo ficou mais difícil... Queria pedir-lhe desculpas pelos modos dela. Kristin sempre diz tudo o que lhe vem à cabeça.

— Pois não considero isso um defeito, mas, sim, uma qualidade. Aliás, acho que você tem muito que aprender com ela.

— O que quer que eu diga? Que você é fantástico?

— Ela disse isso? — indagou com uma risada divertida.

— Disse isso e muito mais — respondeu, sem abrir os olhos.

— Você está exausta — Derek falou, roçando os dedos pelo rosto de Caren.

— E estou mesmo... Parece que faz um século que os agentes do F.B.I. foram me acordar.

— Deve ter sido uma experiência bastante assustadora.

— Se foi...

— Vou erguer a capota do carro, assim você pode dormir até chegarmos em casa — disse, apertando um botão no painel. — Pronto. Agora descanse, tire uma soneca e, quando acordar, já teremos chegado. — Curvando-se sobre ela, beijou-lhe os lábios levemente e voltou a imprimir mais velocidade no carro.

Cansada demais para discutir, Caren ajeitou-se numa posição confortável e logo adormeceu.

— Caren, acorde. Já chegamos — Derek sussurrou-lhe.

Apesar de ouvi-lo, Caren não tinha forças para responder.

— Você está acordada o suficiente para andar?

— Humm?

Vendo que não seria fácil despertá-la por completo, Derek colocou-lhe um dos braços por baixo dos joelhos e o outro ao redor dos ombros e ergueu-a no colo.

Sentindo o calor daquele peito acolhedor, Caren aninhou-se a ele e deixou-se carregar, ouvindo o ruído de passos abafados e de pessoas sussurrando.

Abrindo os olhos ligeiramente, viu uma escadaria que a fez recordar-se do filme E o Vento Levou ... mas nem sua curiosidade conseguiu vencer-lhe o cansaço e ela voltou a cochilar.

Só quando foi colocada na cama é que teve condições de perceber o que se passava à sua volta.

— Precisa de mais alguma coisa, senhor?

— Não, Daisy, obrigado. Vou providenciar tudo. Pode ir dormir que já é muito tarde. Boa noite.

— Boa noite.

Apesar de ouvir nitidamente as vozes, Caren não conseguia abrir os olhos. Escutou a porta ser fechada, e, então, tudo mergulhou no mais completo silêncio.

Acendendo um abajur sobre a mesinha-de-cabeceira, Derek sentou-se na cama ao lado de Caren e acariciou-lhe o rosto com ternura, sussurrando:

— Minha pobre criança... está tão cansada... Curvando-se, beijou-lhe os lábios e, erguendo-lhe a cabeça com cuidado, começou a retirar os grampos que lhe prendiam o coque. Os cabelos loiros se espalharam sobre o travesseiro, e ele os acariciou com ternura.

Ergueu-a da cama o suficiente para abrir-lhe o zíper do vestido e voltou a deitá-la na posição em que eslava.

Esforçando-se ao máximo para não fitar-lhe os seios bem delineados sob o sutiã rendado, deslizou-lhe o vestido pelo corpo e pelas pernas, retirando-o lentamente.

Em seguida, descalçou-lhe os sapatos e colocou-os ao lado da cama. Só então parou para observar-lhe o corpo esguio estendido sobre os lençóis macios.

Aquela visão o excitava, mas Derek, juntando todas as forças para controlar o desejo, abaixou-se sobre ela e tirou-lhe as duas últimas peças de roupa, o que he revelou por completo as formas delgadas daquela mulher tão atraente e perturbadora.

Tomado de paixão, teve impulsos de tocá-la, de acariciar-lhe a pele aveludada. No entanto, conteve-se. Qualquer atitude precipitada poderia pôr tudo a perder. Mesmo assim, com dedos trêmulos, afagou-lhe o rosto sereno.

— Derek? — ela murmurou, sonolenta.

— Sim, querida? — indagou, interrompendo as carícias que lhe fazia.

Movendo-se sensualmente, Caren se espreguiçou, arqueando-se de maneira tão provocante que Derek sentiu-se desfalecer de ansiedade.

Ainda de olhos fechados, ela esticou o braço como se procurasse algo, e ao tocar a mão do marido, apertou-a com leveza.

Aquele pequeno gesto serviu de encorajamento pata Derek, que, curvando-se sobre ela com ternura, beijou-lhe os lábios.

— Caren, por que negar o que sente por mim? — ele perguntou com ansiedade.

Em vez de responder, ela virou-se, enterrando o rosto no travesseiro e caiu num sono profundo.

— Puxa, é a primeira vez que um beijo meu faz uma mulher dormir — murmurou, desapontado.

Levantando-se, cobriu-a com o lençol, depois de fitar-lhe o corpo mais uma vez. Sua maior vontade naquele instante era fazer amor com ela, mas havia lhe prometido não forçá-la.

No entanto, percebeu que não haveria nada de mais se dormisse ao lado dela. Afinal, já eram marido e mulher.

Despindo-se rapidamente, foi até a janela e abriu-a, deixando o ar fresco de o campo invadir o quarto amplo.

Sentindo-se menos tenso e disposto a controlar o desejo, voltou para a cama, ergueu o lençol e deitou-se. Contudo, a visão de Caren ali do lado o perturbava como nunca.

Só com muito custo foi que conseguiu adormecer, horas depois, ainda sedento pelos carinhos da esposa.

No dia seguinte, o sol da manhã brilhava, convidativo, e despertou Caren.

Espreguiçando-se, ela observou com cuidado o lugar onde se encontrava.

Toda mobília do cômodo era do século XVIII. O tapete persa que cobria o chão combinava perfeitamente com os tons pastéis de toda a decoração.

Apesar do dia terrível que tivera na véspera, ela sentia-se muito bem-disposta.

Apoiando-se nos cotovelos, olhou ao redor e notou que o travesseiro ao lado do seu tinha sido usado. Além desse detalhe o lençol que revestia a cama estava amassado, numa distância que ela jamais alcançaria. Caren só pôde concluir que Derek havia dormido com ela.

No exato momento em que via as roupas dele espalhadas pelo chão, a porta do dormitório se abriu e uma mulher alta e gorda entrou, trazendo um bule e uma xícara numa bandeja de prata.

— Bom dia! Estou feliz que já tenha acordado. Estava morrendo de curiosidade para conhecê-la, Sra. Allen. Meu nome é Daisy Holand, mas pode me chamar de Daisy.

Puxando o lençol até o queixo, pois estava completamente nua, Caren respondeu o cumprimento timidamente.

Com naturalidade, a governanta colocou a bandeja sobre a mesinha-de-cabeceira e começou a apanhar as peças de roupa jogadas pelo quarto todo, sempre falando com desenvoltura.

— Puxa, este homem... Ele é muito organizado com tudo, mas, quando se trata das roupas... E olhe só como deixou seu lindo vestido... Sabe, quase não acreditei quando me telefonou, dizendo que ia trazer a esposa para cá. Fiquei acordada até tarde na esperança de conhecê-la mas a senhora, coitadinha, chegou tão cansada que ele a trouxe direto para cama. Me ofereci para despi-la, mas o patrão não quis saber... Disse que ele mesmo ia cuidar da senhora.

— Onde está Derek? — Caren perguntou, aproveitando que a mulher parara de falar para recuperar o fôlego.

— Foi cavalgar, como faz todas as manhãs. Ele me pediu para dizer-lhe que virá tomar o desjejum com a senhora, assim que estiver pronta. Trouxe-lhe um pouco, de café para beber enquanto se veste, mas pode ficar na cama o tempo que quiser.

— Não! Preciso me levantar — Caren respondeu e aproveitando a ida de Daisy ao quarto contíguo pulou da cama e vestiu um roupão.

— Hoje cedo entrei aqui de mansinho e desfiz suas malas ali no quarto de vestir. Caso não consiga achar alguma coisa, pode me chamar... Aqui está, tome um pouco de café — ofereceu, estendendo-lhe a xícara.

Confusa, Caren aceitou a bebida fumegante, sem saber como agir diante de tantas atenções. Jamais tivera criados em sua vida e, portanto, não tinha a menor idéia de como se comportar, principalmente numa situação tão peculiar

como aquela.

Meia hora depois, quando as duas mulheres desceram as escadas, já estavam bastante entrosadas. De maneira delicada, Caren havia explicado a Daisy que preferia fazer as coisas por si própria, mas permitiria que a governanta lhe auxiliasse quando houvesse necessidade.

— Esta linda casa sempre precisou de uma mulher e de muitas crianças. Já disse isso ao Sr. Derek umas mil vezes. Parece que agora ele resolveu me ouvir... Puxa, seus cabelos são lindos e a senhora parece um anjo, o que combina perfeitamente com aquele ar malicioso do seu marido... Por favor, não se ofenda, mas a senhora sabe que ele tem um jeito bem demoníaco.

— É. eu sei — ela interrompeu, com um sorriso.

À medida que foi descendo os degraus, Caren tentou orientar-se com relação aos cômodos da casa imensa: no andar de onde saíra, havia duas suítes, cada uma com um quarto de vestir. Ao chegar ao andar inferior, parou indecisa, sem saber para que lado ficava a cozinha.

— Você me parece um tanto perdida — Derek falou, de pé na entrada do vestíbulo, pois acabara de chegar do passeio. — Eu já ia acordá-la, sua preguiçosinha. O dia está lindo e quero levá-la para conhecer a fazenda. Dormiu bem?

Antes de dar-lhe tempo para responder, caminhou até ela, tomou-a nos braços e beijou-a até deixá-la sem fôlego.

— Bom dia — sussurrou, finalmente.

— Bom dia — ela respondeu, trêmula, deixando-se levar por uma sala de estar onde num canto havia um piano e, no outro, uma lareira.

Depois de atravessarem aquele cômodo, chegaram a uma sala de jantar muito requintada.

— Não como muito de manhã — ele falou com naturalidade. — Só algumas frutas e um pouco de café. Se quiser, Daisy pode lhe preparar ovos mexidos.

— Não, obrigada. Assim está ótimo. — Sorriu, observando a mesa farta, onde havia cestas com frutas da estação e cheirosos pãezinhos caseiros.

Ao sentar-se, Caren não pôde deixar de notar uma rosa vermelha colocada diante de seu prato.

Com movimentos elegantes, Derek apanhou a flor pela haste, beijou-a e entregou-a a Caren, dizendo: — Bem vinda ao lar, querida.

— Obrigada — ela respondeu, apanhando-a. Instintivamente levou-a aos lábios como que para captar-lhe o beijo.

Sentando-se ao lado dela, Derek colocou o café fumegante nas xícaras de

porcelana chinesa e, enquanto comiam, ambos ficaram em silêncio por um longo tempo, até que ele lhe perguntou: — Você sabe cavalgar?

— Sei... Bem, pelo menos sabia. Faz muitos anos que não ando a cavalo.

— Ótimo. Escolhi uma boa montaria para você. Espero que goste dela... é uma égua bem mansa.

— Derek. — Caren o interrompeu. — Você dormiu comigo a noite passada.

— Dormi — ele respondeu com tranqüilidade.

— Pensei que tivéssemos concordado que isto não iria acontecer.

— Concordei que não faria amor com você.

— Foi mesmo? — indagou, engolindo em seco. — Depois de ter pego no sono durante a viagem, não lembro de mais nada.

— Não se recorda de que a carreguei no colo?

— Vagamente...

— E que a despi?

— Não.

— E que a beijei?

— Também não — respondeu, preocupada.

— Tem certeza de que não se lembra de nada?

— Não. Você fez amor comigo? — indagou, sentindo-se corar.

— Só mentalmente. Aliás, estou tenso até agora e, se não quiser deixar-me ainda pior, acho bom mudarmos de assunto.

Diante do silêncio de Caren, Derek prosseguiu: — Como eu ia dizendo, quero lhe mostrar minha propriedade hoje... Por enquanto, você pode montar com esta roupa que está usando. Depois, nós vamos providenciar um vestuário mais adequado.

Intrigada, Caren queria perguntar-lhe por que se preocuparia em comprar-lhe roupas novas se aquele casamento era apenas temporário, mas Derek continuou a explicar-lhe como seria sua vida nova.

— Caso você tenha alguma dúvida, Daisy está aí para ajudá-la.

— Parece que vou precisar me habituar a muitas coisas diferentes.

— Isso é normal na vida dos recém-casados. Estou certo de que você não terá dificuldade nenhuma em se acostumar — disse, dando-lhe um rápido beijo e estendendo-lhe a mão para ajudá-la a levantar-se.

Pegando-a pelo braço, levou-a para fora da mansão, passando pela enorme porta principal, que conduzia ao jardim extremamente bem cuidado.

— Espere, Derek. Primeiro quero ver como é a casa. Virando-se de frente para a gigantesca construção, maravilhou-se com a beleza dos tijolos

vermelhos que revestiam as paredes externas, num lindo contraste com as amplas janelas pintadas de branco. Uma das paredes era completamente coberta por trepadeiras verdejantes, pontilhadas aqui e ali por delicadas flores.

— Derek, ela é linda!

— É mesmo. Assim que a vi, fiquei encantado!

— Já era assim quando a comprou?

— Não, pelo contrário... Trabalhei anos para que ficasse como se encontra agora.

— Pois saiba que ficou divina... E aquelas montanhas ali adiante? São as Blue Ridge?

— São. Estamos em Albermarle Country, mais ou menos a vinte e cinco quilômetros de Charlottesville.

Depois de olhar o novo lar por mais alguns instantes, Caren acompanhou Derek numa caminhada pelas proximidades, totalmente fascinada com o que via: campos verdes, onde cresciam imensas árvores frutíferas, contornados por uma cerca branca que se estendia até onde a vista podia alcançar.

CAPITULO XI

O espanto de Caren com tanta beleza não tinha limites.

— Você chama isto de fazenda?

— Espero que esta pergunta signifique que você gostou do lugar — disse, rindo, passando-lhe um dos braços ao redor da cintura. — Venha, vamos ver os estábulos.

Chegando lá, Caren percebeu logo que a palavra "estábulo" era pouco para descrever o que via: uma gigantesca construção em madeira pintada de branco, onde um grupo de homens, todos uniformizados, encontravam-se ocupados em escovar, alimentar e exercitar magníficos cavalos. Além disso, havia vários trailers para os animais, estacionados ao lado do prédio.

— Alguma vez lhe contei que a principal atividade na fazenda é a criação de cavalos árabes?

— Se bem me lembro, você apenas mencionou que criava alguns cavalos. Para variar, suas palavras dão apenas uma vaga idéia do que é a realidade.

Saindo do estábulo, o casal foi ao encontro de um dos tratadores, que trazia dois imponentes puro sangues pelas rédeas.

— Caren, este é meu cavalo favorito: Mustafá.

— É magnífico! Não entendo muito de animais, mas ele me parece perfeito.

— É verdade. No ano passado, Mustafá recebeu, num concurso mundial, a Suprema Legião de Honra — falou, orgulhoso. — E esta aqui é Zarifa. Ela é sua.

— Minha? Você está louco?

— Não gosta dela? Quer outra?

— Não, não é isso. É que... Bem... Não estou acostumada a montar cavalos tão caros.

— Você se acostumará — ele falou, depois de explodir em uma gargalhada. — Mas se quiser posso lhe providenciar aulas de equitação... Agora vamos. Estou louco para cavalgar com você.

Ajudando-a a montar, Derek entregou-lhe as rédeas e em seguida, com um salto ágil, subiu em Mustafá.

— Como está se saindo? — indagou ele, meia hora depois.

— Muito bem. Estou adorando Zarifa... Mas acho que você e Mustafá não

estão acostumados a passeios tão pacatos assim, não é?

— Sim, é verdade... Você sabe saltar?

— Não, mas vá em frente. Adoraria vê-lo saltando. Sem esperar por mais encorajamento, Derek bateu levemente no pescoço do animal, que se pôs a galopar com elegância em direção às planícies que se estendiam diante deles.

Próximo a uma cerca, cavalo e cavaleiro saltaram sobre ela com destreza e, trotando, voltaram ao lugar de onde Caren assistira à demonstração.

— Seu exibicionista! — comentou, sentindo ao mesmo tempo uma ponta de orgulho.

— Posso ensiná-la a fazer o mesmo.

— Não creio que esteja pronta para isso... Mustafá parece voar quando galopa.

— Ele é um excelente animal — Derek falou com orgulho. — Quando o cavalgo, sinto-me parte do vento.

— Não sabia que você também tem vocação para poeta, Derek...

— Sabe, Caren, eu acredito sinceramente que eles se movem como se fossem o verso de uma poesia.

— Há quanto tempo possui Mustafá?

— Sete anos. Ele já me deu muitos potros junto com Zarifa... E então, quer voltar?

— Quero, sim. Não pretendo ficar toda dolorida logo no primeiro dia.

— Vamos indo, então.

Na hora do almoço, ambos se sentaram na varanda nos fundos da casa, de onde se vislumbrava as montanhas. Ali, Daisy lhes serviu uma deliciosa refeição, à base de salada preparada com verduras recém-colhidas e suculentos filés.

Ao terminarem, Derek mostrou a Caren toda a casa, para que ela se familiarizasse com cada cômodo. Em seguida, informou-lhe que precisava trabalhar um pouco no escritório.

— Tenho vários livros sobre cavalos árabes na biblioteca. Se estiver interessada, pode ler enquanto cuido de alguns negócios.

— Gostaria muito.

Entregando-lhe vários volumes ilustrados com magníficas fotos, Derek sentou-se à escrivaninha e passou várias horas ocupado, enquanto ela, acomodada numa poltrona de couro, lia com atenção.

Depois de um longo tempo, ele lhe indagou: — Achou algo interessante?

— Sim... É fascinante. Quantos cavalos árabes você tem?

— No momento, trinta e dois.

— O que existe nesta fazenda, além dos puro sangues?

— Plantações de trigo, amendoim e soja. Na realidade, não sou eu quem cuida desta parte. Tenho ótimos empregados, que fazem isto para mim.

Levantando-se com um dos livros na mão, ela disse: — Acho que vou descansar um pouco até a hora do jantar.

Erguendo-se, ele a alcançou e a abraçou, visivelmente preocupado.

— O que houve? Está doente?

— Não, de jeito nenhum. Só um pouco cansada.

— Bem, depois do dia que teve ontem, não é de se admirar — ele falou, beijando-lhe a testa. — Vejo você logo mais à noite.

Ao despertar, Caren sentia-se bem melhor. Seu rosto havia recuperado o tom rosado e sadio de sempre.

Foi até o armário e escolheu um vestido entre os poucos que compunham seu guarda-roupa.

Felizmente, era um traje de noite bastante sofisticado, pois Derek com toda certeza deveria se vestir formalmente para o jantar.

Ao encontrá-lo na sala de visitas, ela notou que acertara em sua escolha. Ele estava sentado ao piano, dedilhando uma canção suave, e usava calças pretas com um e elegante blazer branco sobre a camisa de linho.

— Coloquei um pouco de vinho para você — ele falou, sem parar de tocar. — Mas se quiser beber qualquer outra coisa...

— Não, obrigada — Caren respondeu, apanhando o cálice de cima da mesinha colocada ao lado do instrumento.

Deslizando sobre o banco para lhe dar lugar, Derek fez sinal com a cabeça para que Caren se sentasse ao lado dele.

— Não sabia que você tocava piano.

— Minha mãe insistiu que eu tomasse lições quando era pequeno.

— É mesmo? Minha mãe fez o mesmo comigo.

— Sério? E que tal tocarmos qualquer coisa a quatro mãos?

— Imagine! — ela retrucou com uma risada, jogando a cabeça para trás.

Aproveitando-se daquele gesto tão espontâneo, ele aproximou-se e deu-lhe um longo beijo no pescoço.

— Derek, por favor... — pediu, perturbada.

— Você tem um perfume tão gostoso... — sussurrou, acariciando-a com os lábios quentes até encontrar-lhe a boca úmida. Beijou-a então com intensidade. Ao afastar-se dela, falou: — Está com fome?

— Sim... Estou.

— Então vamos jantar.

Como uma sonâmbula, ela o seguiu até a mesa, iluminada por castiçais.

A refeição se constituiu de rosbife e legumes cozidos, regados com vinho francês. Tudo transcorria bem, mas Caren sentia-se aflita para tocar num assunto que a vinha incomodando profundamente.

Na hora da sobremesa, juntou toda coragem de que foi capaz c. da maneira mais casual possível, indagou: — Derek, você já teve algum filho?

— Por que pergunta? Baixando os olhos, ela respondeu: — Sei que não é assunto meu e nem tenho a pretensão de me intrometer em sua vida particular, mas... Bem, é que com tantas mulheres que já passaram por sua vida, eu pensei que... — parou de falar, sem forças para prosseguir.

— Não, não tenho filhos — Derek respondeu, com honestidade.

— Mas por que a pergunta agora?

— É que, na Jamaica. .. Bem, jamais poderia esperar que você entraria daquele jeito no meu quarto e me carregaria para seu chalé...

Em silêncio, Derek a fitava, esperando que ela concluísse o que tão penosamente estava tentando dizer.

— O fato é que não tive tempo de tomar nenhuma precaução... Ora, você sabe o que estou procurando lhe contar... E pare de me olhar desse jeito!

— Você está querendo me dizer que pode estar grávida?

— Não! Só estou falando que não havia tomado nenhuma precaução. A menos que você tivesse.

— Se quer saber se fiz vasectomia, a resposta é não. A idéia de ter um filho meu é tão desagradável assim?

— Não é isso... Eu sempre desejei ter um bebe, mas é que as circunstâncias em que nos casamos tornaram tudo muito instável.

— Não vejo razão para nos preocuparmos. Nada pode ser mais bonito do que ver um bebê meu em seus braços.

— Duvido que esteja grávida, mas, mesmo assim, achei melhor avisá-lo.

— Pois saiba que acho a idéia bastante atraente. Se no menos você parasse de me rejeitar... — sussurrou, aproximando-se dela e acariciando-lhe os lábios com os dedos longos.

Transtornada, Caren não sabia como reagir àquele toque e foi com alívio que viu Daisy entrar para tirar a mesa. Aproveitando-se da oportunidade, falou: — Vou para meu quarto. Quero ler mais sobre cavalos árabes e assim, indo para a cama cedo, descanso mais. Acho que ainda não me habituei à vida

no campo, ou foi o passeio desta manhã que me deixou exausta.

Ao sair da sala, pôde sentir os olhos de Derek sobre si, mas não se voltou para fitá-lo. Desejava fugir dele, daquele poder de sedução que ele exercia sobre ela.

Subindo apressadamente os degraus, preparou-se para deitar. Apesar de tentar, não conseguia concentrar-se na leitura. Na semi-obscuridade do quarto, incapaz de pegar no sono, revirou-se na cama durante um bom tempo.

Irritada, jogou as cobertas para o lado e foi até o quarto de vestir, disposta a tomar algo que a relaxasse.

Qual não foi sua surpresa ao abrir a porta e ver-se frente a frente com o marido.

De pé, sem camisa, descalço e prestes a abrir o zíper das calças, ele a fitou assim que a ouviu entrar.

— O que houve? — perguntou, parecendo desnudá-la através da camisola delicada.

— Desculpe-me, mas não escutei você subir.

— Algo errado?

— Não, só estou um pouco inquieta e pensei que talvez um calmante ajudasse a me sentir melhor.

Aproximando-se, sem tirar os olhos de cima dela, ele sussurrou: — Você está incrivelmente sexy...

Depois, deslizando-lhe as mãos pelos seios, pela cintura, pelas costas, puxou-a para si e beijou-a com fervor.

Sem poder resistir, Caren entregou-se àquela carícia, sorvendo-lhe a boca quente e a língua firme e provocante.

Zonzo de prazer, Derek afagou-lhe os mamilos que já despontavam sob a malha fina da camisola e, em seguida, pressionou-lhe os quadris, fazendo-a sentir seu sexo rijo.

— Eu a desejo, Caren... Eu a quero — murmurou, pegando-lhe a mão delicada e introduzindo-a por sob suas calças. — Sinta como eu a quero.

Diante da recusa dela em tocá-lo, Derek implorou: — Por favor, por favor... quero experimentar suas mãos me acarinhando.

Vencendo as últimas defesas, Caren deixou que seus dedos fizessem o que Derek lhe pedia: a princípio, timidamente, e, depois, com mais audácia, sem restrições.

— Caren, Caren, querida — gemeu, erguendo-lhe a camisola até a cintura e introduzindo-lhe os dedos dentro da calcinha minúscula, descobrindo-lhe a

umidade do sexo.

— Oh, Derek — ela suspirou, agarrando-se a ele. Então, arrependida, afastou-se, ofegante.

— Não! Não posso fazer isso!

— Como, não pode? — indagou perturbado.

— Você concordou com as condições do nosso casamento.

— Para o inferno com estas condições! Você é minha esposa e eu a quero!

— Mas você prometeu que não iria me forçar a nada — disse, desesperada, dando um passo para trás.

Derek, no entanto, não se intimidou. Ao contrário, avançou decidido para ela, puxou-a para si, segurando-lhe a cabeça entre as mãos e fitando-a com olhos flamejantes.

— Sabe o que eu deveria fazer? Devia despi-la, jogá-la na cama e obrigá-la a aceitar o prazer que nega a si mesma. Devia fazer amor com você até torná-la completamente dependente de mim. Mas não vou fazer nada disso... Não vou lhe dar esta satisfação.

Decidido, soltou-a com violência e saiu batendo a porta com um estrondo.

Depois daquela noite, o relacionamento entre eles tornou-se tenso.

Diante de Daisy e dos outros empregados, eram educados um com o outro. Quando a sós, no entanto, um silêncio constrangedor preenchia o ambiente.

Derek jamais a tocava, a menos que fosse extremamente necessário, e insistira para que cavalgassem juntos todas as manhãs. Como havia dito, queria ensiná-la a montar melhor. Caren, porém, achava que os passeios serviam apenas para manter as aparências.

Um dia, apesar das recusas de Caren, Derek a presenteou com um carro esporte. Como ela insistia em não aceitar, ele havia atirado as chaves sobre a mesa, dizendo: — Você precisa ter um carro para poder andar por aí!

Sem lhe dar tempo de responder, virou-lhe as costas e dirigiu-se ao estábulo, onde agora passava a maior parte do dia.

Em outra ocasião, fora surpreendida com roupas novas, que Derek fizera questão de escolher. Caren nunca pensou que um dia pudesse ter um guarda-roupa tão variado.

Na manhã seguinte à chegada das roupas, Caren foi encontrar o marido usando calças de montaria, camisa de seda branca e botas de cano alto. Para completar o traje, prendera os cabelos num rabo-de-cavalo, enfeitando-o com uma fita do mesmo tom das calças.

Examinando-a de alto a baixo, Derek apenas falou: — É, estamos

melhorando...

A vontade de Caren naquele instante foi de esbofeteá-lo, mas, ao invés disto, apanhou as rédeas de Zarifa e montou, sem ajuda. Batendo de leve com os calcanhares nos flancos do animal, partiu a galope e, checando perto de uma cerca baixa, deixou que a égua saltasse.

Somente depois de estar do outro lado foi que abriu os olhos cheios de lágrimas, provocadas pelo comentário que Derek fizera.

No instante seguinte, ele a alcançou, tomando-lhe as rédeas das mãos e obrigando-a a parar.

— Parabéns! — ironizou. — Você acaba de descobrir uma maneira excelente de quebrar o pescoço.

— Pensei que quisesse me ver saltar obstáculos.

— Sim, mas primeiro você precisa aprender!

— Então pare de gritar comigo e me ensine! Até hoje eu mal sei subir num cavalo.

Dessa forma, as aulas de equitação começaram realmente.

No entanto, elas não eram suficientes para preencher-lhe as horas do dia. Acostumada a trabalhar fora c ainda cuidar do apartamento e de Kristin, sentia-se inútil e aborrecida.

Uma tarde, andando pela casa, resolveu dar uma olhada no sótão e, ao abrir a porta, uma nuvem de poeira a envolveu. O cômodo era enorme, mas ao contrário do resto da residência estava completamente sujo.

Esgueirando-se sorrateiramente para dentro do quarto de limpeza de Daisy, apanhou tudo que poderia auxiliá-la na faxina que estava disposta a fazer: vassouras, espanadores, trapos e detergentes.

Uma hora mais tarde, entretida no trabalho, sobressaltou-se com a voz de Berek atrás de si.

— Que diabos você está fazendo?

Atrás dele, vinha Daisy, que procurou se desculpar.

— Sinto muito, dona Caren, mas tive de contar ao patrão. Eu tinha certeza de que ele não gostaria de saber que a senhora estava aqui.

— Chega, Daisy. — A voz de Derek soou autoritária. — Você já falou demais. Eu cuido disto.

Obediente, a governanta desceu a escada em silêncio, deixando-os a sós.

Apoiando as mãos sobre o cabo da vassoura, Caren fitou-o, enraivecida: — Sou toda ouvidos, senhor.

— Quero saber o que pensa que está fazendo.

— Pois o que lhe parece? ... Estou limpando o sótão.

— Caren, tenho empregados para fazer isto. Portanto, não espero que minha esposa se ocupe de tais tarefas.

— Bem, talvez sua esposa esteja precisando trabalhar. Talvez ela se sinta na obrigação de pagar pelo próprio sustento.

— O que quer dizer com isto?

— Que não me sinto bem vivendo deste jeito.

— Que jeito?

— Desocupada. Derek, tente entender: trabalhei sempre, toda minha vida. Nunca tive dinheiro para desperdiçar como você faz. Pode ser que não tenha problemas de consciência, vivendo no luxo e na riqueza enquanto milhares e milhares de pessoas morrem de fome em seu próprio país, mas eu não sou assim. Você pode comprar carros e roupas caríssimas, mas eu não sou tão fútil.

— Terminou?

— Não.

— Estou perguntando se você terminou o seu sermão, não a faxina. Esta limpeza você não vai continuar e ponto final.

— Bem, quanto ao sermão, já disse tudo o que tinha para dizer.

— Ótimo — retrucou, dando-lhe passagem para que ela saísse.

Em seguida, trancou a porta do sótão atrás de si, guardando a chave no bolso para certificar-se de que ela não voltaria-mais ali.

Vários dias depois, Caren tomava café na cozinha, conversando com Daisy a fim de se distrair, quando a campainha tocou.

A governanta, que estava com ambas as mãos enterradas na massa do pão que iria assar, olhou suplicante para a patroa.

— Não se preocupe, Daisy. Eu mesma atendo — falou Caren, saltando da cadeira, satisfeita por ter algo que fazer.

— Puxa, obrigada, dona Caren.

— Imagine...

Ao abrir a porta de entrada, Caren viu uma mulher de aproximadamente quarenta anos, parecendo estar um pouco embaraçada.

— Oi! Meu nome é Sarah Caldwell e trabalho no Orfanato Shenandoah Valley... O Sr. Allen está em casa?

— Ele está trabalhando nos estábulos — Caren respondeu. — Vou mandar chamá-lo... Entre, por favor.

Acompanhando Sarah até a sala de visitas, apanhou o interfone e pediu ao empregado do outro lado da linha que avisasse ao patrão que havia alguém

aguardando-o.

Após colocar o fone no gancho, meio embaraçada, fitou a mulher.

— Meu nome é Caren Blake... Allen — falou, corrigindo-o se a tempo. Ainda não se acostumara a apresentar-se com o sobrenome do marido.

— Oh, senhora Allen... Quanto prazer em conhecê-la... Li nos jornais sobre o casamento do Sr. Allen. Foi muito comentado.

Enquanto esperavam por Derek, as duas conversaram um pouco sobre assuntos variados.

Derek chegou, ainda vestindo calças de montaria e botas.

— Alô, Sarah... Veio buscar o cheque?

— Sim, se for possível.

— Claro! Já está pronto — ele respondeu, indo até uma pequena escrivaninha a um canto da sala e retirando um envelope da gaveta.

— Não posso lhe dizer o quanto suas contribuições significam para nós — Sarah falou, apanhando o envelope que ele lhe estendera. — No ano passado, o cheque de cem mil dólares nos permitiu contratar médicos e enfermeiras para nosso pronto-socorro.

— Maravilhoso! — comentou Derek. Virando-se para Caren, a mulher continuou: — A senhora deve sentir-se bastante orgulhosa de tudo o que seu marido faz pelas crianças pobres. É claro que o orfanato é apenas uma das muitas causas que ele defende...

— Se não precisa de mais nada, Sarah... — Derek a interrompeu, levantando-se. — Tenho que voltar aos estábulos.

De maneira educada, acompanhou-a até a porta e despediu-se dela, voltando para a sala, onde encontrou Caren em prantos.

— Querida! O que houve?

— Estou tão envergonhada... — sussurrou, sem coragem de encará-lo. — Eu pensei que você... oh, você sabe o que pensei a seu respeito... Peço-lhe desculpas por tudo o que lhe disse outro dia.

— Está tudo bem, calma...

— Por que não se defendeu quando eu o acusei de jogar seu dinheiro fora, sem se preocupar com os outros?

— Porque você poderia pensar que eu estava me exibindo. Além do mais, caridade só é caridade quando ninguém sabe que a fazemos.

— Você é muito melhor do que eu pensava.

— Não, não sou. Principalmente no que se refere a ser um bom marido... Você é infeliz aqui, não é?

— Não... Ninguém conseguiria ser infeliz numa casa tão bonita... Meu problema é que me sinto ociosa demais. Aliás, queria lhe perguntar que acha de eu arrumar um emprego em Charlottesville?

— A esposa de Al-Tasan não deve trabalhar.

— É... foi o que imaginei — retrucou com tristeza, sabendo que o assunto estava encerrado.

Algumas semanas mais tarde, Derek contratou empregados para limparem o sótão. Durante vários dias, eles subiram e desceram as escadas, num trabalho intenso, mas a porta estava sempre fechada para Caren.

Curiosa, ela apenas ouvia o barulho dos martelos instalando equipamentos que ela vira serem levados para cima em grandes caixas lacradas.

Uma manhã, finalmente, Derek veio acordá-la.

— Tenho uma coisa para lhe mostrar — falou, como fosse um garoto, escondendo um segredo.

— Agora?

— Neste instante!

Pegando-a pela mão, tirou-a da cama sem dar-lhe tempo de vestir ao menos o robe. Apressado, levou-a até o sótão e abriu a porta, deixando-a perplexa com o que viu.

Em silêncio, olhou o que tinha diante de si: um estúdio de escultura completo, com todo material e equipamento necessários.

CAPÍTULO XII

Quase sem fala ao sentir um velho sonho ser realizado, Caren perguntou: — Como você soube que eu gostava de esculpir?

— Sua irmã, sem querer, me falou. Lembra-se da noite em que jantamos juntos os três? Recorda-se de que ela disse: "Oh, Caren, você pode voltar às suas esculturas?" Pois então, não me esqueci. Quando a vi tão deprimida, porque não tinha o que fazer, telefonei a Kristin e lhe perguntei se você realmente levava a arte a sério ou se era apenas uma distração. Ela me contou que você era uma estudante muito dedicada, antes de sua mãe morrer.

— É verdade... Mas, com o falecimento de mamãe, fui obrigada a assumir a responsabilidade pela educação de Kristin e tive de procurar um emprego mais lucrativo.

— Ela me disse isso, também. Ficou super contente com minha idéia de transformar o sótão em estúdio e me deu uma lista completa de tudo o que você precisaria.

— E eu que pensei que você só havia mandado limpar este cômodo...

— Bem, isto era o que eu queria que acreditasse, mus você ficou curiosa quando percebeu que todos podiam entrar aqui, menos você, não ficou?

— É verdade. Também pensei que estivesse querendo me pôr na linha.

— Imagine! — falou, rindo. — E agora que já viu o que é, diga-me se gostou ou não.

Olhando mais uma vez ao redor de si, notou que algumas tábuas do teto tinham sido substituídas por vidro, a fim de proporcionar luz suficiente.

Encostadas nas paredes, havia as mesas e, dentro das gavetas, uma grande variedade de ferramentas. Nos armários que ladeavam as mesas, encontrou material para mantê-la ocupada durante meses.

—- Adorei tudo... Isto deve ter custado uma fortuna — ela falou, enquanto examinava um anzol. — Espero que eu não o decepcione... Não sou nenhuma artista.

Aproximando-se dela, Derek segurou-lhe os ombros nus com ternura.

— Caren, minha querida, tenho certeza que com essa sensibilidade toda você é uma boa escultora. E agora você vai ter todo o tempo do mundo para se aprimorar ainda mais.

— Sinto muito se andei mal-humorada.

— Não, nada disso. Você estava muito triste e eu é que tenho de pedir desculpas. Eu acreditava que o casamento seria a melhor solução para você.

— Acontece, Derek, que não gosto de ser tratada como um animal de estimação. Esta casa é maravilhosa, mas está se transformando numa gaiola dourada para mim... Daisy não me deixa mover um dedo sequei para ajudá-la no serviço doméstico... Quanto ao resto da fazenda, você tem um exército de empregados para cuidar de tudo... Eu sou a única que não tem nenhuma ocupação.

Mais uma vez ela olhou, feliz, para o estúdio. Assim como estava, parecia que fora construído para durar a vida toda. No entanto, sabia que era apenas uma ilusão e tentou imaginar o que Derek faria com aquele lugar depois que se divorciassem. Provavelmente, o trancaria e o deixaria cobrir-se de pó outra vez.

— Com todo esse material, agora não posso reclamar de falta do que fazer... — falou, procurando espantar a tristeza.

— Com o que vai começar?

— Apenas com exercícios. Faz anos que não trabalho com escultura... Foi maravilhoso de sua parte me dar este presente — disse, com verdadeira gratidão, beijando-o de leve nos lábios.

Aquele beijo, embora ingênuo, bastou para que Derek não se contivesse mais. Tomando-a nos braços, apoderou-se de sua boca e explorou-a com a língua ávida.

Puxando-a para si, deslizou uma das mãos para os seios de Caren, acariciando-os repetidas vezes.

Sabia que a desejava, mas também sabia que aquele não era o momento de possuí-la. Na certa, Caren pensaria que ele estava querendo ser recompensado por causa do estúdio.

Aos poucos, apesar de estar louco de paixão, ele a soltou, e afagou-lhe levemente a face.

— Se soubesse que você ficaria tão feliz, teria construído este estúdio há muito tempo! ...

Depois daquele dia, o relacionamento do casal se tornou bem mais tranqüilo. Os dois, de quando em quando, trocavam beijos e carinhos. Entretanto, Derek sempre mantinha o controle para que aqueles pequenos toques não se intensificassem, pois não queria, de modo algum, forçar Caren a dormir com ele.

Uma noite, foram surpreendidos com um telefonema de Al-Tasan e Cheryl. O sheik estava de partida para a Arábia Saudita depois de uma série de conferências bem-sucedidas em Washington.

Caren conversou brevemente com Cheryl e, em seguida, entregou o fone a Derek, que passou um longo tempo falando com o pai.

Ao desligar, virou-se para Caren e falou, com naturalidade: — Papai vai se encontrar com mamãe em Genebra, na Suíça, em outubro, e nos convidou para irmos até lá. O que acha da idéia? Aceita?

— Sim, é claro — ela gaguejou.

— Ele disse que quer conhecê-la melhor. Hamid e sua esposa estarão lá também. Gostaria de apresentá-la a eles.

— Hamid é seu meio-irmão, não é?

— É, sim. Papai também me perguntou se você estava grávida.

— Espero que você tenha dito que isto não é problema dele.

— Pois ele acha que é.

— E o que você respondeu?

— Que não.

— É verdade... Não estou esperando um bebê.

— Então, não aconteceu na Jamaica — murmurou, num tom de voz que parecia conter uma ponta de tristeza.

Ao caminharem até a sala de jantar para tomar a refeição da noite, Caren lhe indagou: — Onde Cheryl mora quando não está com seu pai?

— Em Long Island. Ela tem uma casa fantástica lá. Nós vamos visitá-la qualquer dia destes e podemos até levar Kristin conosco. Aposto como ela vai adorar.

— Sua mãe fica sozinha o tempo todo, esperando que seu pai a chame para correr atrás dele como um animalzinho de estimação?

— Ela compreende meu pai.

— Ainda bem... Eu não seria tão compreensiva se estivesse no lugar dela...

Assim que terminaram o jantar, Caren desejou-lhe boa noite dando-lhe um rápido beijo e subiu apressada para o quarto. Evitava ao máximo que seus contatos se tornassem mais íntimos, pois queria diminuir o sofrimento pelo qual passaria quando tivesse de partir.

Um momento de grande prazer para os dois eram os passeios a cavalo todas as manhãs. As aulas de equitação continuavam e Caren já conseguia saltar pequenos obstáculos com Zarifa. Todas as tardes, ela trabalhava no estúdio.

A princípio, apenas brincara com a argila, se acostumando a lidar com o

material, novamente. Depois, começou a modelar pequenas esculturas, que foram pouco a pouco se aprimorando.

Uma vez, num instante de grande inspiração, começou um projeto ambicioso, muito mais complicado que os outros. Durante vários dias, entregou-se àquele trabalho, ficando completamente absorvida por ele.

Numa tarde, depois de passar horas sobre aquele novo projeto, sentia-se exausta, mas extremamente satisfeita, e resolveu sair para um passeio com Zarifa antes do jantar.

— Vai sair? — Derek indagou ao encontrá-la nos estábulos, no momento em que terminava de inspecionar alguns animais.

— Trabalhei muito hoje e quero relaxar um pouco.

— Importa-se se eu a acompanhar?

— Não... Sua companhia me agrada — sussurrou, encabulada.

Alguns minutos depois, já galopavam pelos campos, banhados pelos raios avermelhados do sol que se punha, dando lugar a uma lua cheia e brilhante.

Montando Zarifa e trotando contra o vento que lhe acariciava os cabelos, Caren sentia-se, depois de muitos anos, uma mulher livre e segura de si.

Ao ver uma cerca, aproximou se, e resolveu que iria saltá-la, mesmo sabendo que jamais pulara obstáculo tão alto.

Como que adivinhando-lhe os pensamentos, Derek a aconselhou: — Pare, Caren. Vamos voltar daqui. Ignorando as palavras do marido, ela abaixou-se e sussurrou para o animal: — Vamos, garota. Nós podemos fazer isto.

— Volte, Caren. Você está chegando muito perto da cerca. Ela é alta demais — gritou, vendo-a avançar.

Sem dar-lhe ouvidos, ela aumentou o galope, percebendo que, do ponto em que se encontrava, não pode ria mais voltar. Fechou os olhos, prendeu a respiração e deixou que Zarifa fizesse o resto, saltando o alto obstáculo.

Somente depois de sentir-se em chão firme outra vez foi que recomeçou a respirar.

Quase que instantaneamente, Derek juntou-se a ela, com o rosto transfigurado de raiva.

— Você merecia umas belas palmadas no traseiro por ter feito esta loucura.

— Nem tente encostar um dedo em mim... E não foi nenhuma loucura. Eu mantive o controle sobre Zarifa o tempo todo.

— Pois acaba de perdê-lo — murmurou, falando qualquer coisa em árabe para o animal, que o obedeceu prontamente, começando a trotar em direção aos estábulos.

Por mais que Caren tentasse fazê-la andar mais rápido, não conseguia, pois ela seguia apenas as ordens de Derek.

Ao chegarem aos estábulos, Caren estava tomada de raiva e humilhação. Furiosa, desmontou e afastou-se em passos rápidos, sem esperar por Derek, que entregava as rédeas dos dois animais a um empregado.

Já a meio caminho de casa, ele a alcançou, agarrando-a com força pelo braço, ordenando-lhe: — Espere um pouco.

— Me solte!

— Ainda não acabei de falar.

— Problema seu! E nunca mais se dirija a mim daquela maneira.

— De que maneira?

— Gritando comigo e me dizendo o que eu devo ou não devo fazer.

— Mas você poderia ter se matado!

— Só que não morri!

— Mas me desobedeceu. Quando dou uma ordem, quero que seja obedecida.

— O quê? Não conte comigo, meu caro! Pode ser que haja mulheres no mundo inteiro prontas para atendê-lo assim que você estale os dedos, mas eu não sou deste tipo! Sou uma mulher independente e tenho o direito de fazer tudo o que quiser, inclusive saltar obstáculos a cavalo. Portanto, se espera que eu me coloque ao seu inteiro dispor, está redondamente enganado. Sou na esposa, e não uma escrava!

— Ótimo! Pois já está na hora de começar a agir i orno minha esposa.

Segurando-a pelo braço, praticamente arrastou-a até a casa. Avistando Daisy, falou: — Não vamos jantar hoje, mas prepare um café bem reforçado para amanhã.

Depois, levou Caren até o aposento que ocupava desde o incidente no quarto de vestir.

— Espero que goste daqui, pois este é o lugar que de agora em diante você vai passar a dormir — falou, empurrando-a para a cama.

Em seguida, deitou-se sobre ela, imobilizando-a com seu corpo forte e beijando-lhe a boca longamente.

Tomada de excitação, ela dobrou os joelhos, firmando os saltos das botas sobre o colchão.

Sem parar de beijá-la, Derek ajeitou-se entre as pernas longas e delgadas e, com ambas as mãos, desabotoou-lhe a blusa, revelando-lhe os seios sob o sutiã rendado, que ele, louco de paixão, tirou com dedos trêmulos.

Então, com avidez, acariciou-lhe os mamilos com a ponta da língua, fazendo-a suspirar de desejo.

Mas para Derek ainda não era o suficiente. Tirou-lhe as botas e, abrindo-lhe a fivela do cinto e o zíper das calças, puxou-as para baixo, jogando-as ao chão. Depois, devagar, retirou-lhe a calcinha e tocou-lhe o sexo. Primeiro afagando-o de leve e, em seguida, com mais insistência.

Caren, excitada, ajudou-o a despir-se e ofereceu-se a ele por inteiro. Sem hesitar, Derek a penetrou com o membro rijo e quente, unindo-se a ela com paixão.

Em poucos minutos, ambos atingiram o êxtase juntos.

Mais tarde, após terem ficado um longo tempo em silêncio, Derek a aconchegou em seus braços e perguntou-lhe: — Você está bem?

— Claro!

— Eu te machuquei?

— De modo algum...

— Eu estava muito ansioso, por isso fiquei preocupado.

— Foi lindo! Nem pense nisso.

— Oh, Caren... Há tanto tempo eu a quero!

— Eu também. Tenho sido uma tola evitando fazer amor com você.

Beijando-lhe os lábios finos e rosados, Derek sentiu novamente o desejo brotar em seu sexo.

Desta vez, no entanto, não havia pressa. Com calma, os dois se exploraram, palmo a palmo, e só muito tempo depois é que atingiram o clímax de novo.

Exaustos, adormeceram, murmurando doces palavras um ao outro.

Horas depois, levantaram-se e, enchendo a banheira com água quente e sais aromáticos, tomaram um banho demorado e relaxante, voltando para a cama logo em seguida.

Naquela noite, adormeceram abraçados e só despertaram no dia seguinte, quando o sol já brilhava intensamente no céu azul-turquesa.

Após uma ducha revigorante, Derek pediu a Daisy, pelo interfone, que lhes trouxesse o desjejum.

Imediatamente, a governanta lhes serviu um farto eu fé da manhã, composto de ovos fritos e bacon, frutas tropicais e sucos.

— Tenho uma surpresa para você — Caren falou, do terminarem de comer. — Está lá no estúdio.

— Ah... Isto me lembra uma pergunta que tenho para lhe fazer: por que mantém o estúdio sempre trancado?

— Nós, os artistas, não gostamos que vejam nossas obras antes de terminadas.

Juntos, subiram para o sótão. Lá entrando, ela foi direto a uma escultura coberta por um pano. Descobrindo-a num gesto rápido, ficou olhando qual a reação que Derek teria.

— Você esculpiu Mustafá... — disse ele, num fio de voz, tomado de emoção.

— Ainda não está pronto. Este é só o modelo em argila. Pretendo fazê-lo em bronze.

Com os olhos cheios de lágrimas, ele a envolveu num abraço quente e carinhoso.

Comovida, Caren deixou escapar dos lábios as palavras que vinha repetindo mentalmente para si mesma há muito tempo: — Derek, eu amo você.

CAPÍTULO XIII

Os dias que se seguiram foram de completa felicidade para os dois.

Passavam a maior parte do tempo juntos, algumas vezes trabalhando, outras apenas passeando.

Entusiasmado com o interesse de Caren pela criação de cavalos, Derek aos poucos lhe ensinava tudo sobre os animais. Além disso, as aulas de equitação continuavam e ela se esmerava cada vez mais nos saltos de obstáculos.

Apesar das novas atividades que o marido lhe designara, agora que se tornara uma expert em cavalos de raça, Caren ainda dedicava longas horas à escultura.

Uma tarde, entretida em aperfeiçoar a estátua de Mustafá, esqueceu-se completamente que teriam visitas para o jantar. Apressada, correu escada abaixo para tomar uma ducha rápida.

Abrindo o armário, escolheu um vestido de seda verde-escura, que ainda não tivera oportunidade de usar. Como adorno, colocou um colar de coral rosa e, para completar, fez uma maquilagem bem leve: um pouco de rímel, blush e, nos lábios, apenas brilho.

Ao dirigir-se à sala de visitas, já encontrou Derek tomando um aperitivo com o convidado, um senhor alto e sorridente, que logo levantou-se para cumprimentá-la.

— Então esta é a senhora Allen... Puxa, Derek, você soube mesmo escolher... Ela é linda!

— Obrigada — Caren falou, embaraçada.

— Desculpe-me se me excedi em elogios... Mas costumo ser sempre muito sincero. Ah! ... Quase me esquecia... Meu nome é Bear Cunningham e sinto-me honrado em conhecê-la.

— O prazer é todo meu.

Momentos depois, bebericando o vinho branco que Derek lhe servira, Caren ficou mais à vontade e pôs-se a conversar descontraidamente.

Durante o jantar, o assunto em pauta foi, como não podia deixar de ser, a criação de cavalos árabes.

— Bear tem uma fazenda perto de Weatherford, no Texas — informou Derek.

— Você conhece o Texas, Caren? — perguntou o fazendeiro, chamando-a informalmente, pelo primeiro nome.

— Ainda não.

— Pois então deve fazer este seu marido preguiçoso levá-la para lá qualquer dia destes. Aliás, insisto para que sejam meus hóspedes. Minha esposa, Barbi, adoraria recebê-los. E aposto que ela os levaria para dar uma volta de avião.

— Por que ela não veio com você? — Caren indagou.

— Estava ocupada com alguns negócios, mas tenho certeza que ela teria grande prazer em recebê-los.

— E a que devemos sua agradável visita? — perguntou ela, com interesse sincero.

— Vim dar uma olhada nos estábulos de Derek. Preciso modernizar os meus e, ao que me consta, os de seu marido são os mais bem cuidados do país... Mas, diga-me, Caren... você sabe alguma coisa sobre a criação de cavalos? — perguntou, enquanto deixavam a mesa em direção à sala de estar, onde tomariam café.

— Estou aprendendo... e com um professor excelente — respondeu, lançando um olhar carinhoso a Derek.

— Além de cavalos, Caren está aprendendo a administrar a fazenda, mas ela tem outras habilidades — Derek falou com orgulho, levantando-se do sofá. — Espere um segundo, Bear. Quero mostrar-lhe algo.

— O que vai fazer? — Caren exclamou, adivinhando o que ele tinha em mente.

— Vou mostrar-lhe sua escultura.

— Mas, querido, ainda não está terminada.

— Mesmo assim, está lindíssima.

Sem dar ouvidos aos protestos de Caren, ele subiu as escadas, deixando-a embaraçada diante do hóspede. Temia que Bear achasse a escultura uma peça sem valor. Afinal, o marido talvez gostasse dela apenas por ter-se afeiçoado à imagem de seu cavalo favorito.

Ao voltar, Derek colocou a estátua diante do amigo, que aproximou-se para vê-la mais de perto.

— Puxa vida! Mas este é Mustafá, não é?

— Está vendo, querida? Não lhe disse que sua obra é magnífica? — indagou, sorrindo para a esposa.

— É o primeiro trabalho que faço depois de muito tempo — ela explicou,

com modéstia.

— Pois acho que é maravilhoso... Será que poderia fazer uma para mim?

— Igual a esta? — perguntou, surpresa.

— Não! Claro que não... Deixe-me explicar. Minha esposa tem um cavalo de estimação que ela trata como se fosse um príncipe. Eu já estava preocupado com o presente de Natal dela, pois Barbie é daquelas mulheres que já têm tudo... Agora que vi esta obra de arte, ocorreu-me que eu poderia lhe mandar uma foto do Stallion e você faria uma escultura dele... Então, o que me diz?

— Bem, não sei... — hesitou. Jamais tinha pensado que pudesse ganhar dinheiro como escultora, mas a idéia a deixou entusiasmada. — Sim, acho que aceito.

— E qual é o preço?

— Preço? ... — hesitou novamente.

— Eu não lhe pagaria menos de dez mil dólares, Bear. — Derek adiantou-se. — Ela gasta um tempo enorme para fazer uma peça como esta.

— Bem, não sei — falou o milionário, esfregando o rosto pensativamente com a palma da mão.

— Senhor Cunningham... — Caren começou a dizer, disposta a se desculpar, embaraçada com a enorme quantia que o marido pedira.

— Não me parece que dez mil seja o bastante... Ofereço-lhe doze mil. O que acha? — Bear a interrompeu.

— Está ótimo! — ela apressou-se em dizer, temendo que Derek recusasse a proposta. — Mande-me uma foto do Stallion que começarei a trabalhar assim que terminar Mustafá.

— Ficará pronto para o Natal?

— Prometo que sim. E não me mande dinheiro nenhum enquanto não tiver visto a escultura e se certificado de que gosta do resultado, Ok?

— Estou certo de que vou adorar!

Meia hora depois de uma animada conversa sobre arte, Bear partiu, despedindo-se com entusiasmo de Caren e Derek.

Assim que o viu sair, ela virou-se para o marido e falou, aflita: — Você ficou louco? Como teve coragem de cobrar dez mil dólares por uma escultura tão pequena?

A resposta dele foi enlaçar-lhe a cintura, beijando-lhe demoradamente a boca. Em seguida, murmurou: — Não estava mais agüentando de saudades de você.

— Não mude de assunto!

— Que assunto?

— Sabe muito bem do que estou falando! Imagine se Bear achar o trabalho uma droga, ou se...

Colocando-lhe o dedo indicador sobre os lábios, ele a interrompeu: — Bem, aconselho a você a caprichar na encomenda dele, pois Bear é uma pessoa muito bem relacionada e estou certo que vai fazer propaganda de sua obra pelo país inteiro. Se minha intuição estiver correta, acho que logo estará recebendo inúmeros pedidos.

— Mas dez mil dólares é muito dinheiro! — Doze mil... — ele a fez recordar-se.

— Derek, você não entende! ... Quando eu trabalhava no Departamento de Estado não ganhava esta quantia nem em um ano! Como posso aceitar essa soma por apenas uma peça?

— Minha querida... Tudo isto é relativo. Pessoas como Bear possuem os cavalos mais espetaculares do mundo. Elas não poderiam se dar a este luxo caso não fossem extremamente ricas. Quanto mais você cobrar deles, mais valor darão a sua escultura, sabia?

— É, você tem razão... E este dinheiro até que viria a calhar... Não para mim, é claro — acrescentou, apressadamente. — Mas para Kristin. Eu poderia abrir-lhe uma caderneta de poupança.

Em seu íntimo, no entanto, ela sabia que, na certa e, muito em breve, também precisaria daquele dinheiro. Apesar de as últimas semanas terem sido maravilhosas, e Derek não ter nunca lhe dado a impressão de que estava cansado dela, Caren não alimentava esperanças que seu casamento durasse. Mais dia, menos dia, ele pediria o divórcio e cada um iria cuidar da própria vida.

Apavorada com a idéia de perdê-lo, abraçou-se a ele, como se, com aquele gesto, pudesse retê-lo para sempre junto de si.

— Tudo o que você ganhar com sua arte será apenas seu, para usar como quiser — Derek falou, colocando um ponto final na conversa.

Fazendo-a erguer a cabeça, beijou-a com fervor.

A previsão de Derek que Caren receberia muitas encomendas de esculturas logo se tornou realidade. Numa ocasião em que foram assistir a uma exposição de cavalos árabes em Richmond, Caren e o marido encontraram-se com Bear, que a apresentou a todos os seus amigos mais influentes. Levando-a de um lado para o outro, enquanto os juízes da competição reuniam-se para escolher os vencedores do concurso de melhor montaria, ele a deixou muito

embaraçada, de tanto tecer-lhe elogios diante de pessoas que ela via pela primeira vez.

Só quando o julgamento dos animais se encerrou é que Caren conseguiu ficar ao lado do marido, que havia se ausentado para receber, mais uma vez, o primeiro prêmio por sua criação de cavalos.

Sorridente, Derek recebeu os cumprimentos de todos e depois, passando o braço sobre os ombros de Caren, disse baixinho: — Acho que os cumprimentos deveriam ser para você. .. Quantas encomendas recebeu hoje, querida?

— Sete — ela respondeu, enrubescida.

O resto da noite transcorreu com muita alegria, terminando com um requintado jantar no Jóquei Clube.

No dia seguinte, de volta à fazenda, Caren entregou-se de corpo e alma às suas esculturas, começando a trabalhar com afinco. Mesmo assim, ainda lhe restava bastante tempo para fazer companhia ao marido, quer nos estábulos, quer no escritório ou nas cavalgadas matinais.

Numa manhã, ao voltarem de um passeio, depararam-se com um automóvel estacionado diante da casa.

— Aquele é o carro de mamãe! — Derek falou, transbordante de felicidade.

Ajudando a esposa a desmontar Zarifa, dirigiu-se com ela para a sala de estar, onde Cheryl Allen os aguardava, bebendo o café que Daisy acabara de servir.

De braços estendidos e com um largo sorriso no rosto, Derek foi até ela, mas o que viu deixou-o assustado: com os olhos vermelhos de tanto chorar, Cheryl ergueu-se da poltrona e fitou-o com melancolia.

— O que houve, mamãe?

— Seu irmão Hamid — murmurou, com a voz entrecortada por soluços.

— Sim, diga o que é.

— Ele faleceu.

— Oh, não! — sussurrou, abraçando-se a ela.

Cobrindo os lábios com as mãos para não deixar escapar um grito de angústia, Caren fitou-o. Sabia o quanto ele amava o irmão. Várias vezes lhe falara dele e estava bastante entusiasmado com a viagem que fariam à Suíça, pois poderia revê-lo.

— Como aconteceu? — Derek indagou, com voz rouca.

— Numa corrida de carros. Ele estava competindo e sofreu um acidente... Houve uma explosão e ele teve morte instantânea.

— E papai, como está?

— Apesar de deprimido, parece reagir bem. Ele tem me ligado de hora em hora desde que a tragédia aconteceu... Gostaria de poder estar ao lado dele, mas, como todos nós sabemos, é impossível.

— Vou para lá imediatamente!

— Oh, que bom, meu filho. Eu esperava que você fizesse isto. Já providenciei um carro para levá-lo ao aeroporto. Seu pai precisa muito de você neste momento.

Uma hora mais tarde, Derek estava pronto para partir e Caren andava de um lado para o outro, sem saber o que fazer. Jamais se sentira tão atordoada em sua vida.

Vestindo terno escuro e o tradicional turbante, Derek desceu as escadas com ar triste e severo.

— Mamãe, será que pode ficar com Caren até eu voltar?

— Claro, meu querido.

— Sinto muito por tudo isso — Caren falou, com voz embargada. — Transmita meus pêsames à esposa de Hamid e a seu pai.

— Está bem — ele sussurrou, despedindo-se dela com um beijo frio e distante.

Com um enorme peso no coração, ela viu o marido partir na limusine negra que o levaria ao aeroporto.

Tensa, abraçou-se a Cheryl e ambas confortaram-se mutuamente.

CAPÍTULO XIV

Os dias que se seguiram à partida de Derek foram de desespero para Caren. Com a morte prematura de Hamid, Derek passava a ser o herdeiro direto do sheik, o que teria enorme repercussão na vida do casal.

Com toda a certeza, o sheik exigiria do filho o mesmo nível de sacrifício a que ele um dia também se submetera: divorciar-se da esposa para se casar com uma mulher de sua mesma raça e assumir o papel no governo de seu país.

Na noite em que ele viajara, Cheryl e Caren jantaram juntas. A atmosfera estava pesada, e nenhuma das mulheres tinha ânimo para conversar.

Finalmente, saíram da mesa, deixando a refeição intocada, e dirigiram-se cada uma para o próprio quarto, completamente abatidas pelo sofrimento.

Incapaz de conciliar o sono, Caren debateu-se de um lado para o outro na cama por longas horas, até que, vencida pela tristeza, rompeu num choro sentido. Já de madrugada, mais aliviada, conseguiu dormir por algumas horas.

Na manhã seguinte, ao descer para o café, encontrou Cheryl, que a olhou com ar bastante preocupado: — Você está tão pálida... Não passou bem a noite?

— Não. Tive um sonho horrível.

— Quer conversar sobre isso?

— Acho que sim. Creio que me sentiria melhor.

— Então, conte-me o que a afligiu tanto.

— Bem, no pesadelo, vi a imagem de Derek perfeitamente. Pude perceber cada detalhe de seu rosto, os cabelos brilhando ao sol mas, aos poucos, ele foi desaparecendo, tornando-se cada vez mais distante, até que sumiu por completo.

Após o término da narrativa, um silêncio pesado dominou o ambiente. Ambas sabiam que aquele sonho tinha um significado muito real: com a morte do irmão, Derek teria que assumir seu lugar, o que o obrigaria a afastar-se definitivamente da esposa.

Pelo resto do dia, Caren e Cheryl esforçaram-se ao máximo para agir com naturalidade, mas todas as tentativas foram inúteis. Com o passar do tempo, desistiram de procurar distrair uma à outra e começaram a partilhar suas incertezas.

Disposta a não se deixar vencer pelo desânimo, Caren continuou a realizar todas as tarefas a que estava acostumada.

Pelas manhãs, saía para cavalgar e, em algumas vezes, podia sentir a imagem de Derek a seu lado, sorrindo-lhe com os lábios vermelhos e úmidos. Aquilo só servia para aumentar-lhe ainda mais a solidão. Ele deixara um espaço vazio em seu coração, e não havia nada que a fizesse sentir-se melhor.

Há primeira semana transcorreu como se tivesse durado um ano. Mesmo passando longas horas no ateliê, entregue às esculturas, Caren tinha a impressão de que o tempo se arrastava.

Uma tarde, foi surpreendida pela visita de Cheryl, que jamais a interrompia enquanto estivesse trabalhando.

— Caren, posso entrar? — pediu, batendo de leve na porta.

— Claro! — respondeu, limpando as mãos num pedaço de pano.

— Não atrapalho? — indagou, entrando com uma bandeja.

— De jeito nenhum. Eu já ia sair daqui.

— Daisy nos preparou uma jarra de limonada e também assou alguns biscoitos.

— Ela é uma pessoa incrível... — Caren falou, num sussurro, afastando algumas ferramentas para que Cheryl colocasse a bandeja sobre a mesa.

— Este é o biscoito favorito de Derek — Caren murmurou. — Uma noite destas, ele comeu quase uma dúzia... Imagine! — disse, com um sorriso triste.

— Daisy também sente saudades dele... Nós estamos até parecendo três fantasmas assombrando esta casa, à espera de nosso amo. —- Suspirou, bebendo sem prazer um gole de limonada. — Acho que este sempre foi o papel da mulher na sociedade: esperar o marido voltar da guerra, ou das viagens de além-mar.

— Não concordo... Isso foi há muito tempo. Agora estamos no século XX e tudo isto faz parte do passado.

— Será?

Incapaz de corresponder ao olhar frio de Cheryl, Caren limitou-se a servir-se de um pouco de suco.

— Suas esculturas são fantásticas — a outra comentou, procurando dar um rumo mais otimista à conversa. — Derek já havia me falado sobre elas, mas pensei que os elogios dele fossem apenas os de um marido orgulhoso de sua esposa. Agora, vejo que me enganei. Ele não estava exagerando nem um pouco. Você tem mesmo muito talento.

— Obrigada... Só espero que o público também goste do que faço...

Especialmente agora.

Percebendo a preocupação na voz da nora, Cheryl aproximou-se dela e segurou-lhe a mão entre as suas.

— Então é isto que a incomoda, minha querida?

— O quê? — perguntou, sem coragem de fitar a sogra.

— O que irá lhe acontecer daqui por diante agora que Hamid está morto.

— Sim, é verdade — respondeu, aliviada por ter a chance de confessar suas angústias. — O que acha que vai ocorrer? Será que seu marido exigirá de Derek que ele ocupe o lugar do irmão?

— Provavelmente. E você, o que acha?

— Sou da mesma opinião — disse, controlando-se para não chorar.

— Afinal, Derek é o primeiro na linha de sucessão.

— Sei disso.

— Além do mais, ele é um perfeito líder: é querido e respeitado no mundo árabe, apesar de ter sempre demonstrado sua preferência pelo mundo ocidental. — Depois de sua breve pausa, Cheryl continuou: — O que você vai fazer se Derek tiver de assumir o papel que lhe é destinado?

Erguendo-se do banquinho em que estivera sentada até aquele momento, Caren caminhou em silêncio pelo estúdio, organizando os próprios pensamentos.

— Jamais conseguiria levar a mesma vida que você, Cheryl — falou, finalmente.

— Como assim?

— Eu não saberia ser uma escrava de Derek. Longe de sentir-se ofendida, a outra sorriu antes de responder.

— Então é isso que você pensa que sou para Amim? Bem, acho que é esta a impressão que a maioria das pessoas tem.

— Lembra-se do dia do meu casamento? Al-Tasan praticamente a arrastou para o quarto no hotel.

— Ê verdade — concordou, rindo. — Bem, deixe-me explicar o que aconteceu naquele dia. Assim, você entenderá a atitude de Amim, Naquela manhã, nós estávamos na cama quando recebemos o telefonema nos informando da situação que você e Derek enfrentavam. Como era de se esperar, ele não via a hora de poder terminar o que havia começado.

— Oh! ... — murmurou Caren, enrubescendo diante da franqueza da outra mulher.

— A única coisa que realmente me escraviza é o amor. Na realidade, tenho

mais liberdade que a maioria das mulheres. Moro numa linda casa e faço o que quero.

— A não ser quando Al-Tasan exige sua presença em algum lugar e você tem de ir correndo para ele.

— Eu vou porque quero, e não porque me sinto obrigada.

— E não lhe incomoda o fato de que ele tem outra mulher e que teve filhos com ela?

— Claro que me incomoda, Caren. Qualquer ser humano em meu lugar ficaria perturbado com algo assim... Mas isto não é o mais importante. Existem outras coisas em minha vida que eu gostaria de ter mudado se pudesse, e uma delas é o fato de não ter tido outro filho. Amim e eu concordamos há muito tempo que não deveríamos ter outra criança. A infância de Derek foi muito complicada pela nossa separação, e não queríamos infligir este sofrimento a mais ninguém.

Suspirando, colocou o copo de limonada sobre uma das mesas e aproximou-se da nora.

— Eu amo Amim, desde o momento em que o vi pela primeira vez, e sei que ele também me ama. A esposa legítima dele pode ter tudo: o sobrenome e muitos filhos, mas sou eu a dona de seu coração. Nunca duvidei de que ele me considerava sua verdadeira mulher, e não a outra... Caso contrário, já teria me abandonado quando o pai o obrigou a divorciar-se de mim. Poderia inclusive ter levado Derek consigo, e eu nunca mais o veria. Isto tudo só prova que nosso amor é muito maior do que qualquer casamento oficial.

— Mas você e Derek sofreram muito.

— É verdade. Mas Amim também enfrentou muitos problemas e ainda os enfrenta até hoje, principalmente para manter os repórteres longe de mim. Ele me protege contra este tipo de gente que gosta de fazer sensacionalismo à custa dos outros... Poucas pessoas são capazes de entender um relacionamento como o nosso. Imagine se nossa história chegasse aos jornais: iodos pensariam que não passo da simples amante de um homem rico e poderoso... — Lançando um olhar triste pela janela, Cheryl suspirou profundamente e prosseguiu: — Amim precisa de minha companhia, apesar de todo poder e riqueza que possui! Por isso, sempre que posso, estou ao lado dele para dar-lhe apoio. Faço tudo que estiver a meu alcance para torná-lo feliz, pois amo-o muito!

Num gesto espontâneo, aproximou-se de Caren e abraçou-a com carinho.

— Você ama meu filho? — indagou num sussurro.

— Sim... Muito!

— Então, fique sossegada. De um modo ou de outro vocês encontrarão uma solução para os problemas que aparecerem.

Na hora do jantar, Cheryl sentia-se bem mais à vontade com relação à nora, especialmente por ter-se desabafado com ela naquela tarde. Caren, ao contrário, estava mais preocupada do que nunca.

Assim que terminou de comer, cruzou os talheres, pediu licença e subiu para seus aposentos.

Lá chegando, jogou-se na cama e deixou que as lágrimas que vinha segurando há muito tempo corressem-lhe livres pelo rosto.

"Oh, Deus... Que será de mim de agora em diante?", pensava, recordando-se do que Cheryl lhe dissera a respeito de seus problemas com o sheik Al-Tasan.

Mesmo enfrentando dificuldades, "Cheryl parecia muito feliz ao falar dele, pois aquela fora a vida que escolhera para si.

Caren, no entanto, sabia que jamais conseguiria ser como Cheryl. Nunca se satisfaria em ficar aguardando o chamado do marido, para só então correr ao encontro dele. Para ela, era tudo ou nada: caso não pudesse ser a esposa de Derek por tempo integral, preferia perdê-lo para sempre.

Já havia sofrido muito com o primeiro casamento, vivendo durante sete anos à sombra de Wade, e não pretendia passar por tudo outra vez, submetendo-se aos caprichos de um homem.

Além do mais, o poder que o sheik exercia sobre Derek era forte demais para que ela pudesse lutar contra ele. Sabia que não dispunha de forças para recuperar o marido para si, principalmente porque ele jamais lhe falara de amor.

Desolada, concluiu que a melhor solução seria partir dali, deixar para trás aquela casa que já considerava seu lar, as pessoas que haviam-se tornado seus amigos e o homem que amava.

Não se sujeitaria a ficar esperando pela volta de Derek, iria abandoná-lo e deixá-lo livre para seguir o próprio caminho. Pelo menos assim evitaria ser rejeitada mais uma vez.

Às dez horas da manhã, no dia seguinte, Caren já havia feito as malas. Escrevera uma carta para o marido e colocara-a num envelope, juntamente com a aliança de casamento. Pegando a bagagem, desceu as escadas e dirigiu-se à sala de jantar. Encontrou a sogra tomando café e lendo o jornal.

—- Bom dia — Cheryl falou com um sorriso, que logo se desfez. — Querida, você vai viajar? — indagou, preocupada.

— Estou deixando esta casa. Escrevi um bilhete para seu filho. Está sobre a escrivaninha dele — ela respondeu, com frieza.

— Mas...

— Vou com o carro que ele me deu de presente. Mas, por favor, diga-lhe que, assim que puder, eu o mandarei de volta.

— Não acredito que você esteja falando sério... Para onde vai?

— Ainda não sei. Provavelmente retornarei a Washington, embora a idéia não me agrade muito. Pretendo montar um estúdio em algum lugar perto de onde Kristin estuda. Peça a Derek para guardar minha correspondência e diga-lhe que mandarei alguém buscar minhas esculturas o mais rápido possível. Também gostaria de comprar o equipamento que vai ficar aqui, se puder acertar um preço razoável com ele.

— Derek vai ficar aborrecido... Tem certeza sobre o que está fazendo?

Neste instante, Daisy entrou na sala para retirar a mesa e, tendo ouvido os planos de Caren, não pôde deixar de falar: — O patrão vai ficar furioso.

— Oh, Daisy, obrigada por tudo. Você tem sido maravilhosa comigo e não sei como lhe dizer o quanto apreciei sua ajuda... — Depois, dirigindo-se às duas: Agora, por favor, não digam mais nada. — Esforçava-se para não chorar. — Já pensei muito sobre este assunto... As circunstâncias de meu casamento com Derek foram bastante incomuns, para dizer o mínimo... Acreditem-me, assim será melhor para nós dois. Vou dizer adeus a Zarifa e partirei em seguida.

Apressadamente, antes que as duas mulheres pudessem ver as lágrimas que teimavam em brotar-lhe dos olhos, Caren saiu da casa, indo em direção ao veículo estacionado em frente.

Após ajeitar as malas no banco traseiro do carro, colocou-o em movimento e rumou para os estábulos.

Lá chegando, não encontrou a égua. Assustada, perguntou a um dos empregados onde se encontrava o animal.

— No pasto, ao sul da fazenda — o funcionário respondeu. — A senhora sabe qual é?

— Sei, obrigada.

O lugar a que ele se referia ficava próximo à estrada, e Caren poderia ir direto para a rodovia depois de se despedir do animal favorito.

Dez minutos depois, chegou ao local, onde alguns cavalos pastavam na relva verdejante.

Deixando o automóvel estacionado na pequena estrada que cortava a

fazenda, atravessou uma cerca e chamou por Zarifa, como Derek lhe ensinara. A égua respondeu com prontidão, aproximando-se da dona.

Acariciando o pêlo macio do animal, Caren murmurou: — Vou sentir falta de você, minha companheira...

Então, incapaz de conter a emoção, rompeu num choro silencioso.

— Vou sentir saudades de Derek — confessou para si, enquanto grossas lágrimas queimavam-lhe as faces.

Exausto, após viajar a noite toda, Derek espreguiçou-se ao descer do avião no aeroporto Dulles. Tirando o casaco amarrotado, caminhou decidido para a saída.

Havia acabado de desembarcar do jato que seu pai lhe emprestara para que pudesse retornar o mais rápido possível à fazenda. Agora, iria para o heliporto, de onde um aparelho o levaria para sua propriedade.

Ansioso, mal podia esperar para rever Caren. Apesar de todo o cansaço que o invadia, o simples fato de pensar nela o fez andar mais rápido.

Pretendia fazer-lhe uma surpresa, por isso não lhe telefonara avisando-a da chegada.

Com passadas largas, chegou ao helicóptero, dentro do qual um piloto já o aguardava.

Assim que Derek subiu e colocou o cinto de segurança, eles partiram.

O dia estava limpo. Enquanto voavam, observavam a beleza das árvores, cujas folhas começavam a tingir-se de dourado pela proximidade do outono.

Feliz por estar voltando para casa, Derek ia fazendo planos para quando chegasse lá.

Depois que tomasse um banho e descansasse, convidaria Caren para um passeio a cavalo. Queria voltar a ter momentos alegres, principalmente para esquecer a tristeza que vivera com a morte do irmão tão querido.

Consciente de que a vida devia prosseguir, o pai lhe fizera mais uma vez o convite para que ele, Caren e Cheryl fossem a seu encontro na Europa, onde passaria algum tempo.

Sorrindo para si mesmo, Derek pensou que Al-Tasan devia estar ansioso para rever Cheryl. Recordou-se de como provocava o pai por causa da falta que sentia da ex-esposa.

Agora, no entanto, se arrependia de ter zombado dele. Aqueles dias que ficara longe de Caren lhe mostraram como a situação dos pais era difícil.

A viagem transcorreu sem incidentes e logo o piloto pousava o helicóptero com grande facilidade, perto da sede da fazenda.

Agradecendo-o, Derek retirou a valise que havia colocado atrás do banco e saltou para o chão, mal podendo conter a alegria.

— Oi! — gritou entusiasmado ao ver Cheryl e Daisy se aproximarem. — Onde está Caren?

Correndo até ele, a mãe o abraçou apertado, escondendo o rosto para que Derek não visse seus olhos vermelhos.

— Mamãe, o que está acontecendo aqui? — indagou, obrigando-a a fitá-lo.

Esperava ver Caren vir recebê-lo, mas a demora dela começara a preocupá-lo.

— Oh, meu querido... Ela foi embora e acho que foi tudo por minha culpa.

— O quê? Foi embora? ... Por favor, mamãe, pare de chorar e me diga o que está acontecendo.

Engolindo as lágrimas, Cheryl explicou, com hesitação: — Hoje, pela manhã, ela desceu as escadas com duas malas, dizendo que iria partir. Daisy também ouviu.

— É verdade, senhor — a governanta confirmou.

— Ontem à noite, nós conversamos sobre minha vida com seu pai e talvez ela tenha me interpretado mal, pensando que a estivesse aconselhando a separar-se de você como Amim e eu tivemos que fazer.

— Acalme-se, mamãe... Qual foi o motivo que ela deu para ir embora assim?

— Nenhum. Ela disse uma porção de coisas que não entendi direito... Ah, sim! E deixou um bilhete para você no escritório.

— Para o inferno, o bilhete! Sabe para onde ela foi?

— Bem, ela disse que desejava se despedir de um cavalo...

— Quanto tempo faz?

— Não sei... Uns vinte minutos, talvez meia hora. Fiquei tão atordoada que perdi a noção do tempo...

Sem esperar para ouvir o resto, Derek praticamente voou para os estábulos.

Assim que entrou, vários empregados vieram atendê-lo, surpresos com a volta repentina do patrão.

— Onde está a senhora Allen? — ele indagou, aflito.

— Ela passou por aqui e perguntou por Zarifa. Eu lhe disse que a égua estava no pasto. Então, a senhora Allen falou que iria até lá... O senhor quer o caminhão? — murmurou um dos funcionários, oferecendo-lhe um molho de chaves.

— Não! Selem o Mustafá. Com ele irei muito mais rápido, cortando

caminho pelos campos.

Rapidamente, o cavalo foi preparado e Derek montou, saindo em disparada.

— Adeus, Zarifa — Caren sussurrou pela última vez, sabendo que estava dizendo adeus também aos melhores dias de sua vida.

Virando-se, caminhou devagar para o carro, mas, antes de alcançá-lo, parou, escutando o galope de um animal que se aproximava.

Com o coração aos saltos, olhou para onde vinha o barulho, quase desfalecendo diante do que viu: Derek parecia voar, atravessando os pastos em grande velocidade, com Mustafá.

Curvado sobre a sela, com a camisa branca tremulando ao vento, ele parecia saído de um conto de fadas. Apesar de já estar bem perto dela, não diminuiu o ritmo da corrida e avançou, deixando-a petrificada de medo.

Abaixando-se ainda mais sobre Mustafá, Derek esticou um braço e enlaçou Caren pela cintura, colocando-a junto de si na garupa do cavalo.

Assustada, ela fechou os olhos e agarrou-se ao marido, temendo cair, embora ele a estivesse segurando com força contra o peito.

Instantes depois, sentindo-se mais segura, abriu os olhos e viu que chegavam perto de uma cerca.

Com enorme facilidade, o animal saltou sobre o obstáculo e, obedecendo às ordens de Derek, reduziu a velocidade até parar. Então, ambos desceram.

Completamente sem forças, devido ao susto que passara, Caren jogou-se de costas sobre um monte de feno e fitou o marido, ansiosa para saber como seria a reação dele diante de mais esta sua tentativa de fuga.

Devagar, ele ajoelhou-se, colocando uma das pernas por entre as dela e, no instante seguinte, deitou-se sobre o corpo bem delineado, prendendo-a no chão.

— Você é minha mulher... — sussurrou-lhe ao ouvido. — Não vou deixar que parta.

Em seguida, beijou-a com paixão, provando-lhe o gosto da boca repetidas vezes, com tanta intensidade que Caren quase enlouqueceu de desejo.

No momento em que suas bocas separaram-se, ele acariciou-lhe o pescoço com os lábios ardentes, arrancando-lhe gemidos de prazer.

— Você não vai me deixar... Não vai... Não vai... — Derek murmurou, corri voz rouca.

Depois de fazerem amor, Derek ajudou Caren a subir em Mustafá e, com calma, voltaram para casa num galope tranqüilo, trocando beijos e carícias apaixonadas, que reacenderam a chama da paixão entre eles.

Foi preciso muita força de vontade por parte de ambos para que, chegando à sede da fazenda, conseguissem tomar um banho c vestirem-se para jantar com Cheryl, ainda preocupada que a nora fosse mesmo partir.

Só depois de terminarem a sobremesa foi que a convenceram de que tudo estava bem outra vez.

— Oh, meus filhos, ainda bem que tudo já passou — ela falou, comovida.

— Fique tranqüila, mamãe — disse Derek, trocando olhares cúmplices com a esposa.

Assim que Daisy acabou de tirar a mesa, Cheryl, disposta a deixar o casal a sós, a convidou para irem a um cinema. Compreendendo as intenções da visitante, Daisy aceitou o convite imediatamente.

Assim que as duas mulheres saíram, Derek e Caren correram escada acima, mal podendo esconder sua excitação.

Despindo-se, deitaram-se lado a lado na enorme cama.

Em seguida, Derek deslizou o corpo em direção ao ventre de Caren e, apoiando-se sobre um dos cotovelos, começou a acariciar-lhe o abdômen com a língua, fazendo-a suspirar de desejo.

— O que faria se estivesse esperando um filho meu? — ele indagou, dando-lhe pequenos beijos. — Tenho feito tudo o que posso para engravidá-la, mas acho que não estou me saindo muito bem.

— Derek, você sabe que não estou usando nenhum tipo de anticoncepcional, mas até agora não senti nenhum sinal de gravidez...

— Mas você poderia muito bem estar... Talvez neste exato momento nosso bebê esteja crescendo aqui dentro.

— Foi por esta razão que voltou para mim?

— Não.

— Então, por que foi? Seu pai e sua mãe foram obrigados a se separar quando ele teve de assumir o governo do país. Pensei que você fosse fazer o mesmo.

— Acontece que meu pai e eu somos duas pessoas diferentes. Ele não teve outra escolha, pois foi criado para isto. Eu, ao contrário, considero-me um cidadão americano... Amo meu pai, adoro a cultura árabe com seus mistérios e suas belezas, mas não tenho compromissos morais ou políticos com o Oriente Médio.

— E seu pai não vai exigir que você fique ao lado dele, agora que Hamid faleceu?

— Não. E1e sabe que não tem este direito.

— E será que ele não tem raiva de mim por eu não ser árabe?

— Claro que não — murmurou, beijando-lhe o sexo. — É claro que alguns netos o deixariam mais propenso a gostar de você...

— Seu chantagista! — zombou, dando-lhe um tapinha no ombro. — Venha cá e me beije.

Obediente, ele deitou-se sobre ela e apoderou-se da boca delicada, sorvendo-a com ardor. Em seguida, mordiscando-lhe o lóbulo da orelha, sussurrou: — Quero ficar com você aqui para sempre.

— Não sente saudade de sua vida de playboy? Nunca acreditei que fosse homem de se casar e ter filhos... Você só o fez porque foi obrigado.

— É isto que você acha? — perguntou, tocando-lhe o rosto com ternura. — Caren, minha querida, saiba que me casei com você porque foi a única maneira que encontrei para mantê-la junto de mim.

— O quê? — perguntou, incrédula. — O que está dizendo?

— Que a amei desde o primeiro instante que a vi. Quando soube que você havia fugido de mim, só faltei virar a Jamaica de ponta-cabeça para encontrá-la... Quase morri de alegria quando meu pai mandou me buscar dizendo que tinha um problema sério para discutir comigo, e eu descobri que o "problema" era você.

— Não entendo... Naquele dia, em que nos encontramos forçadamente no Departamento de Estado, você parecia sentir raiva de mim.

— Para ser sincero, eu estava morrendo de raiva... Mas, ao mesmo tempo, estava louco de vontade de fazer amor com você. Se Speck Daniels não tivesse tirado aquelas fotos, facilitando as coisas para mim, eu a teria encontrado de qualquer maneira...

Grossas lágrimas começaram a rolar dos olhos de Caren, emocionada com as palavras do marido.

— E você nunca mais vai voltar à sua vida de aventuras, querido?

— Pois saiba que antes de conhecê-la eu já não agüentava mais tanta inconseqüência... Saiba que faltava algo em minha existência, mas não conseguia definir o que... Até o dia em que tropecei em você na praia... Agora, só o que desejo é passar o resto da minha vida ao seu lado — concluiu, tocando-lhe o bico do seio com a ponta da língua.

— Mas, Derek — ela murmurou, com a voz entrecortada pela excitação. — Jamais serei uma mulher submissa. Viver com você é maravilhoso, mas quero ter minha própria independência.

— Sei disso, querida — sussurrou, fitando-a intensamente. — E, acredite,

não tenho nada contra.

— Mas o sucesso que estou fazendo como escultora não lhe incomoda?

— Claro que não! Ninguém tem mais orgulho dele do que eu. Se você precisar de minha ajuda, eu a darei, mas nunca vou interferir em seus negócios.

— Oh, Derek, como eu te amo!

— Eu também te amo muito, Caren.

— Mal posso acreditar que esteja me falando isto.

— Não me diga que não sabia...

— Você nunca disse nada...

— É verdade, pode ser que não tenha me expressado com palavras, mas demonstrei meus sentimentos por você muitas vezes.

— Então, demonstre de novo.

— Só se você puser isto — pediu, colocando-lhe a aliança de casamento no dedo.

— Obrigada por devolvê-la...

— Obrigado por voltar para mim.

— E agora?

— Bem, agora...

Com uma expressão maliciosa nos olhos, ele afastou-lhe as pernas longas e delgadas e deitou-se entre elas.

Ao sentir-lhe o sexo rijo e quente à procura do seu, Caren gemeu baixinho.

— Eu amo você desde o dia em que a vi na praia com aquela expressão assustada e inocente no rosto...

Achei-a tão diferente das outras mulheres... tão terna, Enquanto falava, Derek pressionava-lhe os mamilos lentamente.

Meu amor — Caren suspirou. — Quero que me penetre, agora ...

Derek atendeu-lhe o pedido. Naquele instante, não só seus corpos, mas suas mentes e suas almas se uniram, formando uma só pessoa, um só ser, ligados eternamente pelo amor sublime que sentiam um pelo outro, e que nada no mundo poderia destruir.

FICHA TÉCNICA

Digitalização: Joyce
Revisão: Cynthia M.